

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PSICOLÓGICA CLÍNICA EM INSTITUIÇÃO
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL E PSICOSSOCIAL - LACLIFEP

JÉSSICA CAROLINE DE MORAES VERÍSSIMO

**PLANTÃO PSICOLÓGICO EM INSTITUIÇÕES: POSSIBILIDADES
COMPREENSIVAS DA AÇÃO CLÍNICA**

Recife/PE
2019

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PSICOLÓGICA CLÍNICA EM INSTITUIÇÃO
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL E PSICOSSOCIAL - LACLIFEP

JÉSSICA CAROLINE DE MORAES VERÍSSIMO

**PLANTÃO PSICOLÓGICO EM INSTITUIÇÕES: POSSIBILIDADES
COMPREENSIVAS DA AÇÃO CLÍNICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, como requisito para obtenção do título de Mestra em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto

Coorientadora: Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato

Recife/PE

2019

V517p Veríssimo, Jéssica Caroline de Moraes

Plantão psicológico em instituições : possibilidades
compreensivas da ação clínica / Jéssica Caroline de Moraes
Veríssimo, 2019.

149 f. : il.

Orientadora: Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Coorientadora: Henriette Tognetti Penha Morato
Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia
Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2019.

1. Psicologia clínica. 2. Aconselhamento psicológico.
3. Consulta psicológica. 4. Fenomenologia existencial.
I. Título.

CDU 159.9

Luciana Vidal - CRB-4/1338

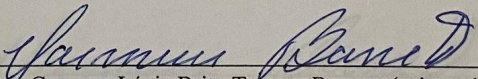
JÉSSICA CAROLINE DE MORAES VERÍSSIMO

**PLANTÃO PSICOLÓGICO EM INSTITUIÇÕES: POSSIBILIDADES
COMPREENSIVAS DA AÇÃO CLÍNICA**

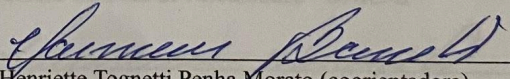
Dissertação apresentada à Banca Examinadora,
como requisito para obtenção do título de
Mestra em Psicologia Clínica, pelo Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Clínica da
Universidade Católica de Pernambuco.

Aprovada em: 31 de outubro de 2019

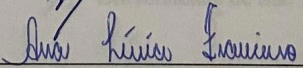
BANCA EXAMINADORA




Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato (coorientadora)
Universidade de São Paulo - USP



Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



Profa. Dra. Suely Emília de Barros Santos
Universidade de Pernambuco - UPE

Recife/PE
2019

Dedicatória

À Cristina e Veríssimo pelo nosso amor, cuidado, investimentos afetivos que ressoam, sobretudo, por sempre acreditarem em mim.

Epígrafe

Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente no chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará um imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero o seu fluxo. Nova era, esta minha, e ela me anuncia para já (Lispector, 1998, 16).

Reconhecimento de gratidão

Gratidão a proteção dos anjos de luz e a presença do divino Pai eterno em minha vida.

Reconheço gratidão a minha família, minha base edificada em três grandes pilares: minha mãe, meu pai e meu irmão. Mãezinha, minha rainha: a primeira mulher a me apresentar o amor, és presença, cuidado, força, entrega, zelo e desprendimento. Painho, meu guerreiro: és solo fértil de amor irrigado às margens do rio São Francisco... o senhor a que me refiro, és paciência, sensibilidade, sabedoria e fortaleza. Homero, meu irmão-amigo, Memé: és proteção, aconchego, inteligência, te agradeço pela formiguinha, aquela, que me possibilitou enxergar a vida de um outro modo. Vocês são força, meu porto seguro, o lar que habito e pertenço, sem a terra fértil deste lar, eu não chegaria até aqui, para nós, todo amor do mundo. Juntos cultivamos a forma mais sublime do amor.

Gratidão à voinha, Ivone Moraes, minha avó-madrinha, uma das primeiras mulheres a me apresentar quando criança pequena, sobre como é ser amada, cuidada, sem sinalizar nada mais que a presença. és solo fértil e fortalecedora de entrelaçamentos.

Reconheço gratidão à Tia Sandra, pela presença, por ser âncora e sensibilidade, tua companhia sempre foi espaço de renovação, admiro teu modo de ser-mulher.

Gratidão à Lucas, o meu amor, companheiro de vida, das idas e vindas não só me acompanhando durante o mestrado, mas pela presença e cuidado com a nossa história. Fostes paciência e compreensão sobre minhas ausências durante a escrita da dissertação. Tenho admiração genuína pelo que temos construído.

Reconheço gratidão à Carmem Barreto, minha orientadora, inspiração profissional desde o início da minha relação com a Psicologia. Estar contigo, tão de pertinho, me possibilitou ter mais clareza sobre a mulher-inspiração que és para mim, representas ética, sabedoria, sensibilidade, cuidado e afeto. Gratidão pelo que construímos, pela paciência, liberdade e ensinamentos, te ouvir falar é sempre um afago à vida vivida.

Gratidão à Henriette Morato, minha orientadora, mulher psicóloga-inspiração, o nascedouro desta pesquisa se deu pelas tuas construções profissionais sobre o Plantão. Ler teus escritos sempre foi mobilizador de ação para mim. Estar com você durante os trinta dias da pesquisa foi incrível. Gratidão por ter me possibilitado estar em ação com as instituições, me concebendo a oportunidade de dar início ao campo da pesquisa.

Reconheço gratidão à Suely Emília, outra inspiração profissional para mim. Mulher que me convidou a estar em Plantão desde o início da minha trajetória acadêmica, gratidão pela luta e força.

Gratidão à Mel, Lucas e Sté: tenho um sentimento genuíno de amor pelo que fizeram por mim, vocês cederam a casa, o lar de vocês, fazendo morada em meu coração. Obrigada pela parceria, pelo cuidado, pelo colo, pelas conversas, por terem sido aconchego para mim durante a pesquisa de campo. Minha eterna gratidão pelo lar, vocês me fizeram sentir em casa e em família. A vocês, o meu até logo!

Reconheço gratidão aos meus amigos: Amanda Sá, Cecília, Eugênia, Izabel, Ana Paula, Camille, Grazielle, Tháiris, Tamires, Priscilla, Lucas, John (in memoriam), Letícia, Valéria, Jailton, Bruno, Juliet, Danila, Isabelle... gratidão pelo companheirismo e escuta atenta. Vocês foram/são terreno fértil para o cuidado e o amor.

Gratidão ao corpo docente desta casa, pelos ensinamentos, compartilhar de experiências e pelo aprendizado.

Reconheço gratidão à Lucas, meu psicoterapeuta, pela escuta atenta e cuidadosa.

Gratidão aos meus clientes de psicoterapia, e aos clientes que foram trânsito e mobilizam ação nos Plantões.

Reconheço gratidão à USP e às instituições em que transitei.

Gratidão aos atores-colaboradores e todos os plantonistas que estão em ação e suportam o contingente do imprevisível desta prática inspiradora. Sou tatuada pelas experiências vividas por nós em ação.

Resumo

Plantão psicológico em instituições: possibilidades compreensivas da ação clínica

O Plantão Psicológico (PP) é uma modalidade de prática psicológica, que surgiu em 1969, na Universidade de São Paulo (USP), fundamentado no Aconselhamento Psicológico, constituindo como serviço, com o objetivo de diminuir as filas de espera no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp). A presente pesquisa tem como objetivo compreender a Ação Clínica de psicólogos no Plantão Psicológico em instituições, a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais. Especificamente: apresentar o percurso histórico e epistemológico do Plantão Psicológico; problematizar as singularidades dos modos de fazer o Plantão Psicológico; e compreender as diversas possibilidades de Plantão Psicológico em instituições. Na tentativa de compreender a questão norteadora: “Como é para você ser plantonista/supervisor do Plantão Psicológico no Departamento Jurídico (DJ) / Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico (APP) / Hospital Universitário (HU) / Conjunto Residencial da USP (Crusp)?” Os pressupostos da fenomenologia hermenêutica contribuíram para a tematização da Ação Clínica e do Plantão Psicológico em instituições. Participaram da pesquisa cinco plantonistas e/ou supervisores de campo que tivessem mais de dois anos de experiência nesta modalidade de prática psicológica. Foram feitas entrevistas narrativas, gravadas e transcritas; bem como, a pesquisadora escreveu diários de campo e a cartografia clínica. Como via de acesso à análise das entrevistas narrativas, foi utilizado como método a “Movimento de Realização”: desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação de Dulce Critelli (1996) e as “Constelações Centrais” de sentido inspiradas em Heloísa Szymanski (2018). O trânsito cotidiano em instituições apresentou ressonâncias na relação dialógica do encontro do ser plantonista/supervisor. Com os clientes no PP. O PP, em instituições, mostrou-se como possibilidade da apropriação compreensiva do acontecimento clínico. O caminho da pesquisa, enquanto viagem sentida e vivida, desvela a Ação Clínica da natalidade da experiência de ser plantonista, enquanto narrativa-viva. A narrativa, seja ela falada ou escrita, apresentou ressonâncias da tematização da elaboração da experiência em atendimento individual, em grupo ou atendimento domiciliar. Apontando o modo de ser cuidadoso no encontro, como via de acesso da pluralidade-singular de ser plantonista/supervisor em instituições.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Ação Clínica, Fenomenologia Existencial, Instituições.

Abstract

Psychological duty in institutions: comprehensive possibilities of Clinical Action

The Psychological Duty (PD) is a modality of psychological practice that arose in 1969 at the University of São Paulo (USP), based on Psychological Counseling, constituting as a service with the aim of reducing the queues in the Psychological Counseling Service (PCS), from the Institute of Psychology of the University of São Paulo (IPUSP). This research aims to understand the clinical action of psychologists in the Psychological Duty in institutions from existential phenomenological assumptions. Specifically: To introduce the historical and epistemological path of the Psychological Duty; Problematize the singularities of the ways of doing the Psychological Duty and Understand the possibilities of Psychological Duty in Institutions. In an attempt to understand the guiding question: “How is it for you to be an psychologist on duty / Supervisor of the Psychological Duty in the Legal Department (LD) / Psychological Duty Care Project (DCP) / University Hospital (UH) / Residential Complex of the University of São Paulo (RCUSP)?”, The assumptions of hermeneutic phenomenology, contributed to the thematization of Clinical Action and Psychological Duty in institutions. Five psychologists on duty and / or field supervisors who had more than two years of experience in this type of psychological practice, participated of this research. Narrative interviews were realized, recorded and transcribed; the researcher wrote field diaries and clinical cartography. As a way to access the analysis of narrative interviews, “Movement of Realization” was used as method of unveiling, revelation, testimony, veracity and authentication (Critelli, 1996) and the “Central Constellations” of meaning inspired by Heloisa Szymanski (2018). The daily passage in institutions came up with resonances in the dialogical relationship of the meeting of being a psychologist on duty / supervisor with clients in P.D. The P.D in institutions proved to be a possibility of comprehensive appropriation of the clinical event. The path of research as a lived journey unveils the clinical action of birth from the experience of being on duty, as a living narrative. The narrative, whether spoken or written, presented resonances of the thematization of the elaboration of the experience in individual, group or home care. Pointing the way to be careful in the meeting, as a way of accessing the singular plurality of being an psychologist on duty / supervisor in institutions.

Keywords: Psychological Duty, Clinical action, Existential Phenomenology, Psychological Action, Institutions

Lista de tabelas

Tabela 1 - Abreviaturas e siglas

Tabela 2.4.1 – Descritores, Justificativas e Descritores Associados

Tabela 2.4.2 - Revisão de literatura – 1997 a 2019

Tabela 2.4.3 – Descritores: Instituições e Plantão Psicológico

Tabela 2.4.4 - Descritores: Instituições e Ação Clínica

Tabela 2.4.5 - Descritores: Instituições e Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Tabela 2.4.6 - Descritores: Plantão Psicológico e Instituições

Tabela 2.4.7 – Descritores: Plantão Psicológico e Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Tabela 2.4.8 - Descritores: Plantão Psicológico e Ação Clínica

Tabela 2.4.9 - Descritores: Ação Clínica e Plantão Psicológico

Tabela 2.4.10 - Descritores: Ação clínica e Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Tabela 2.4.11 – Descritores: Ação Clínica e Instituições

Tabela 2.4.12 – Descritores: Fenomenologia Existencial Hermenêutica x Ação Clínica

Tabela 2.4.13 - Descritores: Fenomenologia Existencial Hermenêutica e Plantão Psicológico

Tabela 2.4.14 - Descritores -Fenomenologia Existencial Hermenêutica e Instituições

Tabela 3 - Apresentação sócio-demográfica dos atores-colaboradores

Lista de Abreviaturas e siglas

Tabela 1 - Tabela de abreviaturas e siglas

TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PP	Plantão Psicológico
ANPPEP	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
IPUSP	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
D.J	Departamento Jurídico XI de Agosto
H.U	Hospital Universitário
CEIP	Centro Escola do Instituto de Psicologia
A.P.P	Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico
AMORCRUSP	Associação de Moradores da Universidade de São Paulo
SAS	Superintendência de Assistência Social
CRUSP	Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo
SAP	Serviço de Aconselhamento Psicológico
LEFE	Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia
PSA	Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano
F.E.H	Fenomenologia Existencial Hermenêutica
A.C	Ação Clínica
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz

IES	Instituições de Ensino Superior
H.G	Hospital Geral
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNIVASF	Universidade do Vale do São Francisco
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
UPE	Universidade de Pernambuco
NUEFE	Núcleo de Estudos em Fenomenologia Existencial e Práticas Psicológicas
TEDE	Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações
Index-Psi	Index Psi Livros
SIBiUSP	Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo
SCIELO	Scientific Library Online
PePSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
BVS-psi	Biblioteca Virtual em Saúde
Lilacs	Index Psicologia - Periódicos técnico-científicos
BDTD	Biblioteca Brasileira de Teses e Doutorados
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
A.P	Aconselhamento Psicológico
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
SAP/UPE	Serviço de Atenção Psicológica Professora Lindair Ferreira de Araújo da Universidade de Pernambuco

Sumário

Como as histórias nasceram: a semente da Recém-Chegada	14
2 Introdução	23
3 O Enraizamento do Plantão Psicológico	34
3.1 A Psicologia Humanista	37
3.1.2 Psicologia Humanista no Brasil	39
3.2 O Plantão Psicológico: raízes no Aconselhamento Psicológico	41
3.3 Plantão Psicológico e a Perspectiva Fenomenológica Existencial.....	47
3.4 O Estado da Arte como Via de Acesso à História do PP no Brasil: Desdobramentos do PP entre 1997 e 2019	54
3.4.1 Desdobramentos da Caracterização do Estado da Arte	56
4 Hodós Metá – Explorando os Caminhos pelos Ramos.....	77
4.1.Explorando o Método	77
4.2 Campo da Pesquisa: Caminhando pelos Ramos	80
4.2.1 Plantão no Departamento Jurídico XI de Agosto: Um Ramo	81
4.2.2 Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP (Ceip-USP): Um Ramo	82
4.2.3 Hospital Universitário: Um Ramo	84
4.2.4 Centro de Residência de Estudantes da USP: Um Ramo.....	86
4.3 Os Colaboradores da Pesquisa.....	87
4.3.1 Apresentando Os Atores-Colaboradores	90
4.4 Modalidades de Investigação da Pesquisa	92
4.5 A Análise das Narrativas da Pesquisa	96
5 O Plantão Psicológico: A Árvore da Vida	100
5.1 A Singularidade do Plantão Psicológico nos Diversos Ramos	100
5.2 A Narrativa como Possibilidade de Descoberta dos Ramos no PP	117
5.3 A Forma(a)ção no Plantão Psicológico: à margem do rio	122
5.4 Sombra, ação clínica: o modo singular de fazer-Plantão	127
5.5 Transitando entre instituições: o modo como corpo é percebido no PP	133
6 Sombras refrescantes: ramific(a)ções entre cactos.....	137
Referências	142
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	155

Como as histórias nasceram: a semente da recém-chegada

A semente nova
tem fé.
Ela se enraíza mais fundo
nos lugares
que estão
mais vazios
(Estés, 1996).

Começo, apresentando o espaço da minha experiência de recém-chegada na Psicologia (graduação), objetivando tornar explícito o meu percurso até a tematização da minha questão de pesquisa. Hesitante entre tantas práticas psicológicas, ganho fôlego! Um caminho, um percurso, uma escolha: a pesquisa do mestrado. Poderia ser mais uma daquelas histórias que guardamos para nós ou compartilhamos apenas com os mais próximos, mas seria insuficiente. Eu ainda queria mais, tinha sede de troca, de descobertas, de partilhas e de (com)partilhamentos.

Havia uma inquietude, um atravessamento em meus questionamentos; era um processo de recombinar atos das cenas que rememoravam uma ação: foram e são descobertas na clínica. A clínica se fez verbo. Mas não era qualquer uma, era a minha, o meu modo de clinicar. Estava me tornando clínica antes de me tornar psicóloga, atravessada por uma prática que grita por pedido de cuidado e escuta: eis a clínica da urgência, que atravessava o Plantão Psicológico (PP).

Eu, recém-chegada na graduação, fui convidada para fazer parte de um projeto acadêmico de extensão universitária, que realizou PP em uma comunidade do interior de Pernambuco, e atravessada, ainda, por esta experiência, direcionei meu estágio curricular para o Serviço de Atenção Psicológica Professora Lindair Ferreira de Araújo da Universidade de Pernambuco (SAP-UPE), com ênfase no PP e a Psicoterapia.

Durante a minha formação, percebi a importância de transitar em projetos de extensão, que tivessem o PP como modalidade de prática. Era o nascedouro da minha intenção de conjugar elementos que contemplassem uma possível compreensão sobre

esta *práxis*.¹ Algo mais capturava a minha atenção e percepção. Desvelavam-se novos modos de compreender os atravessamentos deste fazer clínico no PP. Fui ampliando minha visão, por meio dos diferentes contextos sociais em que o PP acontecia. Percebi, também, que a pluralidade das minhas experiências se mostrava como testemunho do vivido pela clínica. Surgia, talvez, a apropriação do meu lugar, enquanto plantonista.

Na graduação, realizei uma pesquisa de campo como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pesquisando sobre questões relacionadas à formação. A formação sempre foi uma temática que captura a minha atenção e convida à reflexão, como também o interesse pela perspectiva fenomenológica existencial. Esta se fez presente no grupo de estudos denominado de Núcleo de Estudos em Fenomenologia Existencial e Práticas Psicológicas (Nuefe), que funciona na Universidade de Pernambuco (UPE). E, é neste contexto, que inicio a narrativa como recém-chegada na pesquisa e também na Psicologia e no Plantão Psicológico, sobretudo na perspectiva fenomenológica existencial.

Em meu TCC, entrevistei quatro psicólogos em formação, que, como eu, cursavam o último ano do Curso de Psicologia e estagiavam em um serviço-escola do Estado de Pernambuco. As ressonâncias desta pesquisa ressaltavam a formação, reverberando nas práticas psicológicas em instituições. Elaborando o término da graduação e o início do mestrado, percebi que ainda existiam inquietações relacionadas ao meu clinicar, as quais me levavam a questionar algumas práticas psicológicas e o meu modo de fazer neste contexto.

Nessa travessia, recordo-me que, em 2012, eu estava no segundo ano da minha graduação em Psicologia e, como já havia mencionado, era membro ouvinte desde 2011 do Nuefe. Neste espaço, eu pude compreender um pouco do solo que começava a se mostrar fértil e, nele, pude ir cuidando das minhas “plant(a)ções” em Psicologia. Em 2012, surge uma parceria entre a Universidade de Pernambuco (UPE) e a Universidade de São Paulo (USP), especificamente com o Laboratório de Estudos em Fenomenologia

¹ “Considera-se o termo *práxis* psicológica e não prática, visando marcar o caráter ético de ação na comunidade. Ético diz respeito a disponibilizar, ao sujeito ou instituição demandante, cuidado responsável às singularidades dirigido ao bem-estar. Disponibilidade revela que projetos de extensão universitária marcam-se como presença: constância e permanência nas instituições, por intervenções, não pontuais nem pré-determinadas” (Morato, 2009, p. 34).

Existencial (LEFE), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp), vinculado ao projeto Bandeira Científica da USP. O Lefe é o laboratório que desenvolve projetos de intervenção em Modalidades de Práticas Psicológicas, à luz da perspectiva fenomenológica existencial, coordenado por Henriette Tognetti Morato. As modalidades de práticas psicológicas se constituem como serviços às instituições, a partir da ação clínica de psicólogos e psicólogos em formação (Morato, 2009).

Tendo em vista esta parceria, apresento brevemente o projeto Bandeira Científica. É um projeto acadêmico de extensão universitária de promoção à saúde, vinculado à Cultura e Extensão Universitária e à Faculdade de Medicina de São Paulo (Fmusp) e tem o objetivo de implementar ações de promoção, proteção e/ou recuperação de saúde. Nesta direção, o projeto mobiliza diversas áreas acadêmicas da USP e diversos bandeirantes que são discentes da graduação, pós-graduação e egressos, com o objetivo de desenvolver ações sociais de formações bem variadas, incluindo a Psicologia. Possibilita a inserção desses graduandos em uma cidade ou comunidade, de pequeno/médio porte, localizada em outro Estado do Brasil, que carece de recursos necessários para desenvolvimento de políticas públicas na área de saúde (Guedes et al., 2009) e desenvolve um projeto de inserção social em parceria com alunos e professores da instituição escolhida, como parceira. São desenvolvidas atividades interventivas, educativas, assistenciais e científicas, previamente definidas, após um reconhecimento das demandas de cada município.

Se hoje eu ainda me considero uma recém-chegada na Psicologia, imagina em 2012... Lá, talvez eu ainda fosse uma semente, na descoberta de solos, mas não sozinha, acompanhada. Engajada no projeto, nos dez dias de expedição do projeto Bandeira Científica em Afogados da Ingazeira/PE, pude ir conhecendo espaços e entrando em contato com a prática psicológica, deixando-me conhecer e me misturando com o cenário, ação semelhante ao processo de plantação.

Lembro que nos dias de expedição, eu sempre ia dormir, pensando: “posso me considerar psicóloga, com dez dias intensos de atendimentos clínicos, em meu 4º semestre de graduação?” Foram várias narrativas, naquela época, que fazem recordar como transbordava questionamento que, agora vou me dando conta, ressoa até hoje; aquela época é o agora. Talvez o conhecimento acadêmico diga que não, mas minha

experiência gritava que sim, que algo estava brotando, surgindo, nascendo. Era o nascedouro da minha formação clínica. Foram tantos gritos, que percebi que necessitava de algo a mais: amadurecer minha escuta e meu olhar clínico, estudar mais, conhecer mais o PP e, sem dúvida, a Psicologia Clínica. Era uma semente em formação, que continua seu processo de germinação.

Não entendia muito bem o que era e qual era a proposta de atendimento de plantão a ser realizada numa dupla formada por um plantonista mais antigo, com um mais novo. Iniciei como plantonista, a que acompanhava o mais experiente. Tal inquietação continuou durante o percurso da minha formação e da pós-graduação. E, em tais situações, percebi que, além de plantonista, já estava atuando como supervisora. Como se deu essa passagem? Que tipo de escuta, escuta o plantonista? Mas será que existe um tipo? O que me respalda para ser supervisora, além dos dois anos de experiência como psicóloga na área?

Minhas narrativas, anotadas no meu diário de campo após os atendimentos, me faziam pensar/questionar e me davam certa legitimidade, através da comunicação clínica, como processos de elaboração da minha experiência. No entanto, ainda se mostravam insuficientes. Eu precisava de mais narrativas, de mais histórias, de encontros e de cenários sociais, para mergulhar em minha questão. Como fui me modificando? Como foram as coloridas e dolorosas marcas desse caleidoscópio em meu reconhecimento, enquanto Arlequim? Impossível dar início à metaforização do Arlequim, sem apresentar o meu lugar de fala, a partir do diálogo com o Arlequim, como possibilidade compreensiva para o desenvolvimento da pesquisa:

[...] Tu te vestes como o roteiro de tuas viagens? – diz ainda o belo espírito pérfido. Todo mundo ri. Eis o rei apanhado e envergonhado. Arlequim logo adivinha a única saída para o ridículo da situação: basta tirar este casaco que o desmente. Levanta-se, hesitante, olha boquiaberto os panos de seu traje; em seguida, com ar de bobo, olha para o público e de novo para seu casaco, como que tomado de vergonha. A plateia ri, um pouco abobalhada. Ele demora, se faz esperar. O Imperador da Lua enfim se decide. Arlequim se despe. Após muitas caretas e contorções inábeis, acaba por deixar cair aos seus pés o casaco disparatado. Um outro envoltório cambiante aparece então: por baixo do primeiro véu, ele usa um segundo farrapo. Estupefata, a plateia ri de novo. É preciso então recomeçar, já que o segundo envoltório, semelhante ao casaco, se compõe de novas peças e de velhos pedaços. Impossível descrever a segunda túnica sem repetir, como uma litania: tigrada, matizada, zebreada, constelada ... Arlequim continua então a desvestir-se. Sucessivamente, aparecem uma outra roupa mourisca, uma nova túnica recamada, em seguida uma espécie de véu estriado e ainda uma malha ocelada, multicolorida... A sala explode, cada vez mais surpreendida. Arlequim nunca chega ao último traje, enquanto o penúltimo reproduz

exatamente o antepenúltimo: diversificado, compósito, rasgado ... Sobre si, Arlequim traz uma camada espessa desses casacos de arlequim. [...] – Assim como o corpo – respondiam os doutos – assimila e retém as diversas diferenças vividas durante as viagens e volta para casa mestiçado de novos gestos e de novos costumes, fundidos nas suas atitudes e funções, a ponto de fazê-lo acreditar que nada mudou para ele, também o milagre laico da tolerância, da neutralidade indulgente, acolhe, na paz, todas as aprendizagens, para delas fazer brotar a liberdade de invenção e, portanto, de pensamento (Serres, 1993, p. 2-3).

Do lugar que falo, não existe um modo de fazer PP, não existe um único traje, um único cenário social; existem pressupostos para a Ação Clínica no PP, que foram se mostrando como camadas mestiças estriadas, semelhantes ao acolhimento de todas as aprendizagens que possibilitam brotar a liberdade da invenção, a autonomia da criação, que não é aleatória e irresponsável, é supervisionada. Seríamos nós, plantonistas, todos arlequins? O que direciona o constelar da nossa ação? Eis o encontro historial.

Eu me vi tatuada como a semente de uma árvore. A tatuagem ganhou novos contornos e se estendeu pelo meu corpo e meu ser-psicóloga, e, hoje, me pergunto: eu habito o Plantão ou o Plantão Psicológico me habita? Não consigo pensar em minha formação, sem enxergar as nuances que perpassam este fazer.

Ao pensar em Psicologia, eu penso em PP e em como essa prática me acompanhou a graduação inteira. Esteve presente, tanto no projeto Bandeira Científica, como nas ações que desenvolvia na graduação na UPE: o PP na rua, em praça pública, em serviços-escola, dentro e fora dos muros da universidade. E estes cenários sociais me fizeram acreditar que, mesmo me percebendo plantonista, não existe um modo de fazer PP, não existe um único espaço em que ele possa acontecer, e quando acontece, em cenários diferentes, algo muda. Este algo que hoje ainda não sei nomear. Seriam os atravessamentos do campo? Mais especificamente, indicam a necessidade de atentar para o modo como estamos cuidando desse espaço que diz da Psicologia, da formação, da ética, da estética, da política, do cuidado, diz de nós humanos, diz de mim, enquanto profissional.

Considero que, o que me mobilizou ao longo da graduação e se presentifica no mestrado não indica simplesmente a necessidade de descrever uma prática psicológica em instituições, seu rigor científico e metodológico. Na realidade, a preocupação suscitada no meu caminhar aponta para a necessidade de pensar as ressonâncias que atravessam esta *práxis* psicológica, buscando refletir sobre os cenários sociais em

diversas instituições, como possibilidade de compreender tais ressonâncias. Afinal, minha experiência com a oferta do serviço de PP, em diferentes cenários, foi se desvelando de modo plural, solos diversificados, que remeteram às roupagens do tipo arlequim-mestiço.

Talvez eu me surpreenda, mas minha experiência de recém-chegada, como psicóloga, mostra a lente de sutis e avassaladoras mudanças desse fazer em instituições que, agora, talvez, eu não consiga nomear tão explicitamente. Sinto que existem e que precisam ser narradas. Contar histórias é uma ação cuidadosa, com aquilo que diz de mim e das minhas experiências. E ser pesquisadora é ainda mais zeloso, pela responsabilidade na escrita, e na fala do outro, pelo encontro de experiências: é o sentido ontológico da pré-ocupação.

Diante de interrogações, a partir do vivido, surgiu a necessidade de pesquisar sobre o PP, modalidade de prática psicológica que, além de apresentar sutis mudanças significativas ao longo do tempo, abria a possibilidade de recolher, por meio de testemunhos dos atores sociais, os gritos da dor do existir. Seria o PP uma via de acesso à compreensão do sofrimento contemporâneo em diversas nuances e velocidades das demandas sociais emergentes?

Como psicóloga, as inquietações sobre as modalidades de práticas psicológicas continuavam, não no sentido de sua eficácia, mas pensá-las a partir daquilo que me inquieta e convida a pesquisa, considerando a multiplicidade de propostas e de serviços. Assim, o mestrado em Psicologia Clínica se mostrou como um espaço possível e fértil para discutir e olhar para a semente daquela recém-chegada na Psicologia e que teve o PP, como uma prática que a acompanhou, atravessando sua formação.

Nesta direção e por conhecer, brevemente, o percurso histórico e epistemológico do PP, senti a necessidade de conhecer o solo onde o PP, aqui considerado como uma planta grande, foi semeado, para buscar encontrar suas raízes e, desse modo, ir acompanhando o crescimento do caule, dos ramos, das folhas e dos frutos. Assim, pensar em pesquisar sobre o PP me levou à USP, na busca de entrar em contato com o surgimento desta prática, que se deu, inicialmente, como modalidade do Aconselhamento Psicológico. Hoje, já fecundada pela perspectiva fenomenológica

existencial, demanda ainda ser pensada na direção de compreender as ressonâncias da Ação Clínica nos cenários sociais e as ramificações emergentes da “dor do existir”.

Assim, chegamos a delimitar o nosso tema de pesquisa que se apresentou relevante, por refletir os desafios da ação do psicólogo em seus diversos contextos e em diversas modalidades de prática psicológica: “Como compreender a Ação Clínica no Plantão Psicológico em instituições?”

Durante a minha inserção institucional, já no campo de pesquisa, busquei conhecer os serviços de PP ofertados em instituições diversas e que compunham o projeto de extensão do Lefe. Transitei durante trinta dias pelos serviços vinculados ao projeto desenvolvido pelo Lefe. Lá chegando, não me senti estranha. As leituras prévias me suscitaram um sentimento de pertença e de cuidado. Experimentei e participei em tempo real de discussões e sobre formas de construir e pensar pesquisas, atreladas ao PP, como possibilidade de apresentar os caminhos e as descobertas do que já vem sendo produzido nos muros da universidade e para além de suas fronteiras. Inserida em tal contexto, afetada pelas transformações perpetuadas pela experiência, retomo minhas raízes fincadas pelo e no solo da Bandeira Científica e, outra vez, me deparo com o PP fecundado pela perspectiva fenomenológica existencial.

Neste contexto, tem sido possível pensar na rede tecida pelo Lefe, para atender às demandas de diversas instituições, o que reverbera em diferentes modos de fazer PP. O cenário da pesquisa foi se constituindo, enquanto rede composta, atualmente pelas seguintes instituições: o Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ), o Hospital Universitário (HU), o Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP (Ceip) e o Conjunto Residencial da USP (Crusp).

Antes de apresentar como as instituições se mostraram para mim, gostaria de dizer que ser narradora de mim mesma, com outros, não tem sido fácil; demanda cuidado, mas se mostrou aprendizagem: é entrega, é ação.

Narrar minha própria experiência é um modo de compartilhar o que em mim transborda, o que parece não caber em mim e necessita ganhar sentido outro e (com)partilhado. É o corpo em caleidoscópio – “do grego Kalós (Belo) + eídos (forma) + -skopeîn (olhar)” (Houaiss, 2009 citado por Cabral & Morato, 2019, p. 89), em que, revestida em espelhos, através de pedaços de vidros coloridos e multifacetados, pude ir

me descobrindo, pesquisadora-plantonista atravessada pelo reflexo produzido no movimento da minha experiência andarilha – sou. Através do eu-no-campo, fui construindo um caleidoscópio atravessado pela mistura infinita do meu olhar, da experiência que se ilustrou dentro do campo. O caleidoscópio espelha coautoria, coparticipação. Sua construção se deu através das narrativas em que meu olhar foi capturado, bem como por meio do desvelamento da manifestação da pluralidade da compreensão dos fenômenos. Assim, construído por meio da mestiçagem do testemunho da ação dos atores-colaboradores com os registros do eu-pesquisadora-no-campo, pelo qual pude reconhecer diversas possibilidades de se fazer PP.

Assim, começa minha história como uma visitante-andarilha-plantonista no LEFE, e estas ramificações continuam, através dos ecos que aqui serão narrados. No LEFE, cinco histórias foram narradas, ouvidas e contadas, e continuarão atravessadas entre a ponte que liga Pernambuco ao Sudeste, enquanto ao que ressoa. São narrativas da vida vivida, tatuadas de formas assimétricas, acrescidas às já registradas em meus diários de bordo, que me inquietaram durante os cinco anos enquanto plantonista, enquanto andarilha. Percebi, assim, a singularidade de fazer PP, que vai se transmutando nas diversas instituições que acolhem essa ação psicológica, que se apresenta nos cenários sociais de uma prática clínica.

Assim, atravessada pelas diversas experiências narradas, a temática da pesquisa a ser realizada no mestrado vai tomando corpo e direciona o meu caminhar. Caminhar que foi sendo construído pelos percursos trilhados na Bandeira Científica e na UPE. Depois, continuou na Unicap e, finalmente, no LEFE (USP), e agora vai se abrindo como uma possibilidade de tematização.

Introdução

A modalidade de prática do Plantão Psicológico (PP) vem sendo teorizada e praticada de diversos modos dentro e fora dos muros das universidades brasileiras. É uma modalidade pluralizada e multifacetada que possibilita compreensões diversas acerca da sua caracterização. De todo modo, importa apresentar que o PP “é fenômeno a ser estudado e também metodologia de estudo, pois a forma com a qual as reflexões são conduzidas assemelha-se muito ao próprio modo do atendimento em Plantão Psicológico: uma ação que, em sua matriz, é essencialmente clínico-investigativa” (Morato, 2006, p. 01). A ação torna a linguagem, própria da narrativa, como via de acesso ao processo clínico-investigativo.

A narrativa possibilita encaminhar uma compreensão das ressonâncias de uma modalidade de prática psicológica clínica em instituições e justifica a intenção de adentrar neste(s) cenário(s). Como via de acesso PP em instituições, utilizou a Cartografia Clínica “como meio de inserção institucional” (Braga; Filho Oliveira, 2019, p. 102). Deste modo, “a Cartografia não se encerra, pois a atitude cartográfica aproxima-se da Ação Clínica, ao repensar possibilidades do Plantão Psicológico no contexto institucional dinâmico: atores institucionais repensando suas atitudes” (Morato, 2009, p. 33). Compreendo que o narrador cartógrafo, atento às questões pertinentes no contato cotidiano do campo, possibilita conhecer as instituições, através dos atores sociais/clientes, que compuseram as instituições escolhidas. Aun (2005, p. 117) sugere que modalidades de práticas psicológicas, em instituições, demandam o início de uma cartografia, “ao mesmo tempo em que inventam territórios, ampliam seu olhar e intervenção para além do pedido inicial de ajuda, feito apenas por um ator institucional.”

Caminhando nesta direção, buscou-se encontrar vestígios dos relevos, tanto através da literatura, como no próprio experienciar, que se apresentavam no modo de diálogos tecidos sobre estes espaços institucionais e a Ação Clínica de psicólogos.

As instituições são espaços possíveis para que as modalidades de práticas psicológicas possam ser desenvolvidas. Consideramos que uma instituição pode buscar

“auxílio psicológico a seus membros [...], por entrar em contato com demandas do público para as quais os seus recursos não são suficientes, ou por necessitar construir espaços de diálogo para a efetivação de projetos” (Braga, 2014, p. 70).

A instituição, aqui, também compreendida como clínica-escola, em que atores sociais/clientes solicitam atendimento psicológico, seja ele individual ou em grupo. Para tal, faz-se necessária a implementação de projeto de incentivo à pesquisa e extensão. Psicólogos em formação recebem orientação e supervisão clínica para o direcionamento do atendimento aos atores sociais. Nesta modalidade de supervisão clínica é possível “contemplar e discutir problemáticas vividas no cotidiano dos atores na instituição e a ampliação das possibilidades de compreensão da ação profissional” (Braga, 2014, p. 89). Neste sentido, “a supervisão denota um espaço em que histórias da prática cotidiana possam ser contadas; as interpretações, comunicadas; as dificuldades ponderadas, as conquistas comemoradas; enfim, uma oportunidade para que o sentido do que fazem possa ser dito e recriado” (Braga, 2014, p. 90)

Percebe-se, através do diálogo com Morato (2015, p. 62), que a proposta dos serviços-escolas é de incentivo à iniciação da *práxis*. Ainda é perceptível, porém, através das narrativas de alguns psicólogos em formação e dos docentes, a queixa da ineficiência das modalidades de prática que norteiam os atendimentos aos clientes. Deste modo, é através da inserção de psicólogos em formação nestes cenários, que podemos investir em pesquisas, através da construção de narrativas dos “incômodos da insuficiência e completude teórica da concepção científica da modernidade.” Deste modo, esmiuçar a Ação Clínica em instituições se mostra como espaço para repensarmos o que é representado como modelo teórico na formação de psicólogos. Também se mostra relevante contextualizar os cenários sociais para compreender as modalidades de prática psicológica.

Morato (2015) compreende que a prática psicológica em instituições "poderia impor-se como elemento facilitador do processo de aprendizagem do psicólogo," uma vez que temos o encontro com a tríade de ensino, pesquisa e extensão. Os entrecruzamentos das diversas modalidades necessitam de intervenções em orientação e supervisão clínica. Espaços cruciais para a “elaboração da experiência na compreensão dos fenômenos de subjetividade e intersubjetividade” (p. 63).

Concebe a nós pesquisadores, um espaço frutífero para o encontro com narrativas sobre experiências com o Plantão, possibilitando o diálogo a ser compartilhado sobre as práticas psicológicas desenvolvidas e de que modo a *práxis* de cada profissional reverbera com o compromisso ético-político-estético com a formação e a ação clínica.

É importante esclarecer nossa dimensão compreensiva acerca do “compromisso ético-político-estético”. O caminho a ser tracejado, agora em diante, atravessa sem dúvidas, a educação e a saúde. Aponta-se para considerações do cenário político atual, este, tem reverberado em sofrimentos da ruptura do sistema educacional, bem como, encaminha-se para o desmonte à saúde. Pensar de que modo os profissionais da saúde se implicam na organização/instituição, é um convite à dimensão ética-política-estética do profissional.

O delineamento compreensivo de escrita desta pesquisa, desdobra-se também, por meio do âmbito social. Deste modo, reverbera “ao indivíduo e às coletividades, uma contínua atividade de ‘fazer sentido’ (corte e costura, modelagem) como forma de tessitura de um solo humano para a existência, de um lugar humano para existir – um ethos” (Figueiredo, 2007, p. 16). Ainda, “pensar a comunidade no plural é também pensar as práticas ético-políticas de uma estética da existência contemporânea, marcadas pela enunciação de um discurso público”. (Duarte & César, 2011, p. 156).

Pesquisar sobre o plantão psicológico é estar em comunidade e estar em ação no plantão, concebe ao plantonista o acesso a arte em *práxis* por meio do território (instituições/organizações), do âmbito público com desdobramentos “desterritorializados”. Por desterritorialização, aqui, compreendemos enquanto fenômenos da ação via *poiesis*, é arte em transformação, sendo processo criativo, autopoético (Guatarri, 1992). Assim, o paradigma estético por meio *da práxis*, a arte se desvela, testemunhando a capacidade de enfrentamento dos papéis estabelecidos através da prática profissional (Ribeiro, 2019).

Experenciar o diálogo da *práxis* via *poiesis*, pode ser compreendido assim, como via de acesso à ética, política e estética, estas, “são as assinaturas, as qualidades que Guattari quer ressaltar em todo ato de criação, seja ele filosófico, científico ou

artístico [...] tudo que pode ter a chance de contribuir, por pouco que seja, para os processos de subjetivação em vias de singularização” (Ribeiro, 2019, p. 4).

Assim, revela-se “uma estética da existência que questiona o primado contemporâneo das identidades sociais previamente determinadas, “abrindo” o sujeito para novas formas de relação consigo, com os demais e, portanto, com o mundo” (Duarte & César, 2011, p. 164, grifo nosso). A ação politicamente é coletiva, nunca em isolamento (Arendt, 2000), neste processo, há o acesso a *práxis* profissional, o compromisso ético-político-estético do plantonista em ação e transformação, sendo possibilidade de recompor a *práxis* (Ribeiro, 2019).

Na descoberta do cenário social/instituição, a compreensão da experiência se desvela como afetação e transformação e ressoa em encontros de significância, desvelando-se em um acontecimento dramático de “transformações e decisões que resistem e se opõem a qualquer captura pelo outro” (Barreto, 2006, p. 180). É importante ressaltar que tal incompletude, também presente no cenário da formação, aponta também incômodos quanto ao modo como as teorias são apresentadas, repercutindo na compreensão da Ação Clínica, ação própria de cada psicólogo em formação.

Tal compreensão levou a pesquisadora a inserir o âmbito da formação no cenário social, na busca de explorar as possibilidades que lhe foram apresentadas. A ênfase na formação aponta para a necessidade de rearticulação ético-estético-política no direcionamento e continuidade de trabalhos e pesquisas em seus contextos institucionais, visando uma construção dialógica com a teoria e os eixos de significação da Ação Clínica em saúde.

A clínica vai se constituindo nos desafios da “solicitude, fundamentada na escuta” (Morato, 2017, p. 20), que emergem nas instituições e vão configurando modos possíveis de fazer PP vinculados à rede de projetos ofertados pelo Lefe/USP. Etimologicamente, o sofrimento significa carregar, suportar ou tolerar uma dor. Ainda nesta direção, Rebouças & Dutra (2010, p. 21) ressaltam que o sofrimento “[...] é anterior à dor, por fazer parte da complexidade da experiência humana em seus diversos aspectos, pois mesmo que não exista dor, existirá um sofrimento, mas acontece que esse

sofrimento na maioria das vezes emerge como dor e insiste em permanecer como sintoma orgânico.”

Diante de um contexto tão complexo, a pesquisadora desenvolveu a capacidade de elencar alguns desafios que foram se apresentando neste caminhar. Tais desafios orientaram a definição dos objetivos da presente pesquisa, que subsidiou a dissertação construída. Assim, pesquiso a possibilidade de compreender a Ação Clínica de psicólogos no Plantão Psicológico em instituições, a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais. Especificamente, desdobrou-se nos seguintes objetivos: - apresentar o percurso histórico do Plantão Psicológico; - problematizar as singularidades dos modos de fazer o Plantão Psicológico; – e compreender as diversas possibilidades de Plantão Psicológico em instituições.

Ou seja, dirijo-me a compreender a Ação Clínica de psicólogos em instituições, a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais e as diversas possibilidades de PP em instituições, através das narrativas dos atores que compõem os cenários sociais da modalidade interventiva, necessário para compreender os modos de fazer PP. Além desta preocupação, também é importante apresentar, brevemente, o percurso histórico do PP, abordando as questões epistemológicas, que consistem como via de acesso a possíveis tematizações da caracterização desta modalidade de prática psicológica.

Concomitantemente à contextualização do cenário da pesquisa, que são as instituições, o percurso histórico e epistemológico do PP possibilitou resgatar as raízes que fundamentam o surgimento deste fazer na Psicologia. Esmiuçar suas raízes, para pensar nas contribuições e nas diversas fundamentações teóricas e epistemológicas que foram se apresentando até os dias de hoje, não é só um desafio, mas se constitui como uma consideração ética, estética e política, para com os plantonistas em ação, bem como para aqueles que se interessam pela temática e possibilidade de prática.

Importa destacar que “há o estabelecimento de uma ética do ser. Nela, o indivíduo passa a conhecer o que é bom para seu vir-a-ser e para seu alojamento no mundo, acha-o belo e o ama” (Safra, 2005, p. 48). É “no encontro humano que a experiência estética inaugura possibilidade de existir como ser frente a um outro” (Safra, 2005, p. 42). “As experiências estéticas estão presentes desde o início da vida. Elas dão as condições para que o homem se constitua no mundo” (Safra, 2005, p. 49).

É possível indicar que, ainda hoje, há um grande desafio na busca de um entendimento por parte dos psicólogos, para compreenderem o que é o PP. Tal compreensão é fundamental neste contexto. Para tanto, apontar o lugar de onde se fala e de qual PP estamos nos propondo a investigar é um dos nossos propósitos. Nestas nuances, e considerando os diferentes modos e as diferentes orientações teóricas que caracterizam o PP, como também os cenários sociais possíveis de intervenção, é admissível indicar a gama de possibilidades e seus possíveis desdobramentos. Tal diversidade de compreensões sobre este fazer, reflete, em certa medida, o modo como esta prática foi sendo reconhecida e fortalecida na Psicologia. Diferenças que ficarão mais claras no capítulo sobre o nascedouro e o percurso histórico e epistemológico do PP.

É por assim pensar, que resgatar² e problematizar as singularidades dos modos de fazer PP se apresentam como um caminho possível e necessário para os profissionais e futuros profissionais que buscam, na fenomenologia hermenêutica, outra possibilidade para fecundar a clínica psicológica. Tal percurso norteará sobre a tematização dessa modalidade de prática, bem como irá apresentar os modos possíveis de suas singularizações em cada instituição, contexto que orienta a Ação Clínica dos plantonistas em Ação Clínica. É por assim pensar que recorremos a Barreto (2009, p. 22):

A hermenêutica assumida na analítica existencial como situação ontologicamente constitutiva da existência pode oferecer, enquanto pressupostos ontológicos, novas possibilidades de tematização da prática psicológica. Assumindo tais pressupostos, a prática psicológica aproxima-se da atitude hermenêutica e passa a ser compreendida como ação do psicólogo implicado no movimento de experiência do cliente, acompanhando-o na tarefa de ampliar aquilo que sabe pré-compreensivamente, possibilitando que, na sua situação concreta e singular, se compreenda e assuma o que ele está sendo e no que pode ser. É mediante a própria autodescrição da sua conjuntura e das suas maneiras de sentir-se e de responder a elas, que o cliente chegará a compreender-se como alguém que tem que ser e tem que decidir ser e como ser no conjunto das circunstâncias, as quais já lhe foram abertas na e pela exigência de interlocução na situação clínica. A experiência clínica caracteriza-se, então, como espaço de explicitação e apropriação da experiência existencial.

² “A palavra resgate significa recuperar, salvar e reanimar, tanto quanto conservar, defender, preservar e proteger” (Francisco, 2012, p. 70).

Pensar a instituição é pensar, não só na estrutura física em que este espaço é construído e constituído, bem como faz-se necessário analisar e compreender como o PP se mostra em espaços que estabelecem normas, regras e diretrizes comuns a uma organização/instituição.

Em diversos momentos desta introdução, houve menção à palavra instituição e/ou instituições. Como guia de reconhecimento à uma das terminologias bússolas desta pesquisa, considera-se importante integrar a significância atribuída no dicionário de Língua Portuguesa, em que fundamenta nossas compreensões por meio de. Assim, segundo Houaiss (2009):

Instituição \u-i\ s.f (sXV) **1** ato ou efeito de instituir, criação **2** cada um dos costumes ou estruturas sociais estabelecidas por lei ou consuetudinariamente que vigoram num determinado Estado ou povo <a i. da família> <a i. do casamento>. **3** estrutura material e humana que serve para à realização de ações de interesse social ou do coletivo; organização <a i. caridade> <a i. militar> **4** organismo público ou privado, estabelecido por meio de leis ou estatutos, que visa atender a uma necessidade de dada sociedade ou da comunidade mundial (*a O.N.U. é uma i. internacional*) **5** estabelecimento destinado ao ensino, à educação; instituto (Houaiss, 2009, p. 1091).

Considerando a definição apresentada, podemos indicar que instituições nos remetem a cenários sociais, espaços, reconhecidos como organizações de caráter público ou privado, em que há empreendimentos e são estabelecidas normas e regras de funcionamento. O campo desta pesquisa também é delineado pela palavra instituição. Esta palavra sugere adentrar em um espaço, conhecer o contexto. Nesta direção, aceitar um projeto de implementação de uma modalidade de prática psicológica em uma instituição poderia ser compreendido como instituir, mostrando-se como ação ao criar um outro modo de olhar e refletir sobre o que se apresenta, a partir do que já é reconhecido e instituído. Assim, a ação de adentrar em um contexto institucional é a ação da cartografia clínica. O delineamento deste encontro cartográfico, se dá pelo trânsito entre a “escuta e fala, a ação cartográfica clínica possibilita ao outro transitar por sua história, e encaminhar-se responsabilmente para o seu próprio cuidar de ser” (Morato, 2017, p. 29).

Para tal, cartografar a instituição é uma atitude ética, política, estética e formativa. Cartografar os contextos dos próprios serviços possibilita modos outros de

compreender, para além do que está claro, visível, posto, para além do que é instituído, e está encapsulado nesta nomenclatura. Instante por instante, é quando o instituinte se faz verbo e emerge a ação, a Ação Clínica do cartógrafo, com o olhar atento daquele que chega, mas que não permanece, por estar muitas vezes de passagem. A cartografia, ainda ressoa como possibilidade de significar outro sentido possível. Procede dizer que a “Ação Clínica busca pela fala tornar o outro um narrador de si mesmo pela escuta atenta e de um dizer ‘afetadamente’ encarnado do psicólogo ao outro, agora ouvinte” (Morato, 2017, p. 29).

Conhecer o campo da pesquisa emerge um contato singular e genuíno com o acontecer da pesquisa clínica em seus diversos processos. Acontecer, segundo Houaiss (2009, p. 38) é “v. (sXIII) **1** *t.i. int.* ser ou tornar-se realidade no tempo e espaço, seja por acaso, seja como resultado de uma ação, ou como o desenvolvimento de um processo ou a modificação de um estado de coisas, envolvendo ou afetando”. O trânsito cartográfico possibilita o encontro com o acontecimento clínico, em seu próprio tornar-se, em que nos envolve e nos afeta de modo inesperado pela criação da construção da narrativa cartográfica em si. Importa complementar que o acontecimento, segundo Houaiss (2009, p. 38) é o “**2** o que acontece ou se realiza de modo inesperado; acaso, eventualidade”. Não se programa o que iremos encontrar no campo, no encontro, no campo da afetação de ser pesquisadora e plantonista.

Diante do inesperado, a pesquisa se fez, houve identificação dos membros da equipe que estão envolvidos no funcionamento e no empenho de cada projeto, mostraram-se como um solo fértil e possível para o desenvolvimento da pesquisa. Não só o período de tempo em que o serviço foi implementado e seu funcionamento foi observado. O entre em que cada projeto está inserido, em cada instituição, quem são seus colaboradores, o que cada projeto objetiva também compõe a cartografia do PP em instituições, bem como possibilita pensar no percurso histórico em que foi inserido. Importa ressaltar que “esse contínuo e indefinido ‘entre’ passado e futuro, sutilmente se alonga e perdura, instaurando uma estranha permanência por meio da qual se suspende a vigência do passado e do futuro” (Duarte, 2010, p. 188).

Hoje, mostra-se palpável esmiuçar este percurso histórico, quando realizamos o levantamento do estado da arte, no qual a revisão de literatura sobre o PP vai sendo

construída e cartografada. Ao se apresentar como um mapeamento de publicações dos últimos vinte anos, vai se delineando como plural, e como possibilidades de compor o diálogo com as diversas compreensões que vão sendo encontradas nas diversas publicações consultadas.

O cuidado e ação, que é ética, estética e política, possibilitam pensar no empenho de pesquisadores e plantonistas que, a cada encontro, narrativa, supervisão, questionam a sua ação, na tentativa de, através de tais questionamentos, contribuir para a implementação e efetivação de um serviço. Tal ação solicita o envolvimento dos plantonistas dessa prática, a explicitação de cada contexto em que ela acontece, bem como possibilita traçar um panorama, para repensar a origem e a trajetória do PP.

Colher narrativas que unem histórias de plantonistas que pertencem aos diversos serviços possibilita compreender como as intervenções são atravessadas e alimentadas pelos plantonistas em seus atendimentos, como também indica para o modo como são tecidas as histórias dos atores sociais e dos próprios plantonistas, além de permitir outros encontros. Encontro historial das ressonâncias da dor do próprio existir. Será que esta dor é apenas dos atores sociais ou se desvela também nos plantonistas? Tais questionamentos vão ganhando forma e poderão ser esmiuçados posteriormente.

Até o presente momento, podemos inferir que para cada uma das quatro instituições que compõem esta pesquisa, foi construído um projeto que diz de um contexto institucional que reverbera nos supervisores, plantonistas e atores sociais envolvidos. Será que encontramos semelhanças entre as instituições pesquisadas e seus projetos, ou apenas diferenças?

Uma instituição, como já explicitado, se apresenta como o que é circunscrito em uma caracterização, que pode reverberar em seu rigor teórico e prático, como um cenário propício para uma modalidade de prática psicológica. Tal compreensão, contudo, nos remete ao pedido do homem contemporâneo,³ em que ramificações na

³ “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber, não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. [...] O contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpellá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe pelo rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (Agamben, 2009, p. 63-64). Deste modo, segundo Paulon (2004, p. 264), “trata-se muito mais de questionarmos as novas formas com

escuta das dores do existir possibilitam acessar as ressonâncias plurais de possibilidades de inserção da Psicologia em cenários sociais.

Diante de tal contexto, podemos perguntar se a narrativa dos plantonistas pode desvelar a experiência vivida. Até o presente momento, podemos dizer que ser plantonista é corpo, é pele, é uma possibilidade de ter acesso ao panorama de compartilhamento de angústias. Assim, as experiências de cada ator-colaborador desta pesquisa possibilitam considerar a instituição como cenário social, podendo talvez indicar possíveis modos de compreender a Ação Clínica e até repensar a modalidade de prática do PP em instituições.

Deste modo, a tessitura desta temática foi se configurando e se consolidando como questão de pesquisa, “Compreender a Ação Clínica de Psicólogos no Plantão Psicológico em instituições a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais hermenêuticos.”

Nesta breve introdução, apresentei, um pouco, o campo de pesquisa e como fui sendo afetada por ele e pelos atores-colaboradores. Passo agora a apresentar e discutir o levantamento do estado da arte. Este percurso foi guia fundamental para levar adiante os questionamentos derivados do campo, trazendo indicações, não só sobre as instituições e os espaços onde acontecem os serviços de PP, como também apontaram para a diversidade desta modalidade de prática. Diversas foram as descobertas, através do estado da arte, e que possibilitaram reconhecer a pertinência da pesquisa em seus diversos aspectos. Tais descobertas serão apresentadas a seguir.

que o sofrimento psíquico se apresenta, os sintomas sociais contemporâneos se impõem e os modos pelos quais os fazeres “psi” estão estruturados para atendê-los.”

3 O enraizamento do Plantão Psicológico

A gestação do espaço psicológico foi sendo possível, através da abrangência de pressupostos epistemológicos de conhecimentos, em suas possibilidades de modalidades de práticas psicológicas. Deste modo, revisitar a história da Psicologia, para resgatar o seu surgimento e o atravessamento das fronteiras, até a implementação de determinadas práticas psicológicas, se apresenta como uma tentativa de adentrar e recorrer ao caráter histórico e epistemológico de uma modalidade de prática psicológica. Principalmente em relação à pluralidade e diversidade, que é a Psicologia. Esta, multifacetada, fomenta um diálogo transdisciplinar. É neste sentido que as modalidades de práticas psicológicas foram “se constituindo no nível das técnicas e da aplicação das teorias psicológicas fundadas em pressupostos metafísicos da subjetividade” (Barreto & Leite, 2016, p. 14). É por assim pensar que as teorias da gestação do espaço psicológico foram sendo apresentadas em matrizes do pensamento psicológico, uma vez que apresentam a fecundação das diversas compreensões de homem e mundo.

As matrizes do pensamento psicológico surgem como um resgate histórico das ideologias filosóficas e cientificistas que permearam o surgimento da Psicologia, enquanto campo próprio de conhecimento. Figueiredo (2008), na tentativa de apresentar uma visão pluralizada da história e da epistemologia das Psico-logias, apresentou a noção de Matrizes do Pensamento Psicológico, possibilitando nos debruçarmos nos grupos das matrizes: cientificistas e a romântica/pós-romântica. É o momento em que surge o interesse estético, no lugar do interesse tecnológico, das técnicas em si e suas aplicações.

As matrizes românticas/pós-românticas, pertencem ao campo das matrizes compreensivas, o que caracteriza o campo desta pesquisa. Como uma forma de tematizar as matrizes românticas e pós-românticas, Figueiredo (2008, p. 145) apresenta que “compreender é, de alguma forma, elucidar a experiência vivida, que se manifesta pelos ou nos atos comunicativos.” Ainda para Figueiredo (2008) “o Romantismo, de fato, é antes de tudo uma filosofia da expressão, da representação simbólica” (p. 141). Assim, compreende que “a intuição romântica procura apreender a imediaticidade

simbólica, estabelecendo uma relação empática entre formas expressivas e comunicativas” (Figueiredo, 2008 p. 141). Nesta direção:

Os atos comunicativos são sempre atos de um indivíduo historicamente e culturalmente datados, articulados ao conjunto estruturado da biografia individual que, por sua vez, se integra ao sistema total das formas culturais. É só nesta articulação com o conjunto da vida do indivíduo e da sociedade que o ato adquire um sentido. O sentido será então compreendido como momento e expressão de uma totalidade histórico-biográfica (Figueiredo, 2008, p. 145).

O ato comunicativo de uma modalidade de prática psicológica é elucidado, através do seu percurso histórico-epistemológico e metodológico, uma vez que possibilita compreender a fecundação da prática clínica.

Compreender a expressão da representação simbólica do vivido, evidenciando, deste modo, as diversidades e peculiaridades da gestação do espaço psicológico, é um modo de reafirmar a constituição da Psicologia, como ciência, cuja epistemologia é pluralizada, esta, sendo uma ciência entre outras ciências, apresentando como uma dispersão do pensamento psicológico. Para Barreto & Leite (2016, p. 14), há o desdobramento de “um espaço de dispersão, constituído pela utilização de diversas perspectivas epistemológicas, metodológicas e conceituais, gerando diversas possibilidades de ação clínica e de modalidades de prática psicológica.”

Por sua vez, pesquisar sobre o PP tenciona a pesquisadora a esclarecer as evidências e peculiaridades do saber e do pensar psicológico no cenário desta modalidade de prática psicológica. Tal dispersão mostra-se como possibilidade de aproximar determinações que caracterizam o sentido originário das matrizes psicológicas, bem como possibilita compreender as divergências que foram se apresentando no caminhar da intervenção psicológica em um determinado cenário social. O modo como a prática se insere nas instituições reverbera na possibilidade de compreender a visão de homem, mundo e objeto deste fazer psicológico. Deste modo, “as matrizes do pensamento psicológico têm por proposta compreender as concepções de homem, de mundo e de objeto da Psicologia que estão por trás dos diferentes projetos e sistemas psicológicos” (Barreto & Morato, 2009, p. 42).

Partindo de tais pressupostos, não há como se debruçar sobre o PP sem conhecer suas raízes, já que o modo como se compreende, interfere diretamente no modo como a *práxis* vai se construindo. “É *práxis* em movimento; é o acontecer de atravessamentos

que possibilitam cuidado clínico aos sujeitos no cotidiano, penetrando em espaços da instituição por suas brechas, sem impor modelos exteriores” (Morato, 2009, p. 33). Nesta direção, compreendemos que a pesquisa fortalecida, através do estado da arte, possibilita dar a ver muitos modos de caracterização e apresentação do PP, conduzindo a refletir a respeito de cenários sociais diversos nos quais a modalidade de prática pode ser implementada.

Para não cair no deslize de generalizar este fazer, e por ser lícito e necessário, para nós, vamos apresentar o percurso histórico e epistemológico que norteou a construção de tal prática, a partir da compreensão de homem, mundo e objeto da Psicologia, na tentativa de identificar as confluências e diferenças inconciliáveis (Barreto & Morato, 2009) presentes na dispersão do pensamento psicológico. Conduzir o leitor sobre a bússola, guia do nosso lugar clínico, nesta perspectiva, é um dos nossos principais objetivos.

Antes de iniciar tal percurso, importa ressaltar as diversas considerações históricas, políticas e culturais que permeiam o fazer clínico. Fazer este que se apresenta, hoje, para além do modelo da Psicoterapia Individual, e até mesmo da Psicoterapia Breve e do Aconselhamento Psicológico (AP). E, neste sentido, surgiram diversas compreensões sobre as modalidades de práticas psicológicas, que se consolidaram ao longo dos anos, permitindo à Psicologia se inventar, reinventar e experimentar a vitalidade sistemática de uma teoria versada com a prática.

A Psicologia, enquanto ciência e profissão, através do berço fértil da pluralidade e multiplicidade, que é esta ciência, na constituição da sua história e através das diversas perspectivas e abordagens, que foram sendo consolidadas com o passar dos anos, solicita a contextualização do percurso histórico e epistemológico, que possibilitou a sustentação e fomentou as inquietações desta pesquisa. É tal percurso que segue.

Esta contextualização se constituiu através do período do surgimento da Psicologia Humanista e seus desdobramentos no Brasil, até chegar a apontar a influência da Fenomenologia Existencial Hermenêutica, no modo de compreender o PP. Iniciaremos pela Psicologia Humanista, mais especificamente pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e o Aconselhamento Psicológico, raízes do Plantão Psicológico, interesse maior deste escrito, bem como nos debruçaremos posteriormente

como o PP tem fomentado suas caracterizações, através da Fenomenologia Hermenêutica. “Para uma atitude fenomenológico-hermenêutica, os objetos ideais não são nem mais nem menos reais que os objetos empíricos, são apenas diferentes modos de ser daquilo que se dá à experiência” (Sá & Barreto, 2011, p. 391). Neste sentido, “a hermenêutica, assumida na analítica existencial como situação constitutiva da existência, pode oferecer, a partir de seus pressupostos ontológicos, novas possibilidades de tematização dos fenômenos psicológicos e da atitude clínica” (Sá & Barreto, 2011, p. 392).

3.1 A Psicologia Humanista

A Psicologia Humanista é uma abordagem que faz parte de um movimento surgido entre a década de 1960 e 1970. Os teóricos, precursores de tal escola, acreditavam que as filosofias correntes da época eram muito rígidas e não abarcavam a pluralidade e dinamismo que é o homem, muitas vezes, devido ao fato de se apoiarem na tradição metafísica.

Neste sentido, a Psicologia Humanista surgiu no final da década de 1960 e início da década de 1970, a partir de Abraham Maslow e Carl Rogers, realçando o potencial humano e dando ênfase ao ver o mundo pelos olhos da própria pessoa – e não pelo observador. Considerado como a terceira força da Psicologia, o humanismo suscita no engajamento de valorações mais humanizadas. Caracteriza-se como a possibilidade de compreender a natureza humana e chama a atenção das pessoas para relações pessoais mais apropriadas, permitindo o desenvolvimento da criação de manifestações intrínsecas de auto-realização (Schutz & Schutz, 2011).

Assim, o humanismo afastou-se do enfoque psicopatologizante, buscando evidenciar o potencial humano e privilegiando as capacidades e potencialidades que buscam definir características do pleno exercício da condição humana. O homem está em uma busca constante de si mesmo, desvelando-se em suas possibilidades de manifestações, permitindo uma fluidez no projetar-se, no vir a ser, no devir, que transcende a morbidez das concepções estáticas do existir.

Apresentando uma visão geral da Psicologia Humanista no mundo, a Psicologia no Brasil, conseqüentemente, também apreende esses modos de pensar e esta visão de mundo, pela qual teóricos, pesquisadores e psicólogos se debruçam, para pensar a Psicologia e as modalidades de práticas psicológicas possíveis e vigentes. Obviamente, o contexto histórico do país também vem a contribuir para a conjuntura e validação dos modos do fazer psicológico da época.

3.1.2 Psicologia Humanista no Brasil

Antes de adentrar na constituição da Psicologia Humanista, no Brasil, importa ressaltar que a Psicologia no Brasil se constitui, através do período histórico turbulento da sociedade brasileira. A regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil, a partir da Lei nº 4.119, deu-se em 27 de agosto de 1962 (CFP, 1962).

Tal período histórico possibilitou aos psicólogos olharem de outro lugar para as questões de cunho social que, até então, eram vistas por uma lente individualista e elitista, período fortemente marcado pelo modelo consultorial. Bock (2009, p. 57), neste âmbito, nos faz um convite a discorrer sobre o futuro da Psicologia, como “um futuro plural, não pode ser abarcado num só olhar e não pode haver solução epistemológica capaz de nos absolver do fardo histórico dessa irremediável pluralidade e da interlocução crítica que ela exige [...]”.

Feita tal ressalva, retomamos para a Psicologia Humanista, introduzida com certa hegemonia nas Instituições de Ensino Superior (IES), principalmente na região Nordeste. No Brasil, “foi introduzida, predominantemente pelas obras de Carl Rogers, que começaram a ser traduzidas nos anos de 1970” (Buys, 2013, p. 388). Inicialmente, o modelo de prática psicológica vigente era a Psicoterapia Centrada no Cliente, através da Universidade de São Paulo (USP), por Rachel Rosenberg, prática esta ainda hoje em vigência, nessa IES. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) também é considerada uma das pioneiras, por implementar a Psicoterapia como uma modalidade de prática psicológica disponível à comunidade nos Serviços de Aconselhamento Psicológico (Buys, 2013).

Na tentativa de ir se consolidando, enquanto novo modo de pensar e conhecer o homem, e se mostrando como possibilidade de intervenção na clínica, tornou possível

desvelar diversas possibilidades de práticas psicológicas, passando a ser um “espaço” significativo, para legitimação da ação do psicólogo, além de corroborar a profissão, a partir dos diversos contextos em que as práticas foram se desenvolvendo. A Psicologia Humanista, neste sentido, passou a dar conta da experiência de vida, processos de transformações sociais e culturais vigentes, apontando para que a experiência fosse um ponto de partida de constituição da personalidade.

É através dos desdobramentos acima mencionados que podemos elucidar sobre as contribuições da Psicologia Humanista no Brasil. Considera-se que, mesmo tendo sido fruto do contexto norte-americano, no Brasil pôde transpor-se ao que legitimava a terceira força, devido ao contexto brasileiro. Segundo Morato (1999, p. 73), “é nesse cenário que começa a história do Aconselhamento Psicológico: a prática psicológica sofre pela demanda de cuidar dos fragmentos espalhados de pessoas diante da vivência na imediatez.” Ainda neste sentido, o AP era requisitado como via de acesso para atuar e buscar transformações críticas de instituições que esperavam por eficácia de respostas e prontidão nos atendimentos. Este foi um período em que a possibilidade interventiva clínica de adesão e tratamento era escassa, devido aos poucos serviços de Psicologia existentes, que não suportavam o pedido de emergência da sociedade. Tal panorama fortaleceu o surgimento de mudanças sociais, bem como transformações no modo de compreender o homem, mundo e objeto da Psicologia (Morato, 1999).

Neste ponto, torna-se necessário contextualizar, descrevendo e definindo mais claramente a respeito do significado que esta teoria sugere. Ainda nesta perspectiva, Schmidt (2009, p. 4) enaltece a definição do Aconselhamento, para além da representatividade psicoterápica, visando o diagnóstico das doenças mentais. Para a autora, esta definição tem “importância estratégica na constituição de práticas psicológicas que contornam o embate de práticas médicas. Essa maior abrangência assinala uma vocação para ler e responder às demandas institucionais e sociais que configuram de modo plural as tarefas do psicólogo.” A inserção do Aconselhamento

em instituições educacionais, clínicas de orientação pedagógica e setores de indústrias e empresas, apoiou-se, contudo, numa transposição do modelo clínico de consultório, dando corpo a uma prática que é mais propriamente identificada como uma Psicologia em instituições do que como uma Psicologia institucional. Nela, o psicólogo “aplica” recursos teóricos e técnicos do

psicodiagnóstico e das psicoterapias (incluindo aí a entrevista psicológica, o Aconselhamento e a orientação ao indivíduo que está na instituição) (Schmidt, 2009, p. 11).

Diante da amplitude dos diversos contextos em que podemos reconhecer a *práxis* do psicólogo, através do Aconselhamento, vale elucidar sobre o pensamento de Morato (1999, p. 77, grifo nosso), diante das contribuições deste percurso histórico e epistemológico: “Historicamente, enquanto um campo de “atuação” psicológica clínica em contextos de instituições variados (escolas, hospitais, empresas), o Aconselhamento possibilitou para o psicólogo um lugar para o reconhecimento e constituição de identidade.” Isto porque era um período fortemente marcado pela aplicabilidade técnica da psicometria, atrelada às intervenções médicas. Houve, então, uma ruptura com esse modo de fazer Psicologia, inaugurando a “prática clínica psicológica específica, para cuidar de situações emergenciais ou de crises do ser humano na condição de sua própria humanidade de situado no mundo” (Morato, 1999, p. 77). Ainda segundo Morato (1999, p. 77), abriu-se espaço para o AP, como via de acesso ao questionamento do exercício de profissionais no âmbito da educação e da saúde, mostrando-se como um espaço possível de resgate para a reflexão diante da condição da *práxis* pré-estabelecida. Constituindo-se como “uma prática técnica de fronteira de passagem entre a ação e pensar o próprio fazer, possibilita repensar a questão paradigmática da própria Psicologia, enquanto ciência e enquanto profissão.”

Nessa perspectiva, talvez possamos elucidar sobre a importância de reconhecer as articulações sócio-históricas nos desdobramentos de uma prática psicológica. Consideramos que as demandas sociais nos servem para delinear o território e a solicitação das sociedades diante das possibilidades interventivas, em que os próprios profissionais poderão, através dos mosaicos sociais, se reconhecer, induzindo possibilidade prática e de pesquisa diante de tal contexto. É a partir deste cenário, que podemos enfatizar as contribuições da Psicologia Humanista, para dar base e subsídio para a modalidade de prática psicológica do PP, ao qual esta pesquisa se debruça.

3.2 O Plantão Psicológico: raízes no Aconselhamento Psicológico

Inicialmente, apresento que, neste contexto, o Plantão Psicológico, no Brasil, surgiu na década de 1960, a partir do Aconselhamento Psicológico, com Rachel Lea Rosenberg e Oswaldo de Barros Santos. Nessa época, Rosenberg visava discutir e aprofundar o conhecimento da ACP, constituindo-se como uma referência nesta abordagem psicológica, devido à sua Ação Clínica cuidadosa, impulsionando e fortalecendo a Psicologia, que estava sendo fecundada no Brasil.

Estimulados pelo entusiasmo de Rosenberg com a ACP, o Centro “desenvolvia programas de estudos teóricos, grupos de supervisão clínica e reflexão sobre a prática clínica, promovia *workshops* abertos ao público, ciclos de encontros de profissionais paulistas e também encontros nacionais” (Rosenthal, 2012, p. 31). Deste modo, Rosenberg, atenta à potencialidade transformadora da ACP, considerando “tanto a dimensão individual, quanto a social/comunitária, propôs a criação de um serviço de Plantão de Psicólogos, inspirado nas experiências das *walk-in clinics*, surgidas nos Estados Unidos, para prestar atendimento imediato à comunidade” (Rosenthal, 2012, p. 31-32): O modelo *walk-in clinics*, como o próprio nome sugere, relaciona-se com a troca de especialidades de profissionais de saúde, em que há articulação com uma rede de clínica com as mais diversas especialidades, não havendo necessidade de agendamento para consultas.

Rosenberg supervisionava e coordenava o Serviço de Aconselhamento Psicológico no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (SAP/Ipusp), espaço em que surgiram as primeiras compreensões, reflexões e potencialidades de caracterização de um serviço de PP. Seria um espaço com uma “disponibilidade mais atenciosa de recepção aos clientes que procuravam inscrição para atendimento regular em Aconselhamento Psicológico” (Rosenthal, 2012, p. 32). Uma definição inicial do Plantão Psicológico é oferecida por Mahfoud (1987, p. 75): “A expressão Plantão está associada a certo tipo de Serviço, exercido por profissionais que se mantêm à disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos.” Ainda neste contexto, em seu processo de implementação, podemos recorrer a Elza Dutra, para outro modo de reconhecer este processo no Ipusp. Segundo a autora:

O plantão psicológico surge como uma modalidade de atendimento proposta pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp) em 1969, tendo como coordenadora a professora Rachel Rosenberg, **cujo objetivo inicial era oferecer um atendimento diferenciado à clientela que procurava o serviço, constituindo-se como uma alternativa às longas filas de espera.** A implantação do SAP aconteceu num momento em que se lutava pelo reconhecimento da profissão do psicólogo no Brasil e também com o aparecimento da Psicologia Humanista no país, proposta pelo psicólogo americano Carl Rogers, também chamada de “terceira força”, por se opor às correntes psicológicas até então vigentes, como a psicanálise e o behaviorismo (Rebouças & Dutra, 2010, p. 22, grifo nosso).

Em se tratando de alternativa, não indica substituição. Contrária às muitas publicações relacionadas ao PP, este serviço não visava acabar com as filas de espera, tampouco substituir práticas psicológicas, por apresentar ou não nuances de eficácia. Por muito tempo, houve discussões para apreender de que modo esta prática viria contribuir no contexto do serviço-escola e para a comunidade. Mostrou-se, desde então, que não se trata de substituição, e sim, de outra possibilidade de prática psicológica na clínica, a fim de atender aos pedidos da comunidade diante das questões emergentes da dor do existir. Deste modo, o PP, segundo Mahfoud (2012, p. 35), “não foi concebido como uma alternativa ‘tampão’ para acabar com filas de espera em serviços de assistência psicoterapêutica, já que não pretende substituir a psicoterapia.” Nesta direção:

No Brasil, o Plantão Psicológico também é uma prática que tem sua origem essencialmente institucional e vem se ampliando e se solidificando no âmbito da Psicologia Clínica. A sua base teórica foi fundamentalmente humanista e a maioria dos diversos contextos nos quais esta modalidade de atendimento foi difundida, teve como referência a proposta do Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo (USP) (Palmieri & Cury, 2007, p. 472).

Seu surgimento ressoa na tentativa de tematizar os diversos contextos em que é possível pensar na formação de psicólogos, sendo um convite à apresentação frequente de sua validação para o meio acadêmico e profissional. Mahfoud (2012, p. 15) discorre:

Em se tratando de uma novidade que estava apenas brotando, por muitos anos, a comunidade psi acolheu a proposta de Plantão Psicológico como algo "alternativo" [...] Desconfianças, dúvidas, reticências... cultivadas em compasso de espera, até que os frutos amadurecessem e se pudesse conhecer de fato esse Plantão. [...] Pois bem, os frutos amadureceram e são aqui oferecidos. Amadureceram no trabalho sistemático, na observação atenta, na sistematização com rigor metodológico com base em pesquisas de base fenomenológica. São esses frutos que agora, aqui, são oferecidos à comunidade, para que possamos promover a experiência de Plantão Psicológico com uma concepção clara, de maneira tal a possibilitar sua correspondente avaliação.

Assim, a modalidade de prática do PP também constitui o espaço psicológico em que perpassam as diferentes compreensões e perspectivas teóricas, retomando as raízes do Aconselhamento Psicológico. Ainda neste sentido, Oliveira (2005) apresenta que o “PP acontece como um espaço que favorece a experiência, tanto do cliente como do plantonista, no qual o psicólogo se apresenta como alguém disposto, presente e disponível e não apenas como detentor do conhecimento técnico..Tornou-se, desde então, um desafio para se remeter a essa prática no âmbito da academia, reverberando na formação de psicólogos.

Deste modo, podemos inferir sobre as ressonâncias dos diversos reconhecimentos que esta prática foi tendo, ao longo dos anos. Os jornais e a população faziam menção a esse tipo de prática, mostrando-a como algo extremamente relevante; houve uma publicação no jornal *Folha de S.Paulo*, no dia 7/11/1981, em que o jornalista Scarpa apresentou o Plantão Psicológico, destacando sua utilidade pública. A sua publicação foi inserida à matéria, com o título: “A folha e as respostas da sociedade à crise” (Mahfoud, 2012).

Na busca ativa de dar continuidade à tematização e caracterização do PP, após o seu surgimento, recorreremos ao dicionário Houaiss (2009), para buscar algumas definições da palavra plantão. Plantão, do francês *planton*, significa:

Plantão *s.m* (1881) **1** serviço distribuído diariamente a um militar, dentro de sua própria companhia, caserna, bateria etc. **1.1** *p. met.* o militar que fica encarregado de tal serviço <*o p. de hoje é um soldado gaúcho*> **2** serviço noturno ou em horas normalmente sem expediente em hospital, farmácia, fábrica, redação de jornal etc. **2.1** pessoa que fica encarregada de tal serviço <*era um p. de seis horas*>. **Interno** de p. médico que, durante um certo período, tem sob sua responsabilidade um serviço hospitalar. ETM fr. *Planton* ‘planta nova; militar de serviço junto a um oficial superior, que fica plantado para cumprir ordens. (Houaiss, 2009, p. 1506).

Arrematando a definição acima, a palavra plantão do francês *planton*, também significa planta nova. Ser plantonista é estar disponível para a realização de novas experiências em ação em instituições, ser plantonista emerge o encontro singular com as novas plant(a)ções. Recorro novamente ao dicionário Houaiss (2009), para fundamentar que plantar, significa “**1** *t.d* introduzir na terra semente, muda etc de (espécie vegetal), para que se enraíze e de desenvolva (*p. árvores. flores*) **2** *t.d.int.* fazer o cultivo de,

semear” (Houaiss, 2009, p. 1506). Ser plantonista, neste sentido, seria estar à espera de, é estar de prontidão, disponível para um serviço em um determinado turno e território para plantar junto com o cliente e/ou equipe de plantonistas e supervisores de campo.

Ainda nesta direção, o PP foi inicialmente considerado como uma proposta de atenção psicológica clínica que vai ao encontro das necessidades que se manifestam em qualquer contexto institucional, que se proponha a atender à população; “a atenção psicológica refere-se ao interesse e preocupação para cuidar; em tal perspectiva, ‘cuidado’ aponta para possibilidades de (re)significar a ação do psicólogo clínico” (Barreto, 2009, p. 21). Há certo tempo, esta prática vem sendo reconhecida como possibilidade outra de atenção psicológica clínica em instituições. É o que Palmieri e Cury (2007, p. 472) elucidam: “no Brasil, o Plantão Psicológico também é uma prática que tem sua origem essencialmente institucional e vem se ampliando e solidificando no âmbito da Psicologia Clínica.” Ainda nesta direção:

Há várias definições acerca do Plantão Psicológico que se distinguem conforme a abordagem teórica dos profissionais que trabalham com esta modalidade e também em função das circunstâncias vigentes no momento da implantação nas instituições e nos diferentes contextos nos quais o Plantão Psicológico é inserido (Pereira, 1999 citado por Palmieri & Cury, 2007, p. 472).

Um ponto importante da proposta do PP é que acontece por uma não sistematização e um prolongamento das sessões e encontros. Houve, desde então, uma quebra na mudança de paradigma em relação ao modelo consultorial psicoterápico da época, sendo mais uma opção de atendimento psicológico aberto à comunidade. Por sua vez, segundo Mahfoud (2012, p. 17),

Do ponto de vista da instituição, o atendimento de plantão pede uma sistematicidade do serviço oferecido. Do profissional, esse sistema pede uma disponibilidade para se defrontar com o não-planejado e com a possibilidade (nem um pouco remota) de que o encontro com o cliente seja único. E, ainda, da perspectiva do cliente significa um ponto de referência, para algum momento de necessidade.

Tendo em vista as diversas possibilidades de compreensão desta prática, ainda surgem os desdobramentos das possibilidades de fazer Plantão Psicológico em seus diversos contextos, tais como: serviço-escola, hospital universitário, praça pública, departamento jurídico, policlínica, delegacia da mulher, entre outros. Segundo Morato

(2017, p. 19): “é nesta medida que procede discutir-se a modalidade de prática de Plantão Psicológico como *locus* da clínica-escola em instituições formadoras de psicólogos, contribuindo para a Ação Clínica necessária em saúde e educação na realidade brasileira.” Sendo assim, podemos elucidar que:

O que caracteriza a prática do plantão psicológico na atualidade é a diversidade de contextos e de modos de praticá-lo. Seja onde ou como for, porém, o que se exerce na prática do plantão é uma ação clínica. [...] Desta forma, surge a necessidade de tematizar o plantão psicológico, enquanto uma modalidade de atendimento e enquanto ação clínica, como "provocação", no sentido de levar adiante a discussão e a reflexão acerca de sua prática presente para a compreensão do que ela revela, para, quem sabe, abrir-lhe novas possibilidades para o seu futuro próximo (Ostronoff, 2008 citado por Morato, 2015, p. 11).

A partir dessas compreensões, hoje é possível inferir as contribuições iniciais deste diálogo com as demandas sociais contemporâneas, em que podemos dialogar com as ressonâncias da fenomenologia hermenêutica como possibilidade interventiva e legitimação de práticas psicológicas entre graduandos e graduados, que compõem esta modalidade de prática.

Deste modo, segundo Schmidt (1999), o SAP [...] possui o dispositivo do Plantão Psicológico, fundamentado nos princípios da abordagem centrada na pessoa e na perspectiva fenomenológica existencial, propondo-se a conciliar pesquisa e aprendizagem dos alunos com atendimento à comunidade, bem como “são estimulados nos alunos, além do acolhimento aos clientes, a busca de um modo próprio de atender, o ganho de autonomia e a atenção ao contexto da rede pública de serviços.”

Ainda, neste sentido, “após os atendimentos à clientela, é oferecida aos estagiários a possibilidade da supervisão, que se configura como um espaço para elaboração da experiência dos terapeutas, dando suporte às práticas” (Breschigliari & Jafelice, 2015, p. 232). Sendo assim, como já vislumbrara Rosenberg (1987), o atendimento de curta duração insere-se como aplicação bem-sucedida, cada vez mais utilizada, pois uma intervenção adequada tem, além de efeitos terapêuticos, caracteres preventivos de maiores conflitos posteriores. Além disso, essas novas formas de terapia podem representar mais que avanços técnicos, mas uma resposta a problemas sentidos ante nossa própria estrutura socioeconômica (Mozena, 2009, p. 44).

3.3 Plantão Psicológico e a Perspectiva Fenomenológica Existencial

Até o momento, o PP foi trabalhado e discutido, tendo como fundamento a abordagem humanista. Como movimento atual, apresenta-se a possibilidade de pensar o PP, fecundado pela fenomenologia hermenêutica. Em tal direção, chama atenção os trabalhos desenvolvidos no Lefe sob a orientação da professora Henriette Morato (2015, p. 60), incluindo a graduação e pós-graduação, como fica evidente na citação indicada abaixo:

Inicialmente denominado Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica e Existencial, o Lefe propunha-se a desenvolver a prática do Aconselhamento Psicológico pela perspectiva fenomenológica existencial, através do oferecimento de disciplinas, cursos e estágios de Graduação e Pós-Graduação (*lato sensu e stricto sensu*), promoção de eventos científicos e publicações de trabalhos e pesquisas na área, além de prestar atendimento e/ou assessoria a instituições de saúde, educação e segurança pública. Pretendia, ainda, potencializar estudos e recursos que gerem contribuições e subsídios para atividades docentes, de pesquisa e de atendimento à comunidade (assessoria e/ou supervisão a instituições), viabilizados através de projetos de extensão com a participação de psicólogos e alunos (pós-graduação e graduação).

Antes de adentrar na compreensão fenomenológica existencial do PP, cabe fazer algumas reflexões que norteiam as práticas desenvolvidas pelo Lefe e o modo como o plantão foi se modificando, a partir do modo como acontecia.

Nessa direção, propostas de ensino, pesquisa e extensão foram guias de promoção à saúde, de modo que possibilitaram o fortalecimento desta tríade. Tal espaço aponta para a formação de psicólogos. É nesta medida que o aprofundamento de pesquisas e extensão, que envolviam a modalidade de prática do PP, possibilitou contribuições para a comunidade acadêmica e científica. Vale ressaltar que, para Morato (2017, p. 19), “o Plantão Psicológico é uma ação que, originariamente, é clínico-investigativa, pois busca esclarecer, junto àquele que sofre, uma demanda, a partir dela mesma, na tentativa de abrir possibilidades para que ele se responsabilize pelo seu próprio cuidado.”

Por ser clínico-investigativa, compreende-se a importância de aprofundar e esclarecer sobre tal modalidade de prática psicológica. Não satisfaz, apenas, apontar as contribuições e subsídios para as práticas docentes, com a participação dos discentes presentes na universidade. Ir além dessas viabilizações é um modo possível de esclarecer a teoria, através da prática, no trânsito da ação do clínico em processo investigativo, próprio da ação. Nesta direção, como tentativa de tematização do PP,

recorremos a Morato (2017, p. 21): “Ao ocorrer em instituições fora do âmbito acadêmico, a ação do Plantão revela que as divisões teóricas ou disciplinares são fronteiras interpostas por um modo tradicional de compreensão da área e do campo.”

As fronteiras interpostas se apresentam, através da presença do psicólogo no cenário social. Na prática, a Ação Clínica se mostra como via de acesso à experiência. Segundo Morato (2017, p. 21), é “a disponibilidade do profissional que torna possível a passagem/trânsito, legitimando projetos e ações interdisciplinares.” Ainda nesta direção, Morato compreende que “iniciar-se no Plantão em instituições fora da clínica-escola, oferece ao aluno mais facilmente a possibilidade de compreender o sentido dessa modalidade de prática psicológica em instituições” (Morato, 2017, p. 21).

Legitimar ações interdisciplinares e projetos de pesquisa e extensão durante a formação se mostra como atitude ética e política, possibilitando ao discente ir a campo e se perceber, explorando o contexto real em que a prática acontece, bem como refletir sobre o seu próprio fazer, implicando-se, pois, no processo clínico. Implicar-se no processo clínico é implicar-se também na ação cartográfica que fecunda a Ação Clínica do plantonista; ele, inserido no campo, “inicia-se por olhar ao redor, escutar e dizer, reconhecendo-se no e pelo contexto demandante como metodologia interventiva psicológica” (Morato, 2009 citado por Morato, 2017, p. 21). Eis a ação cartográfica em uma das suas caracterizações. Segundo Braga et al. (2012, p. 291):

A cartografia clínica consiste no contato com o território institucional: é a apresentação dos psicólogos a cada pessoa que circula pela instituição – paciente, funcionário, familiar – e, ao mesmo tempo, o questionamento do seu papel, o conhecimento de seu relato sobre a experiência e o sentido do lugar. Desta maneira, a cartografia clínica realiza o desenho da paisagem institucional, que expressa as relações de significado e sentido constituídas por aqueles que nela habitam.

Trazer à tona tais contribuições acadêmicas sugere, também, esmiuçar o lugar que se fala, sob qual perspectiva o nosso olhar está fundamentado. É por assim pensar, que Morato (2017, p. 21) elucida:

Compreendido pela perspectiva fenomenológica existencial, o Plantão, mais do que com-formar-se por essa compreensão, possibilita ao aluno refletir sobre um modo de ser clínico. Assim, não importa se o aluno continuará a ser plantonista ou se o referencial fenomenológico será sua direção. Importa que a formação de ser clínico diz de form-ação via *práxis*, desvelando-se uma ação clínica ética e política. Assim, Plantão Psicológico não é uma técnica e

não é para ser uma técnica. A experiência de se questionar “é ou não é plantão,” é o desalojamento necessário para dar-se conta de que Plantão acontece no não esperado, implicando estar disponível ao inesperado necessário. Na formação do plantonista, viver situações desalojadoras, fora do lugar fixo tradicional do ser psicólogo, promove aprendizagem significativa pela experiência em ação.

Nessa direção, foi nos chamando atenção e fomos percebendo a importância de apontar as contribuições iniciais do PP, através do Lefe, apresentando-se no sentido de descortinar o sentido do PP, dentro e fora dos muros da Universidade.

É importante mencionar, pois, que tais contribuições foram terreno fértil para outras instituições apresentarem e compreenderem o solo do PP, a partir do contexto em que estão inseridas. No Brasil, foi possível compreendermos, através da literatura, compreensões e apresentações fundamentadas, através da Fenomenologia Existencial, a prática do PP nas seguintes universidades: PUC/RJ, Univasf, Unicap, UFRN, UPE/Campus Garanhuns, entre outras. Deste modo, é possível apreender os desdobramentos do PP em outros espaços, além do LEFE, sendo possível adentrar um pouco nos frutos colhidos, a partir da *práxis* e o seu cenário. Cabe aqui colocar que

as reflexões e re-configurações dessa prática, em resposta a demandas de instituições, surgiram das próprias dificuldades no andamento dos trabalhos. Na perspectiva de atendimento à demanda, impõe-se, por um lado, a necessidade de abandono de certas concepções tradicionais de clínica e teoria psicológica e, por outro, alternativa para contemplar as emergências trazidas ao serviço, recorrendo à psicologia social clínica e referencial fenomenológico existencial: perceber e refletir transformações que o oferecimento de atenção psicológica, de um lado, e as instituições solicitantes, de outro, sofrem ao longo do tempo. Compreendendo a experiência dessa ação, a partir de propostas de Plantão Psicológico, diferentes formas neste "jogo de encaixe" foram percebidas por relatos de experiências várias, marcando uma pluralidade de compreensão e ação (Oliveira, 2005 & Nunes, 2006 citado por Morato, 2009, p. 32).

Daí a necessidade de transitar entre as compreensões de alguns teóricos que constituem o cenário do PP no Brasil, a partir de tal norteador teórico e epistemológico, para assim podermos nos debruçar como hoje o PP é compreendido, a partir das suas diversas nuances. Sendo assim, damos continuidade, a partir de Bartz (1997 citado por Palmieri & Cury, 2007, p. 476), que afirma que “o Plantão Psicológico é uma nova tendência da Psicologia Clínica voltada ao atendimento de emergências, e que funciona como instância confirmatória da importância, do valor e da utilidade, para aqueles que procuram por este tipo de atendimento.”

A instância confirmatória pode estar relacionada a diversos fatores que indicam a importância do serviço de PP para a comunidade que faz uso do serviço. Para que esta instância possa ser alcançada, precisamos descortinar alguns instrumentos que possibilitam compreender tal modalidade. A cartografia clínica permite elaboração e ressignificação da experiência vivida, por meio da narrativa, pela qual minúcias de uma *práxis* psicológica podem ser apreendidas. Nesta perspectiva, “a cartografia se tece na composição de relatos e narrativas sobre o território e se faz, também historiografia – descrição das narrativas, histórias e estórias que compõem uma paisagem social” (Braga, 2014, p. 109).

As relações em uma modalidade de prática psicológica possibilitam refletir sobre o saber e o fazer, além de compreender as relações do cotidiano, que estão imersas neste território. Habitar uma instituição é um modo de se sentir pertencente à ação, de construir sentido e significado através da vida vivida, da experiência em curso. Através da narrativa da cartografia clínica, questionamentos e elaborações surgem e se constroem, edificando saberes e fazeres. Construções como estas se sustentam no caminhar, no cotidiano da *práxis*.

Sendo assim, remetemo-nos a Braga et al. (2012), quando compreendem que é por meio da narrativa dos atores sociais, que é possível refletir sobre a inserção de uma modalidade de prática em instituições. Aferimos, contudo, que através da narrativa, da colheita de afetação, foi possível compreender alguns indicativos próprios da *práxis*, possibilitando conhecer o cenário, a partir da narrativa de conflitos, apreensões, horários de funcionamento, dificuldades, conquistas, descarrilhando em afetações, que são impressões próprias de quem está em ação, é intransferível. Atores sociais, quando estão imersos na paisagem institucional, mostram-se na tentativa de compreender o território, atravessado pela rugosidade dele. Quando se narra um cenário, um território, um contexto, conseguimos sentir, mesmo que através da imaginação, a textura, as cores, as pessoas, as representações do ambiente, onde se entrecruzam com a afetação e a realidade, sendo um modo de dar voz, através da narrativa, sobre a apresentação do cenário e da modalidade de prática psicológica vigente.

Segundo Braga, Mosqueira e Morato (2012, p. 558), “o Plantão Psicológico passa a habitar a temporalidade da relação entre plantonistas e quem sofre e, por isso,

torna-se isol: configura-se como modo clínico de estar junto àquele que sofre.” Neste sentido, o PP se constrói também, através da escuta e da temporalidade da relação clínica entre plantonista e cliente. Ainda nesta direção, Braga, Mosqueira e Morato (2012, p. 558), “a escuta dentro da instituição é clínica em todos os momentos.”

Numa perspectiva fenomenológica existencial, o plantão psicológico pode constituir-se propriedade: modalidade de prática clínica marcada pela atenção e cuidado próprios ao modo humano de ser *Befindlichkeit* (Heidegger, 2001a), junto aos outros (Critelli, 2002), em que afetados pelo mundo, com ele tecemos relações de sentido e projetamos nosso existir.

Nessa direção, compreendemos que cartografar é um modo de facilitar a compreensão também do funcionamento do serviço, apontando a relevância de nortear a equipe, para que se tenha clareza dos possíveis desdobramentos, próprios da *práxis*. Braga, Mosqueira e Morato (2012) compreendem que quando os plantonistas circulam entre os espaços da instituição referenciam a existência desta modalidade de prática. O que emerge também é a ação psicológica.

Segundo Braga, Mosqueira e Morato (2012, p. 557), “A ação psicológica intenta uma visão compreensiva de sofrimento embutido na narração de uma história que, embora singular, diz respeito a outras pessoas em vários contextos.” Tal tematização nos remete ao cuidado do psicólogo plantonista, considerando as descobertas da sua Ação Clínica.

Esses diálogos são importantes para o desenvolvimento de forma específica do atendimento institucional. Assim, retomamos Palmieri e Cury (2007, p.473), para quem:

É preciso também que o serviço seja sistematizado, para que o cliente saiba quando e onde o plantonista estará à disposição; este deve preparar-se para situações inesperadas, pois irá confrontar-se com o não planejado e ambos devem estar cientes da possibilidade de um encontro único, o que exige uma maior sensibilidade frente às questões do cliente.

Nessa conjuntura, podemos compreender esta sistematização da modalidade de prática, como um modo de envolver, não só a equipe de plantonistas, mas os clientes e a própria instituição, a partir da multiplicidade de indicativos que são apreendidos, através da narrativa e do encontro único, que é o plantão. O PP, portanto, “é uma modalidade de atendimento em que o psicólogo se disponibiliza à escuta em instituição em horário

predeterminado, porém sem enquadre prévio com relação ao número de sessões, ao foco a ser abordado ou ao local em que se realizará” (Braga et al., 2013, p. 292).

PP é clínica, remetendo-me à compreensão de Barreto (2013, p. 39), “clínica, no presente contexto, é pensada a partir do termo grego *Kline*; assim estaria vinculada ao inclinar-se para acolher aquele que precisa de cuidado.” Inclinar-se para aquele que precisa de cuidado, vigor na ação psicológica, pois:

debruçar-se ao sofrimento, constitui-se solicitude apoiada na escuta: o ouvir radical. A escuta clínica, pelo ouvir, é fundamental em qualquer situação demandante de ampliação da compreensão. Na atenção psicológica, via plantão psicológico, o ouvir se apresenta como abertura à compreensão de mal-estares em relações situadas, possibilitando ressignificações da experiência. [...] Clinicamente, nunca se escutam queixas puras, mas já mescladas no caldo interpretativo de sua realidade, no qual se forjam as relações da vida em situações com outros nos cenários do cotidiano (Braga; Mosqueira & Morato, 2012, p. 557).

O movimento anteriormente citado, de circular entre os espaços da paisagem institucional, pode ser compreendido como o disponibilizar-se, estar atento, pela solicitude, àquele que está ou não, à procura da modalidade de prática do PP.

Sendo assim, diz de ser “diretamente acessível àqueles que sofrem em situação cotidiana; dependendo cada vez menos de uma estrutura, o plantonista inevitavelmente passa a abandonar pré-concepções do que seria um atendimento clínico” (Braga; Mosqueira & Morato, 2012, p. 557). Neste sentido, “plantão psicológico, como metodologia interventiva da ação psicológica, ocorre como acontecimento; trata-se de uma paragem na qual o psicólogo, debruçado e atento à narrativa, testemunha o *entre*, ou seja, a condição do cliente em ser história” (Braga; Mosqueira & Morato, 2012, p. 557).

Outra singularidade presente no PP é a supervisão clínica, relação “entre” o testemunhar da narrativa do cliente, através do plantonista. O plantonista, neste encontro, narra suas afetações, a partir do que lhe foi sendo apresentado. Sendo assim, nos remetemos a Braga et al. (2013, p. 292):

na supervisão clínica, os plantonistas relatam suas experiências na instituição, compartilhando vivências e significações, criando referências quanto às relações sociais nela estabelecidas, partilhando informações que permitem uma ampliação da compreensão do território, dada pelo entrecruzamento dos múltiplos olhares que dela participam. Assim, a supervisão permite revisitado o vivido e compreender suas possibilidades de sentido, ressitando os plantonistas para uma nova imersão no território.

A supervisão clínica é o encontro, momento de reunião, que podemos então compreender, como obra de arte. Não é reconhecido como o espaço único e específico do PP. Mas é um espaço que reúne experiências e nos faz pensar, a partir da compreensão de Pompéia & Sapienza (2004) sobre reunião: “é como se eu, o artista e a coisa estivéssemos reunidos. Há aí uma sensação de harmonia, de compartilhar com o outro algo que é, de certa forma, misterioso, mas que, pelo trabalho do artista, emergiu e se tornou presente para mim, o espectador.” Descobriremos adiante, na análise das narrativas, a peculiaridade da terra fértil desta reunião. O PP, como um espaço acolhe(dor) do emaranhado de narrativas que vão se apresentando em cada atuar, emerge para nós, um mistério: a possibilidade criativa de atuar em instituições.

3.4 O estado da arte como via de acesso à história do PP no Brasil: desdobramentos do PP entre 1997 e 2019

Como via de acesso à modalidade de prática do Plantão Psicológico, visamos filtrar, através da revisão de literatura, as pesquisas desenvolvidas nos últimos vinte e dois anos, sobre a tematização presente. Lançamos mão de quatro descritores que nortearam a busca ativa desta pesquisa. São eles: Plantão Psicológico, Instituições, Ação Clínica e Fenomenologia Existencial, norteadores para a construção de um diálogo acerca do Plantão Psicológico.

Os descritores foram selecionados de modo cuidadoso, porém assertivo e sistemático, com o objetivo de aproximar e/ou compreender o cenário social com as pesquisas e artigos publicados, sejam em livros, revistas e anais, além de dissertações e teses. Entre aproximações e distanciamentos, versamos o desenvolvimento da pesquisa, intensificando a busca ativa do tema, questão/problema desta pesquisa.

Para arrematar a composição do estado da arte e possibilitar uma maior visualização do quantitativo das publicações encontradas nas bases de dados, organizamos as combinações dos descritores em tabelas, com suas respectivas descrições.

Tabela 2.4.1 – Descritores, Justificativas e Descritores Associados

Descritores	Justificativas (Contextualizações possíveis)	Descritores Associados (Fenômenos de interesse)
Plantão Psicológico	Fez-se descritor, por ser a modalidade de prática em questionamento, a pesquisadora propôs compreender e interpretar a construção histórica desta modalidade de prática psicológica, deter-se a esta interpretação não seria possível sem se dispor a navegar no estado da arte e compreender como esta modalidade de prática foi se constituindo nos últimos vinte e dois anos.	Modalidade de Prática Psicológica; Serviço de Plantão Psicológico; Atenção Psicológica.
Instituições	Mostram-se como cenários sociais possíveis em que esta modalidade de prática pode ser caracterizada, bem como desenvolvida. Para que o PP possa se tornar presente em uma instituição, faz-se necessário um pedido dela, logo, compreender esse cenário social é uma via de acesso ao PP. Além de se apresentar como possibilidade de prática em SAP.	Cenários sociais; Delegacia da Mulher; Departamento Jurídico; Hospitais Universitários; Território; Universidades; Serviços-escola ou Clínicas-escola; Escolas.
Ação Clínica	Mostra-se para a pesquisadora como uma possibilidade de apropriação da modalidade do PP em instituições. Acessar a narrativa dos pesquisadores nos cenários sociais nos aproxima dos diversos desdobramentos apontados, através da experiência de estar no cenário social, sendo uma tentativa de tematização do conhecimento decorrente da prática clínica no cenário social, a partir de uma modalidade de prática psicológica.	Clínica; Ação; Apropriação da <i>práxis</i> ; Atitude terapêutica; Atenção psicológica.
Fenomenologia Existencial	Mostra-se como um descritor que é via de acesso à compreensão do lugar de fala da pesquisadora. Além disso, foi visado o diálogo com os outros pesquisadores,	Pressupostos ontológicos; Analítica Existencial; Hermêutica; Afinação;

	<p>considerando aproximações e distanciamentos entre perspectivas. Tal compreensão sintoniza-se com os objetivos desta pesquisa. Convidou-nos a pensar na sustentação do viés histórico e epistemológico a qual nos debruçamos.</p>	<p>Disposição; Hódos-meta; Indicadores formais; Compreensão.</p>
--	---	--

Diversas são as possibilidades de tematização do PP, porém, compreender o lugar de fala, principalmente em uma pesquisa, se mostra como um comprometimento ético-estético-político, não só com a academia, bem como com a Psicologia clínica.

3.4.1 Desdobramentos da caracterização do Estado da Arte

Ao longo da construção do estado da arte, foram desenvolvidas análises interpretativas dos materiais que contemplassem a “Ação Clínica de psicólogos na modalidade de prática do PP, fecundada pela perspectiva Fenomenológica Existencial Hermenêutica que tivesse as instituições como cenários sociais.” Nesta dinâmica, colocar as “aspas” nos descritores, ao pesquisar no banco de dados, possibilitou refinar a busca para aqueles que continham mais de duas palavras. Ao todo, foram feitas doze combinações com os descritores acima citados. Detalhadamente, foram selecionadas pesquisas no período de 1997 a 2019, sendo estas desenvolvidas em território nacional. Abaixo, o quantitativo das publicações por ano das pesquisas que tiveram relação direta com a tematização desta pesquisa, apresentaremos o quantitativo geral que localizamos nas bases de dados, buscando o diálogo entre as aproximações e distanciamentos encontrados em cada publicação, justamente por compreender que, desde o surgimento do PP, diversos foram os seus desdobramentos nos centros universitários. Desta forma, sugerimos compreender melhor este cenário social que será apresentado a seguir.

Tabela 2.4.2 - Revisão de literatura – 1997 a 2019

Ano	Quantitativo
1997	4
1998	1
1999	1
2000	0
2001	2
2002	1
2003	0
2004	1
2005	10
2006	17
2007	0
2008	18
2009	1
2010	1
2011	1
2012	12
2013	10
2014	7
2015	4
2016	5
2017	5
2018	2
2019	2

Nesta breve apresentação da construção do estado da arte, nos deparamos com um crescimento exponencial de pesquisas sobre o Plantão Psicológico, nos últimos quinze anos. O que reverbera no despertar contínuo de interesse e motivação em pesquisar e publicar sobre a modalidade de prática do PP. Este fenômeno pode ser considerado como uma caracterização do fortalecimento desta modalidade de prática psicológica, a partir do *boom* de publicações desde 2005, bem como o fortalecimento da tríade de ensino, pesquisa e extensão. Apesar de as publicações anteriores aos anos de 2005 terem sido pequenas, ainda levamos em consideração tais publicações, devido à riqueza de detalhes históricos presentes no nascedouro da caracterização e implementação desta modalidade de prática psicológica no Brasil.

As bases de dados utilizadas foram: Scientific Library Online (SciELO); Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi) – Lilacs Index Psicologia – Periódicos Técnico-Científicos; Sistema Integrado de

Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP); Biblioteca Brasileira de Teses e Doutorados (BDTD), Bases Bibliográficas: Index Psi Periódicos Técnico-Científicos, Inde Psi Divulgação Científica, Index Psi Teses, Index Psi Livros (Index-Psi), Portal de Periódicos Capes, Google acadêmico e Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (Tede).

O levantamento bibliográfico foi realizado de modo minucioso, analisados, organizados e indexados, além de referências cruzadas dos artigos e publicações selecionadas em língua portuguesa. Este critério se mostra extremamente válido, justamente por não haver familiaridade de tal prática em outros países. Neste sentido, ainda havia disponibilidade de abrir exceções, caso houvesse pesquisa relevante em outra língua, se porventura tivesse sido referenciada em alguma obra da língua portuguesa.

Os quatro descritores foram versados com operadores booleanos (and, or, ou and not). A seleção inicial se deu através da leitura dos títulos e dos resumos, na qual algumas pesquisas foram prontamente eliminadas, por não contemplar o objetivo da pesquisa.

Instituições x Plantão Psicológico

Tabela 2.4.3 – Descritores: Instituições e Plantão Psicológico

Base de dados	Quantitativo
BVS-psi (Lilacs)	18
SIBiUSP	23

Através da base de dados BVS-Psi (Lilacs) com os descritores “Instituições” e “PP,” todos eles em caráter de artigos, que derivaram de projetos de extensão e pesquisas. As publicações variaram entre os anos de 2004 e 2016. Um destes artigos se aproxima da modalidade de prática psicológica, sendo implementada em serviços-escola (Dantas et al, 2016). A implementação foi possível, através de um projeto de extensão, que tem como prioridade a qualificação de psicólogos em formação, apresentando

algumas instituições parceiras em que o PP acontece. Para Dantas et al (2016) , o Plantão Psicológico se apresenta como uma prática central, que possibilita organização dos psicólogos em formação, através da ação extensionista, de iniciação científica e prestação de serviços (Dantas et al, 2016), o que estabelece diálogo com a presente pesquisa.

Em outra pesquisa, foi possível localizarmos uma provável tematização acerca do PP em instituições. Para Moré (2008), o PP se mostra como uma possibilidade de intervenção ancorada nas vozes e ecos do contexto, na tentativa de capturar a complexidade das situações humanas. Ainda nesta perspectiva, a autora relaciona a importância do psicólogo em cenários sociais, devido à desinformação presente nos serviços e comunidades de saúde, a respeito dos profissionais de saúde e sua *práxis*. Para ela, esta compreensão se dá através da representação social (Moré, 1994), o que, para a autora, é compreendido aqui, como pedido do cliente, o que faz necessário um maior diálogo dos profissionais de saúde com os atores sociais. Apesar de se distanciar em alguns aspectos, Moré (2008, p. 3) traz uma compreensão que se mostra bastante relevante em relação à pesquisa presente, como indicado: “os aspectos epistemológicos, teórico-metodológicos e a dimensão ética neles presentes são níveis de análise que desafiam a problemática de estar repensando o fazer da Psicologia.” A pesquisa em si, porém, se desdobrou em viabilizar atendimento focal, visando estratégias para as queixas, caracterizando-as em subsistemas: individual, grupal e familiar. Os objetivos desta pesquisa se distanciam dos questionamentos que estamos apresentando até o presente momento.

Ainda através da base de dados BVS-Psi com os descritores: “Instituições” e “Plantão Psicológico.” Todos eles em caráter de artigo que derivam de projetos de extensão e pesquisa. Ainda, uma tese (Aun, 2005) que apresentava o diálogo entre uma instituição com o Plantão, obra que concebeu importantes contribuições à fundamentação desta pesquisa. Alguns estavam duplicados, como é o caso do PP na delegacia da mulher. Farinha (2016) visou relatar a experiência do atendimento sócio clínico, problematizando as práticas psicológicas que eram disponibilizadas nesta instituição. Uma delas era o PP, mas não é algo que se apresentou enquanto cartografia,

visando um recorte da instituição em si, principalmente em relação à Ação Clínica desses profissionais, em ação.

Outra pesquisa apresentava o PP, através do Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa em um terreiro de Umbanda (Scorsolini-Comin, 2014), objetivando apresentar e discutir a implementação do serviço de PP em uma comunidade. O contexto de atendimento e suas características, demandas e dificuldades foram alguns dos pontos apresentados na pesquisa. Mesmo que a presente pesquisa não tenha este contexto de ação psicológica, os resultados encontrados nos possibilita pensar através deste cenário social, para além da constituição de um serviço em instituição, mas a partir da visão etnopsicológica.

Coin-Carvalho & Ostronoff (2014) apresentou em sua pesquisa o delineamento do Plantão Psicológico Comunitário, em que ações comunitárias psicossociais foram discutidas, dispositivos que se afastaram um pouco da proposta desta pesquisa. Houve uma pesquisa que nos chamou bastante atenção, pois se relacionou diretamente com a cartografia clínica no PP em um distrito policial (Braga, Mosqueira & Morato, 2012), em que a metodologia se deu justamente na implicação do conhecimento do contexto, através da cartografia, a fim de que pudesse se pensar nos modos de ação do psicólogo, o que para nós se aproxima do que compreendemos como Ação Clínica. Sendo um artigo interessante para auxiliar nosso caminhar.

Encontramos um artigo que relacionava o Hospital Geral (HG) com a ACP (Palmieri & Cury, 2007). O HG não é uma de nossas instituições, mas como o Hospital Universitário se apresenta como um dos campos desta pesquisa, buscamos compreender os desafios e as potencialidades de um Serviço de PP voltado aos colaboradores de um HG se mostrou com uma certa afinidade com a temática em questão, inclusive enquanto possibilidade de compreender o processo de implementação de tal prática no contexto hospitalocêntrico.

Outra pesquisa que se assemelhou com a proposta geral desta pesquisa foi o artigo sobre a narrativa de uma modalidade de prática psicológica numa instituição para jovens infratores. Além de a temática estar relacionada com as instituições, ela é fruto do Lefe, laboratório provedor dos frutos desta dissertação (Aun et al, 2006). Embora, até o presente momento, não tenha sido mencionado diretamente sobre a formação, toda

esta dissertação está implicada também com a formação de psicólogos. Localizamos um artigo que contemplava tal perspectiva com o objetivo de apresentar de forma contextualizada contribuições para a formação, relacionadas com a modalidade de prática do PP, em que recorre ao percurso histórico para nortear o leitor sobre tais contribuições durante o estágio dos graduandos, repercutindo no dinamismo da formação profissional (Rebouças & Dutra, 2010).

Alguns artigos encontrados na SIBi também foram localizados em outras bases de dados. Deste modo, reforçam a importância de continuar investindo neste campo de pesquisa, já que, apesar de as publicações se repetirem, o quantitativo amostral de publicações sobre estas tematizações ainda é pequeno em relação à história desta prática psicológica. Tais publicações são importantes, pois visam compreender esta dimensão originária da prática vigente, bem como suas ressonâncias nestes cenários sociais. É possível perceber que existem determinações prévias sobre este fazer, mas que ainda se apresentam insuficientes para pensar nas instituições dentro deste horizonte compreensivo e interpretativo.

Instituições x Ação Clínica

Tabela 2.4.4 - Descritores: Instituições e Ação Clínica

Base de Dados	Quantitativo
SIBiUSP	128
BVS-Psi (Teses)	3
Lilacs	2

Através da base de dados da SiBI, foram localizadas 128 publicações. A maioria delas, relacionadas com intervenção do psicólogo no contexto de saúde mental, bem como as contribuições da formação para as práticas psicológicas em instituições, onde evidencia a importância da questão da genealogia do conhecimento, bem como as práticas educativas relacionadas com a Psicologia e relatos de experiência no sentido e

significado para a construção de um fazer na Psicologia. Apontamentos extremamente interessantes para se pensar no PP e a formação dos plantonistas ainda na graduação.

Dando sequência ao mapeamento da construção do estado da arte, localizamos uma pesquisa que evidencia a escuta clínica em instituição como possibilidade de contextualizar a prática psicológica (Rebouças & Dutra, 2010).

Alguns trabalhos também estão relacionados com situações de violência (Silva, 2006), mulheres (Farinha & Souza, 2016), idosos (Duarte, 2008); (Ramos, 2012), jovens em situação de rua (Macerata, 2015), homens e violência conjugal (Farinha, 2016), *bullying* (Souza, Lima, Peixoto & Tavares, 2019). O que podemos inferir é que neste contexto não se trata apenas do PP, mas se refere às práticas psicológicas em instituições. E o que podemos perceber é que, neste contexto, esta seria uma prática extremamente possível para implementação nestes diversos dispositivos de saúde. O modo como cada profissional vai se inventando, em cada queixa, pode ser compreendido como Ação Clínica, embora não tenha sido mencionado anteriormente nos trabalhos encontrados.

Na base BVS-Psi (Teses), localizamos três publicações: uma delas foi de extrema importância para a construção do percurso histórico e epistemológico, pois relata as experiências do Serviço de Aconselhamento Psicológico no Ipusp, através de uma compreensão de aprendizagem significativa (Morato, 2017), conceito muito importante para a prática clínica da época. As outras duas teses relatavam sobre a experiência do PP, Furigo (2008) e Perches (2009), mas não direcionam para a questão da Ação Clínica desses profissionais nos cenários sociais.

Instituições x Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Tabela 2.4.5 - Descritores: Instituições e Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Base de Dados	Quantitativo
SIBiUSP	21

Através da SIBi, podemos localizar pesquisas que se aproximam, tanto da linguagem, quanto do modo de pensar sobre a temática, apontando para o direcionamento do exercício de uma *práxis* psicológica em instituições, principalmente por apresentarem a dor do existir, como eixo norteador de possibilidade interventiva na atenção, invenção e desconstrução da modalidade de prática do PP em instituições.

Alguns dos trabalhos localizados foram inspirados ou tiveram frutos, a partir do VII Simpósio de Pesquisas e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anppep), através do Grupo de Trabalho “Práticas Psicológicas institucionais: atenção, desconstrução e invenção,” que possuía abordagens temáticas que problematizavam as relações teóricas e práticas da Psicologia clínica em instituições. Tais desdobramentos vão se desvelando como compromisso ético-político-estético e social da construção teórica e da prática. Tal dimensão aproxima-se das implicações ético-estético-políticas da pesquisadora, ao se debruçar sobre esta possibilidade de tematização do PP em instituições.

Houve também uma pesquisa realizada no Ipusp, relacionada com o atendimento de PP em instituições, como possibilidade de retorno ao serviço-escola (Fujisaka et al, 2013). A outra publicação está relacionada com a metaforização da crise no HG, como instrumento de prática (Cautella Júnior & Morato, 2016). Os diferentes modos de se pensar o PP, através da sua inventividade e plasticidade (Morato, 2009), favorecendo, assim, a troca de experiências e o reconhecimento da importância de tal prática em seus diversos contextos sociais, e possibilitando transformações também no meio acadêmico. Tais resultados se aproximam de um dos cenários sociais desta dissertação.

O meio educacional se mostrou também como um espaço possível para articular ações entre os contextos socializadores de educação complementar comunitária, o que convida não só os estudantes a aderirem à proposta de serviço, bem como possibilita à família se sentir pertencente aos procedimentos construídos, agregando sentido ao projeto e ao diálogo entre os membros colaboradores, que, neste caso, foram nomeados como plantões psicoeducativos (Szymanski, 2004). O Plantão Psicoeducativo “insere-se numa proposta de apoio aos educadores para realização de sua tarefa socializadora e é ele mesmo um objeto de estudo por parte da equipe da PUC-SP” (Szymanski, 2004, p. 173). Ainda neste sentido, a autora apresenta esta modalidade de prática psicológica

“como uma inovação na prática da psicologia da educação, a instalação do serviço de plantão psicológico também foi uma novidade na psicologia clínica” (Szymanski, 2004, p. 174).

Tais trabalhos encontrados neste contexto dos descritores vigoram a solidária noção das práticas psicológicas em instituições que bebem das ressonâncias fenomenológicas existenciais hermenêuticas. Algumas publicações acima mencionadas norteiam o cotidiano das práticas psicológicas contemporâneas em sua diversidade de cenários sociais.

Plantão Psicológico x Instituições

Tabela 2.4.6 - Descritores: Plantão Psicológico e Instituições

Base de dados	Quantitativo
Scielo	1
Capes	5.035
SIBiUSP	28
Lilacs	9

O surpreendente quantitativo localizado foi na Capes. Ao todo, foram 5.035 publicações encontradas, porém o que podemos perceber, ao filtrar tal busca, é que apenas as 20 primeiras publicações estavam relacionadas com a temática em si desta pesquisa, uma vez que se relacionavam com o PP e a Ação Clínica. Inclusive, algumas haviam sido desenvolvidas na Unicap. Tais pesquisas se relacionam com o objetivo específico desta pesquisa, em que o percurso histórico e epistemológico pôde ser apreendido também, através do estado da arte.

Através da base de dados Lilacs, localizamos cinco publicações que relacionavam os descritores PP e Instituições, um deles se desvelando como possibilidade de ampliação da escuta (Ferreira, 2006). Gomes (2012) desenvolveu sua pesquisa, através dos atendimentos em situação de crise. Amaral et al (2012) apresentou uma revisão de literatura para ação do PP em instituições. Yehia (2004) apresenta o PP

como uma prática do inesperado e a outra dialoga o PP com a modalidade de psicodiagnóstico colaborativo interventivo. Os serviços-escola de Psicologia são sempre porta de entrada para *práxis* clínica, não só no viés de estágio, mas como espaço possível para implementação de novos serviços e pesquisas, neste sentido. Localizamos mais um trabalho que comporta a revisão de literatura dentro do PP, para implementação do PP em serviço-escola.

Tratando-se da base de dados do Scielo, através dos descritores “PP x instituições,” tivemos acesso a um artigo que fazia a interlocução entre o PP e o psicodiagnóstico colaborativo (Yehia, 2004). Apesar de se distanciar do objetivo da pesquisa vigente, este artigo buscou compreender e investigar modalidades de práticas psicológicas possíveis em instituições. Nesta pesquisa, desenvolvida em 2004, a pesquisadora se refere ao diálogo entre Plantão Psicológico e o Psicodiagnóstico Colaborativo, uma vez que, ambas, partem de uma perspectiva fenomenológica existencial hermenêutica, assemelhando-se “no que diz respeito à atitude diante do cliente e à concepção de saúde e doença. Ambas as práticas se propõem a estimular os aspectos saudáveis presentes na experiência do sujeito, e a não classificar ou rotular” (Yehia, 2004, p. 68). O artigo em questão apresenta uma possível tematização do PP como modalidade de prática psicológica, em que não há focalização no sintoma do cliente, e, sim, se mostra como um espaço para acolher a sua experiência, o que pode vir a fecundar em um encontro significativo. Além disso, tematiza a equipe multidisciplinar, característica presente nas instituições pesquisadas.

Ainda como via de acesso ao PP em instituições, recorremos ao artigo que apresenta um relato de experiência sobre as práticas profissionais do serviço de Psicologia na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) (Farinha & Souza, 2016). Este artigo se aproxima do objetivo da pesquisa, não só pelos descritores de PP x Instituições, bem como pelo fato de ser um relato de experiência de um projeto de extensão universitária. Ratifica a importância da tríade de ensino, pesquisa e extensão, fundamental para os desdobramentos da formação de psicólogos. A tematização do PP foi se constituindo, através da aproximação do serviço de plantão, junto aos serviços de saúde, educação e assistência social e jurídica. Esta publicação nos remete à experiência de PP no DJ, uma vez que “o PP na Deam tem-se organizado,

tanto como *locus* informativo, onde predomina o acesso à informação e o esclarecimento de dúvidas, quanto como espaço sócio clínico" (Farinha & Souza, 2016, p. 70). O espaço sócio-clínico, aqui, é compreendido como um espaço disponível para a compreensão do contexto de violência em que os atores sociais foram acometidos e o PP se mostra como via de acesso às ressonâncias desse acompanhamento. O modo como o PP aqui foi apresentado nos remete ao serviço ofertado no DJ, não só pelo *locus* informativo e clínico, bem como pela delimitação e sistematização de institucionais vivenciadas.

Seguindo os desdobramentos do PP em instituições, mais um cenário social nos foi apresentado, através do periódico disponível na base de dados de uma Universidade do Sul do país. Aqui, temos o caso da implementação do PP em um serviço-escola. A proposta dos autores Ortolan, Sei & Victrio (2019) foi discorrer brevemente acerca do percurso histórico do PP, bem como apresentar a implementação desta modalidade do PP, através de um projeto de extensão. Mais uma vez, ratificamos a fundamental importância dos projetos de extensão como uma aliada imprescindível para a implementação do PP em instituições. Aqui, consideramos que os projetos de extensão se mostram como uma possibilidade de caracterização do PP em instituições. Os autores apresentam que nesta instituição o PP se fez necessário com o intuito de diminuir as filas de espera do serviço-escola, outro eixo que corresponde à ideia inicial da força que possibilitou o surgimento do PP em 1969.

Plantão Psicológico x Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Tabela 2.4.7 – Descritores: Plantão Psicológico e Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Base de Dados	Quantitativo
SciELO	1
SIBiUSP – Teses	8
Pepsic	2
Livros	8

Considerando a proposta central da pesquisa e os trabalhos encontrados nas bases de dados *online* nesta combinação, esperávamos uma maior ressonância com a temática em questão. No entanto, as pesquisas tiveram desdobramentos diferentes, objetivavam evidenciar a importância de práticas psicoeducativas (Szymanski, 2004), bem como as diversas práticas na formação em Psicologia contemplam as narrativas de jovens infratores (Aun, 2006) e a atenção psicológica à terceira idade (Duarte, 2008). Observamos menção à Ação Clínica, mas não como o eixo central e movimentador da pesquisa.

A modalidade de prática do PP também é uma questão de saúde pública. Encontrar publicações que relacionassem uma Unidade Básica de Saúde com o PP (Gonçalves, 2006) serviu como modo outro para se pensar nas instituições possíveis para atuar com o PP. Localizamos outra publicação que se relacionou com as ficções e reflexões da prática do PP, servindo como embasamento teórico para a construção do percurso histórico e epistemológico (Breschigliari & Jafelice, 2015).

Na base de dados da Scielo, nos debruçamos em duas publicação que visam o diálogo entre o PP e outra modalidade de prática psicológica. Schimidt (2015) apresenta a fronteira entre o PP e a psicoterapia, em que mostra reflexões pertinentes à elaboração do sentido e caracterização desta modalidade para os psicólogos em formação. Foi apresentada por Breschigliari & Jafelice (2015) a narrativa ficcional do processo de implementação desta modalidade no Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (SAP/USP).

A “narrativa apresentada a seguir foi construída como mosaico que reúne elementos da imaginação das autoras, inspirada em suas diversas experiências de atendimento” (Breschigliari & Jafelice, 2015, p. 229). Assim, podemos compreender o sentido da narrativa ficcional. Esta publicação foi importante para o processo investigativo da pesquisadora, por apresentar a compreensão histórica e epistemológica do PP, uma vez que as autoras tematizaram o surgimento do dispositivo do PP em 1969, ainda, quando se referia à abordagem centrada na pessoa. Esta é mais uma publicação que enaltece a importância desta modalidade de prática psicológica, sendo uma experiência significativa para os psicólogos em formação. Sendo um espaço possível para a pesquisa e a extensão, por conciliar com o atendimento à comunidade.

Neste momento, há uma possível caracterização do PP, pois as autoras apresentam que “os alunos estagiários atendem quem procura o plantão, no momento da busca pelo serviço, sem triagem ou fila de espera” (Breschigliari & Jafelice, 2015, p. 227). Inicialmente, o PP surgiu justamente como possibilidade de diminuir as filas de espera dos serviços-escola. Neste cenário, já não há fila de espera, o que se aproxima dos cenários sociais atuais, em que já houve a implementação do PP. Por fim, apresentamos mais uma possível caracterização do PP. Para as pesquisadoras, os encontros de plantão perdem sua riqueza e profundidade, quando nós, plantonistas, nos detemos à solução dos problemas trazidos pelo cliente, o que pode distanciar a escuta e o cuidado. Se seguimos a lógica da resolutividade, “cliente e plantonista sequer iniciam o percurso das descobertas” (Breschigliari & Jafelice, 2015, p. 234). Este se faz no caminhar, na ação, e, aqui, não caberiam roteiros.

Já na base de dados da PePsic, tivemos acesso ao artigo que apresentou os desdobramentos da Psicologia Clínica, contextualizando o percurso histórico do PP. Enfatizou esta modalidade de prática psicológica, como a clínica da contemporaneidade (Rebouças & Dutra, 2010). As autoras apresentam tematizações sobre o PP, justificando, inclusive, sobre a escassez de produção científica acerca desta modalidade de prática psicológica, o que demanda um olhar atento no processo de elaboração do estado da arte.

Ainda nesta perspectiva, as publicações impressas em livros foram as que mais se aproximaram da compreensão de Plantão Psicológico em instituições da temática central da pesquisa. Algumas delas, inclusive, tiveram como cenários sociais as instituições que foram o campo desta pesquisa de dissertação, fortalecendo os desdobramentos da construção do estado da arte.

Plantão Psicológico x Ação Clínica

Tabela 2.4.8 – Descritores: Plantão Psicológico e Ação Clínica

Base de Dados	Quantitativo
Pepsic	2

SIBiUSP	28
BVS-Psi – Tese	3
Livro	10
Lilacs	3

Através da base de dados da SIBiUSP, localizamos 28 publicações que se relacionavam com a PP e a AC. Todas elas foram úteis no sentido de trazer um novo modo de pensar o PP e a AC. Elas diretamente não falavam exclusivamente do nosso objeto de pesquisa, mas possibilitaram o diálogo e possíveis desdobramentos teóricos que fundamentaram esta produção científica e acadêmica.

Ao esmiuçar as publicações localizadas, pudemos perceber que os descritores localizados nas publicações apresentavam também outra compreensão de ação, que ressoa muitas vezes como ação profissional e não como o cuidado, implicação da apropriação da Ação Clínica de cada psicólogo diante de uma instituição, como modo próprio do cuidar (Barreto, 2013).

Nos trabalhos pesquisados, percebemos que as temáticas e desdobramentos das pesquisas se repetem com relação aos dados já indicados. No entanto, também não contemplam nossa proposta.

Ação Clínica x Plantão Psicológico

Tabela 2.4.9 – Descritores: Ação Clínica e Plantão Psicológico

Base de Dados	Quantitativo
Pepsic	2
BVS-Psi – Tese	3
SIBiUSP	9
Livro	10
Lilacs	3

Nos resultados encontrados, a partir desses descritores, os trabalhos pesquisados versavam sobre as dificuldades e configuração das instituições em que a prática do Plantão Psicológico é desenvolvida, com vistas a reconfigurar o modo como o Plantão iria ser implementado.

Um desses trabalhos, na base de dados PePsic, teve como proposta trazer como enfoque o ato infracional e a prática do Plantão Psicológico (Aun, 2006), desvelados pela fala dos adolescentes. Outro artigo se propôs a fazer desdobramentos do serviço de atenção psicológica à terceira idade (Duarte, 2008). Encontramos, ainda na SIBiUSP, dois trabalhos que se aproximam um pouco, por trazer a experiência de plantonistas no Plantão Psicológico, como viés principal da pesquisa, mas ainda não retratam a Ação Clínica, como enfoque principal. Encontramos também trabalhos sobre as práticas psicológicas em instituições, com desdobramentos na formação de psicólogos, atenção psicológica e os cenários sociais.

Ação Clínica x Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Tabela 2.4.10 – Descritores: Ação Clínica e Fenomenologia Existencial Hermenêutica

Base de Dados	Quantitativo
Pepsic	1
SIBiUSP	9
BVS-Psi – Tese	4
Livro	5
Lilacs	1

Na combinação de descritores da “Ação Clínica e Fenomenologia Existencial Hermenêutica,” encontramos ao todo seis materiais disponíveis, entre Pepsic, BVS-Psi (Teses/Dissertações e livros) e Lilacs. Mais uma vez, é possível localizarmos publicações relacionadas com a cartografia e o PP (Braga, 2012). Desta vez, houve a localização de um artigo sobre o projeto de intervenção em um distrito policial. Bem

como sobre jovens que estão encarcerados e a importância do PP (Aun, 2006), neste contexto. E novamente a experiência de implementação do Aconselhamento no Ipusp (Morato, 1997). Mas são publicações que se repetem aos descritores anteriores de PP x AC.

Inicialmente, temos a impressão de que o cenário começa a mudar quando utilizamos a base de dados SIBiUSP. Localizamos nove publicações que trazem a ação como descritor e o modo de se pensar a educação e a saúde coletiva. As pesquisas variaram através da natalidade e mortalidade, em que transitaram na prática psicológica na UTI neonatal, através da Fiocruz, bem como atravessam as emergências e urgências em saúde, em relação aos profissionais e usuários que fazem uso do serviço de PP. Houve trabalhos relacionados com o caso dos peritos criminais e o estágio probatório. Em relação à clínica do trabalho e as ambivalências no cuidado em saúde mental. Ao adentrar na leitura das seguintes pesquisas, percebemos que a Ação Clínica que estamos nos debruçando é o que muitas vezes os autores nomearam de orientação clínica, cuidado interventivo, e não evidenciam o PP, em questão, por serem espaços que exigem jornada intensiva de trabalho, muitos colaboradores da pesquisa relatam suas experiências nos plantões, enquanto atividade de estar de prontidão à espera de. Não necessariamente tem a mesma equivalência da prática psicológica, que intentamos nesta pesquisa.

A outra publicação se relaciona com a importância da racionalidade acerca dos modos interventivos nos dispositivos médico-terapêuticos em relação aos serviços de atenção aos usuários de álcool e outras drogas. Outra pesquisa tem o desdobramento, através da visão de saúde de mulheres soropositivas nos Estados Unidos.

Nessa possibilidade de combinação, encontramos oito pesquisas. Dentre elas, apenas uma se aproxima da proposta central da pesquisa, que é a tese sobre os pressupostos fenomenológicos existenciais da Ação Clínica. Os demais artigos tinham como propostas: serviço de atenção psicológica à terceira idade; a ressignificação de práticas psicológicas na rede pública; práticas psicológicas em instituições e a formação em Psicologia; cartografia clínica em plantão; a fenomenologia, a partir da compreensão de Merleau-Ponty.

A mesma publicação dos descritores FEH x AC foi a que localizamos com AC x FEH. O que se mostra ainda como um terreno fértil para investirmos em publicações dentro dessa perspectiva nesta base de dados.

Diante do cenário de tais descritores, foram encontradas dez publicações, que versam sobre teoria de humanização das ciências da saúde, bem como o diálogo da experiência da doença e a narrativa. A autoestima de adolescentes, as contribuições da epidemiologia da imprecisão no processo saúde/doença mental. Ao que tudo indica, estas publicações relacionam Ação Clínica com a *práxis* do psicólogo em instituições. Nestes trabalhos, a questão da saúde pública e doença mental se mostra como chave principal e fonte central de investigação para a Psicologia, em que signos, significados relacionados com a prática, que bebem das compreensões filosóficas de análise apoiada nos estudos de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, mas tais apontamentos se distanciam da proposição desta pesquisa, impossibilitando se debruçar neste momento em tais estudos, por se distanciar dos objetivos propostos desta pesquisa.

Ação Clínica x Instituições

Tabela 2.4.11 – Descritores: Ação Clínica e Instituições

Base de Dados	Quantitativo
Pepsic	1
SIBiUSP	44
BVS-Psi – Tese	2
Livro	5
Lilacs	1

Surpreendentemente, foi possível localizar apenas uma publicação no Lilacs, através dos descritores “Ação Clínica e Instituições,” o que reverbera em mobilizações incipientes para dar continuidade ao caminhar na pesquisa.

Seguindo o detalhamento das publicações localizadas na SIBiUSP, percebemos que nenhuma delas teve correlação com a temática em questão. Apesar de questionar a

ação, enquanto espaço produtivo e interventivo do psicólogo, em nenhum momento tais pesquisas mencionaram exatamente a palavra Ação Clínica. Ficando sugestivo, para nós, compreendermos e interpretarmos dentro deste parâmetro, sendo aquilo que chamamos de Ação Clínica, que não foram nomeados pelos teóricos que se apresentaram nesta base de dados.

Fenomenologia Existencial Hermenêutica x Ação Clínica

Tabela 2.4.12 – Descritores: Fenomenologia Existencial Hermenêutica x Ação Clínica

Base de Dados	Quantitativo
Pepsic	1
BVS-Psi – Tese	4
Livro	5
Lilacs	1

Na base de dados Lilacs, apenas uma publicação foi localizada. E mesmo assim, através de um viés da visão de Merleau-Ponty, a partir da enfermagem psiquiátrica. Ponto que se distancia por inteiro da temática desta pesquisa. As teses localizadas foram de fundamental importância para a construção histórica e epistemológica desta dissertação, por apresentar de modo claro a fenomenologia existencial hermenêutica. Em relação às publicações impressas em livros, não iremos detalhar neste subitem, por já ter sido apresentado anteriormente no subitem 3.4.9.

Fenomenologia Existencial Hermenêutica x Plantão Psicológico

Tabela 2.4.13 – Descritores: Fenomenologia Existencial Hermenêutica e Plantão Psicológico

Base de Dados	Quantitativo
----------------------	---------------------

Scielo	1
SIBiUSP – Teses	8
Pepsic	2
Livros	8

Coincidentemente, as mesmas publicações, que localizamos em PP e FEH, se repetiram nos descritores FEH x PP, deixando em duplicidade as informações apresentadas neste subitem. Mas, aproveitamos o ensejo para ratificar a importância de darmos continuidade às publicações diante desta temática, pois agora em 2019, o PP comemora 50 anos do seu surgimento, e através deste estado da arte foi possível entender o quanto ainda podemos compreender a fecundação de tal modalidade de prática psicológica nos cenários sociais.

Fenomenologia Existencial Hermenêutica x Instituições

Tabela: 2.4.14 – Descritores – Fenomenologia Existencial Hermenêutica e Instituições

Base de Dados	Quantitativo
SIBiUSP	21

Deste modo, faz-se necessário retomar o subitem 3.5.4 deste capítulo, uma vez que as publicações presentes, através deste, já foram tematizadas em “Instituições e Fenomenologia Existencial Hermenêutica”.

À guisa do encaminhamento ao *hodós-meta*, foi apresentada minuciosamente toda a esquematização da construção do escopo do Estado da arte. Portanto, fomenta de modo significativo o processo de construção da pesquisa sobre a Ação Clínica e o Plantão Psicológico em uma instituição. Encaminha-se a seguir a apresentação do percurso metodológico desta pesquisa.

4 Hodós-metá – explorando os caminhos pelos ramos

Afirmamos igualmente que uma linha é vertical porque, sendo reta, ela também se transforma num eixo de rotações no plano horizontal; uma vértebra que alinha e mantém a postura permite ao corpo virar-se, debruçar-se para frente ou para o lado. O vetor tem uma direção, mas em torno dele organiza-se um leque de vetores de direções diferentes. Ele possui um sentido, mas gera todos os outros sentidos (Serres, 2005, p. 233).

4.1 Explorando o método

Este capítulo busca compartilhar o caminho trilhado durante a pesquisa, tornando em evidência: o método, os instrumentos, campo, colaboradores e a análise. A proposta central gira em torno do seguinte questionamento: compreender a Ação Clínica

de psicólogos no Plantão Psicológico em instituições, a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais?

Esta é uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza no campo da clínica. E, por este viés, o seu desenvolvimento se deu através da fenomenologia hermenêutica ao modo de Heidegger.

Para Cabral e Morato (2013, p. 166), pesquisar a luz da fenomenologia existencial “implica um fazer e refletir em ação, elaborando compreensões possíveis acerca de um determinado fenômeno, seguindo o fluxo da narrativa de nossos interlocutores – ou colaboradores da pesquisa.” Assim,

Pesquisar um fenômeno no mundo é estar indissociavelmente envolvido no que acontece, de modo que o próprio campo de pesquisa modifica o pesquisador, que se volta sempre já diferente para o campo. E a presença do pesquisador ali naquela situação já modifica o que é investigado, numa sucessão ininterrupta de modificações dos sentidos compartilhados entre o pesquisador e aquilo que é pesquisado (Camasmie, 2014, p. 232).

Deste modo, quando se fala em pesquisa fenomenológica hermenêutica, o método da pesquisa é de cunho qualitativo, em que “a pesquisa qualitativa consiste na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento” (Flick, 2002, p. 20). Ainda neste sentido, Flick (2002, p. 17) compreende que “a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida.” Por meio deste, pode-se inferir que na pesquisa qualitativa “encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições” (Denzin & Lincoln, 2006, p. 16), que reverberam em um olhar multidisciplinar.

Como elucidado no estado da arte da pesquisa, abrir-se para os fenômenos do caminhar foi lançar-se para o inusitado, como possibilidade do novo, do ainda não, posto nas relações sociais em meio à pluralização de compreensões do fazer psicológico. Diz de compreensão da trama de sentido em busca de transmitir conhecimento e oportunizar diálogos sobre a Ação Clínica de psicólogos plantonistas em instituições. Lançou-se mão, através da narrativa como *poiesis*, enquanto criação e elaboração da vida vivida, agora (com)partilhada. Assim, “a linguagem *poética*, no

dizer de Heidegger, faz com que nos sintamos ‘indigentes,’ nus, pela própria natureza da linguagem” (Pompéia & Sapienza, 2004, p. 160, grifos do autor). Deste modo,

Estaria aí, no narrar acerca do viver o qual é atravessado pela presença do inusitado, o desafio de assumir uma mudança de atitude de pesquisadores e participantes, na qual há uma ruptura com o *status quo* já consagrado? Romper esse *status quo* é abrir-se para o novo, deixando de lado a repetição, é cocriar um modo de lidar com a inquietação do pesquisador exposta por meio da sua questão, em coparticipação com autores das suas histórias existenciais (Santos, 2016, p. 34-35).

O sentido do inusitado, o desafio de ir a campo, conhecer o que supostamente está estabelecido é um modo de romper com o *status quo*. É abertura, referindo-se à temporalidade para se debruçar ao fenômeno, ao espaço novo, como clareira. Assim, “ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta, a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é visto de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo” (Boff, 2017, p. 13). Neste sentido, de acordo com Aun e Morato (2009, p.123), “cartografar é dar voz, aquela que parte da reflexividade de nosso olhar com muitos outros.”

Delineia-se no campo da pesquisa participante, através da pesquisa interventiva, à procura de dar conta daquilo que, da perspectiva fenomenológica existencial, é constitutivo da investigação na área das ciências humanas e sociais, ou seja, a propriedade intrusiva e modificadora da presença do pesquisador num campo de relações (Andrade; Morato & Schmidt, 2007).

Deste modo, a pesquisadora passou trinta dias no campo da pesquisa, transitando entre as instituições que serão posteriormente detalhadas, sendo observadora e participante do contexto em suas diferentes situações, que se mostraram como uma oportunidade fundamental para a cartografia clínica da pesquisa em curso. Ainda neste sentido, Minayo (2012) elucida sobre o

Verbo compreender como a principal ação em pesquisa qualitativa, em que questões, como a singularidade do indivíduo, sua experiência e vivência no âmbito de grupo e da coletividade ao qual pertence, são fundamentais para contextualizar a realidade na qual está inserido. Ao buscar responder questões em um determinado contexto espaço-temporal ou histórico-social, as pesquisas qualitativas não são generalizáveis. Isso não significa que sejam pouco objetivas, pouco rigorosas ou sem credibilidade científica, mas sim que abordam e tratam os fenômenos de outra forma (Minayo, 2012 citado por Muylaert et al., 2014, p. 197).

Dito isto, a pesquisadora, ao participar da rede de serviços de PP na USP, pôde, através da observação participante, descrita em seus diários de campo, narrar sua experiência, a partir das afetações e interpretações de como se sentiu no campo da pesquisa. A observação participante, por sua vez:

[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. A inserção do pesquisador no campo está relacionada com as diferentes situações da observação participante por ele desejada. [...] temos a sua participação plena, caracterizada por um envolvimento por inteiro em todas as dimensões de vida do grupo a ser estudado (Minayo, 2001, p. 59-60).

Tal modo de direcionar a compreensão para o que emerge no campo de pesquisa permite captar a importância da observação participante, para o contexto da presente pesquisa.

4.2 Campo da pesquisa: caminhando pelos ramos

Metaforicamente, o Plantão Psicológico é uma grande árvore que faz sombra. E, como toda árvore, possui raiz, que se ramifica. Ela é tudo aquilo que está abaixo do solo e recebe os nutrientes necessários para dar sustentação a uma árvore, que, aqui, é a perspectiva Fenomenológica Hermenêutica, responsável pela sustentação da nossa Ação Clínica. A raiz é quase sempre subterrânea, mas algumas podem ser aéreas, também. A árvore possui ramos, que ocupam espaços outros, que também constituem uma árvore. Mas os ramos não acabam, tomam proporções e ganham espaços que não podem ser controlados e mensurados.

Neste sentido, podemos metaforizar nossa compreensão sobre os cenários sociais/instituições e os atores sociais/clientes. E, assim, nos propomos a questionar: como foi e está sendo o(s) modo(s) que os ramos do Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) / Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP (Ceip-USP) / Hospital Universitário (HU) / Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp) se

mostraram rama para mim, nesses trinta dias?). Quando digo, se “mostraram rama” refere-se ao processo de elaboração das ressonâncias da experiência vivida, que ainda reverbera em mim.

Todos os cenários sociais que serão apresentados a seguir são de caráter gratuito. Alguns possuem a especificidade de prescindir o cadastramento prévio dos usuários, como o processo de recepção na sala de espera e inscrição, para organizar a ordem de chegada para os atendimentos. Não há restrição, porém, quanto ao caráter de perfil da clientela que é atendida nestas instituições.

Em todos os ramos/instituições, a proposta é que os atendimentos aconteçam em dupla de estagiários, composta geralmente por um estagiário mais experiente, com um menos experiente, havendo também, sempre, à disposição, no mínimo, um supervisor de campo para dar suporte aos atendimentos que precisem de supervisão imediata.

Ao apresentar os ramos da pesquisa, nos empenhamos no processo cauteloso de recordar os caminhos percorridos que serão em seguida devidamente apresentados com riqueza e clareza de detalhes. Foram levados em consideração, na apresentação, a ordem pelos dias da semana que eram ofertados, bem como os dias e horários em que os serviços eram ofertados no período em que a pesquisa foi desenvolvida, abril de 2017.

4.2.1 Plantão no Departamento Jurídico XI de Agosto: um ramo

O Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ) foi fundado em 1919, há exatamente um centenário. O DJ é um órgão atrelado ao Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Trata-se de uma organização não governamental, sendo gerida pelos discentes e docentes. É um espaço, cujo objetivo é prestar um serviço gratuito em assistência jurídica à população, com renda familiar de até três salários-mínimos na cidade de São Paulo. Os estagiários do Direito são divididos entre calouros, vareiros (estagiário pesquisador) e plantonistas.

Em 2001, houve uma parceria com o Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (Lefe), sendo este pertencente ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano (PSA) do Instituto de

Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp). O Lefe é coordenado pela professora Henriette Morato, docente responsável pelo projeto de pesquisa em andamento no DJ. Tal parceria é mantida até o momento atual.

Os atendimentos de Psicologia acontecem todas as segundas e quartas-feiras, das 14 às 16h30. A equipe de Psicologia, no período da pesquisa, era composta por, basicamente: cinco plantonistas e uma supervisora de campo. Logo após os atendimentos, acontecia a supervisão; salvo quando não havia tempo, a supervisão ficava para a sexta-feira, encontro semanal da equipe com a coordenação do LEFE, momento em que os projetos são discutidos e acontece a supervisão para toda a equipe que participa dos respectivos projetos. Sobre as “supervisões de supervisões” (Braga, 2010): “presenciei a reunião do projeto, e as supervisões de supervisões, achei importantíssimo, pois além de discutirmos sobre os atendimentos, há um cuidado em relação aos desdobramentos do serviço nas instituições, me remetendo à visibilidade do PP nos cenários sociais”(Diário da Pesquisadora).

Para descrever minha inserção no campo, passo a mostrar, após a apresentação da instituição visitada, fragmentos do meu diário de campo, um dos instrumentos utilizados para a compreensão e análise da produção dos dados. Em meu primeiro dia no Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ), lembro-me da sensação de descoberta. Eis o encontro com o meu campo de pesquisa e a possibilidade do refinamento no olhar, em poder conhecer de perto aquele espaço que passava a dizer da modalidade de prática psicológica, objeto de estudo da minha pesquisa, que agora estava atravessada pelo meu olhar e de outros coautores.

Dirigindo-me para o DJ, penso como o 17º andar, local ocupado pelo DJ, apresenta-se como um lugar importantíssimo para os assistidos que fazem uso dos serviços do departamento; e, sem dúvida, a implicação da Psicologia, neste espaço, também é de fundamental importância. Compreendo que os assistidos não vão ao departamento, exclusivamente, com o objetivo de ser atendidos por psicólogos; é, na sala de espera, que, muitas vezes, eles tomam conhecimento de que podem contar com a disponibilidade de atendimento psicológico.

Atravessada por seis visitas ao DJ, em um intervalo de aproximadamente três horas e meia em cada visita, posso dizer, que, por mais que eu tente descrever

exatamente como o serviço funciona, me dou conta do quanto posso acabar substantivando a singularidade do Plantão Psicológico no DJ. Sendo assim, apresento diálogos ramificados pelo meu caminhar em instituições. Por compreender que as instituições cartografadas, para mim, são os ramos; e, por me considerar uma viajante, em processo, tatuada pelas experiências de ser plantonista, peço licença para brincar um pouco com as palavras.

Curiosamente, em meu último dia no DJ, especificamente, pude sentir um pouco mais daquele espaço, com um olhar de despedida e de quem havia descoberto um mundo, um mundo, imenso, que resgata o diálogo do Direito com a Psicologia, me fazendo pensar, que, às vezes, parecem caminhar bem e de mãos dadas, ressoando em demandas das instituições sociais. Angustio-me, quando vou me dando conta no quanto a Psicologia Jurídica tornou-se distante do conteúdo da disciplina cursada na universidade em que fiz minha graduação... Pensando em minha formação, compreendi, este, como um cenário distante, e, acredito, pouco conhecido em algumas universidades, fazendo-me ficar atenta de que modo esse diálogo pode tornar-se mais abrangente no cenário universitário (Diário da pesquisadora).

4.2.2 Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP (Ceip-USP): um ramo

O Serviço de Aconselhamento Psicológica (SAP), como foi dito anteriormente, foi fundado em 1969, há exatamente meio século. Este espaço pertence ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Foi fundado por Rachel Rosenberg e Oswaldo Santos e sua história, com seus diversos desdobramentos, já foi apresentada no capítulo 3.

Como desmembramento do SAP, surgiu, em 1998, no Lefe, uma proposta de serviço de PP, hoje intitulado como Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico (APP). Ao longo da pesquisa, a referência ao serviço será com a sigla do APP. No ano em que a pesquisa foi desenvolvida, o serviço funcionava semanalmente às terças-feiras, com período de inscrição, das 17h00 às 19h30, sendo possível extrapolar esse horário, em caso de necessidade e acordo entre os membros da equipe. Os atendimentos começam às 17h e vão até a chamada do último inscrito, podendo se estender até 21h, sempre acompanhando a proposta de inscrição: lista de espera por ordem preferencial de chegada. No momento em que a pesquisa foi desenvolvida, a equipe era composta por entre vinte e trinta plantonistas e cerca de dez supervisores.

O LEFE fica localizado no Ceip, onde os atendimentos podem ser em grupo ou individuais, acontecendo no primeiro andar e, dependendo da demanda, podem também ser no térreo, no saguão 1, ala B. São em média oito salas de atendimento, ficando localizadas no saguão 3, ala F, enquanto que o saguão 4, ala G, é o espaço no qual acontecem as supervisões clínicas de todos os projetos vinculados ao Lefe, que desenvolvem o PP em diversas instituições. Para as supervisões que acontecem durante o atendimento, existem três salas disponíveis, facilitando consideravelmente o andamento do serviço.

Os atores sociais que procuram o serviço são atendidos por ordem de chegada. Durante o atendimento, é preenchida uma ficha que contém os dados pessoais do cliente. O atendimento é realizado pela equipe de plantonistas, composta por estagiários da graduação e pós-graduação, que estejam vinculados ao Lefe.

Pude participar, durante um mês, das atividades do LEFE, em um intervalo de aproximadamente quatro horas em cada encontro. Atravessada pela experiência vivida, posso dizer que este espaço tem uma importância extremamente significativa para os clientes que fazem uso do serviço. A importância do serviço, realçada pelos atores sociais durante os atendimentos, levou-me a pensar que este pode ser um espaço de referência para a elaboração das possíveis ramificações das questões emergentes relacionadas à dor do existir. Impactada pela experiência, passo a apresentar trechos do meu diário.

Eu vinha de um cenário de serviço-escola, completamente diferente do que foi sendo apresentado, a mim, quando cheguei ao LEFE. Este, proporcional ao tamanho da USP. Fui conhecendo um pouco os plantonistas daquele espaço, era um mundo diversificado e encantador. Aqui, foi o primeiro ramo que conheci, fiquei encantada, com a sensação de que, se a pesquisa fosse só neste cenário social, já teria valido, incrivelmente, a pena. Eu abraçava fertilidade, eu me surpreendia com a energia daquele grupo. Desejava que o empenho inicial, que estava sendo apresentada não acabasse... mas logo me dei conta que perdurou, perdurou até a minha vinda de volta pra casa, na verdade, até agora. Meu encanto tem relação também com as estratégias elaboradas semanalmente, enquanto instituição. Eu senti, aqui, que o PP é reconhecido, não só enquanto prática psicológica em um serviço-escola, mas autenticado pela quantidade de colaboradores, ou melhor, pela qualidade das discussões, mas percebia que a autenticação se constituía também, através da procura dos atores sociais (Diário da pesquisadora).

4.2.3 Hospital Universitário: um ramo

O Hospital Universitário (HU), como o próprio nome sugere, é um hospital que abriga diversos profissionais de saúde em formação, além de disponibilizar também hospedagem para os acompanhantes de alguns pacientes. Mostra-se como lugar onde são expressas as mais duras dores e mazelas humanas, em que vemos concretamente a degradação do corpo e a própria morte em sua concretude.

O HU também é um espaço possível para o psicólogo como profissional da saúde construir sua formação e a *práxis*, com ênfase na dimensão ético-política da formação do psicólogo. Os serviços de PP no HU aconteceram às quartas e quintas-feiras, no horário das 17h às 20h, no período em que a pesquisa foi desenvolvida. A equipe é composta por dois supervisores de campo e aproximadamente doze plantonistas. Os plantonistas são graduandos, enquanto os supervisores são pós-graduandos; ambos precisam estar vinculados ao LEFE ou a projetos de pesquisa dele. A equipe é composta por dois grupos. O primeiro é formado por seis plantonistas e um supervisor que os acompanha na quarta-feira. O segundo grupo é composto por outros seis plantonistas e mais um supervisor para a quinta-feira. Esta proposta evidencia uma singularidade:

Aqui estou, em minha segunda visita ao HU. Em duas visitas, me surpreendo. Trata-se de uma mesma modalidade de prática psicológica, em um mesmo cenário, plantonistas diferentes, supervisores diferentes: PP singular. A mudança me remeteu ao modo de divisão da equipe, à forma de acolher as inquietações dos plantonistas... Hoje, sinto que basicamente tudo mudou. Parecia um outro hospital, o que, para mim, se mostra bastante interessante, ainda faltam três semanas... o que está por vir? (Diário da Pesquisadora).

Os plantonistas costumam circular entre as alas e os leitos do hospital, a fim de que possam realizar uma busca ativa e dar início aos atendimentos. A busca ativa pode ser compreendida como um modo de Ação Clínica de o plantonista intervir em um território e/ou cenário social. As supervisões podem acontecer durante os atendimentos, bem como há um espaço de partilha após os atendimentos, que acontecem na sala de supervisão, que fica no quarto piso. Eis algumas compreensões e afetações que ocorreram nas seis visitas ao HU, em um intervalo de aproximadamente quatro horas em cada visita:

Última semana: Estive aqui hoje, como supervisora... As bolsas espalhadas na mesa me remetem à escola, naqueles dias quando fazíamos atividades fora da sala de aula e íamos para o pátio, por

exemplo. A sala está preenchida, está ocupada com bolsas, garrafas, sacolas plásticas e um silêncio típico de ambiente hospitalar, mas o silêncio daqui não é de que há ausência de pessoas, é um silêncio que abafa dores e gritos internos, e até algumas dores do existir. Silêncio... este que tanto nos rodeia. E por estarmos em um hospital é acompanhado por sons de instrumentos, elevadores, carrinho de limpeza, carrinho com a refeição hospitalar... em alguns momentos consegui parar e escutar os passos das pessoas que circulavam no andar da pediatria, que fica aqui, no quarto piso. A sala de reunião tem uma mesa retangular bem grande, disposta de doze cadeiras, um quadro negro, um quadro branco, duas portas, uma tomada, um armário, um ventilador, uma mesa quadrada, um lixeiro, duas janelas, quatro lâmpadas, essa é a mobília da sala de supervisão... por enquanto, estou acompanhada de descrições de utensílios, e estes parecem preencher a angústia da espera, a angústia de ficar na sala de supervisão à espera de... aparentemente, somente à espera dos plantonistas enquanto eles foram a campo. A sensação inicial que tive que quando mudam os plantonistas e/ou supervisores, algo muda, permanece, é singular, porém plural, pareço confusa, mas tá fazendo sentido... A sensação que tenho hoje me remete a desfecho, na primeira semana, respirava abertura, início de um processo... Me perceber plantonista, supervisora e pesquisadora no HU foi o meu maior desafio, a dor do existir era visivelmente presente e a angústia dos plantonistas nos rendeu uma roda de conversa sobre o nosso cenário de saúde, educação e política (Diário da Pesquisadora).

Segue a tentativa de tematizar mais um ramo...

4.2.4 Centro de Residência de Estudantes da USP: um ramo

Assim como as demais instituições apresentadas, o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp) também possui suas características e especificidades. O Crusp, por si só, já tem uma característica singular, por ser um espaço que oferece moradia aos discentes da USP de baixa renda, provenientes de outras cidades.

É um conjunto residencial, com apartamentos de dois ou três quartos. Ao todo, são sete blocos de apartamentos, possuindo também uma cozinha coletiva a todos os apartamentos do bloco. A inserção dos jovens graduandos se dá através de critérios socioeconômicos, tendo um programa de apoio à permanência e formação estudantil, espaço em que é possível fazer a inscrição para a bolsa-moradia, realizada em parceria com a Superintendência de Assistência Social (SAS) da Universidade. A bolsa promove um incentivo, não só para alunos da graduação, bem como para os que estão na pós.

Há um período de permanência no Crusp: para os graduandos vinculados a cursos com duração de oito semestres, o período é de dez semestres de moradia; para aqueles que o curso dura dez semestres, o período de permanência é de treze semestres. Pós-graduandos que estejam no mestrado, a duração é equivalente a oito semestres e

para os alunos de doutorado, o período de permanência é de dez semestres. Em todas as situações, faz-se necessário renovação anual.

Houve um pedido da instituição (USP), através da Associação de Moradores da USP (Amorcrusp), para que o serviço de Psicologia pudesse fazer uma intervenção, junto aos moradores. Tal pedido foi motivado pelo alto nível de adoecimento dos moradores, em relação à saúde mental.

O projeto de PP no Crusp se dá através de atendimentos em grupo ou individual, que se configuram na modalidade de visita domiciliar ou os atendimentos acontecem no entorno do Crusp, podendo ser nos corredores, escadaria, praça, no teatro, cozinha, ou local que esteja de comum acordo entre os plantonistas e o ator social. A equipe é composta de quatro plantonistas e um supervisor de campo.

Antes de a equipe de plantonistas elaborar um “plano interventivo e terapêutico,” para se pensar em temáticas que contemplam as demandas dos moradores do Crusp, foram realizadas cartografias e entrevistas reflexivas com os discentes e, a partir dos indicativos narrados nas entrevistas, a prática do PP foi se constituindo neste cenário social. O PP no Crusp vai se mostrando, até o momento, com o caráter de pesquisa intervenção. Os atendimentos acontecem em dupla de plantonista, de acordo com a disponibilidade de dia e horário dos moradores e plantonistas. A experiência vivida no Crusp deixou marcas. Recorro ao diário de campo:

Estar no Crusp, para mim, é um misto de sensações. Algo nesse espaço me causava estranheza e angústia. Prédios altos e diversos eram mesmo um conjunto residencial, as paredes brancas me incomodavam, me davam a sensação de palidez, de vida pálida, sem movimento e morbidez. Eu tentava olhar para o Crusp, para além de um espaço físico, edificado... Tentava enxergar o cenário, mas não me parecia um espaço vívido, cheio de vida e fervor, próprio da universidade, este, só me parecia, não sei... adoecedor. É tudo tão silencioso... Aqui o silêncio é angustiante... Faz agora total sentido para mim, que a prática do PP, seja interventiva junto a projetos de extensão, a partir da solicitação dos próprios moradores do Crusp, intervir com os discentes, é, sem dúvida, um meio de intervir com os muros do Crusp e dar espaço para a criatividade ganhar forma. Parece que não é só no HU que as dores do existir emergem a olho nu. Em alguns andares, parece até que as paredes estão adoecidas. Vejo pouquíssimos jovens circularem, mas os que vi estavam conectados em seus smartphones. Ainda perguntei ao supervisor de campo se normalmente era assim: “vazio, silencioso, meio abandonado.” Ele confirmou que sim... isso me deixou pensativa, eu estava encantada com a pesquisa, com as descobertas, e de repente vi que estava prestes a ir embora e não poderia acompanhar as intervenções, queria ter tido a oportunidade de ouvir os colegas, aqui, os universitários em formação. Fico com mais um silêncio (Diário da pesquisadora).

4.3 Os colaboradores da pesquisa

Os coparticipantes, aqui chamados em alguns momentos de atores colaboradores, foram escolhidos, considerando a amostra intencional, a partir do que Thiollent (1986) e Turato (2003) apontam como Amostra Intencional. Foram selecionados, portanto, como coparticipantes, aqueles que pudessem contribuir para atender aos objetivos da pesquisa, com foco na temática que está sendo questionada e estudada.

Foram cinco atores-colaboradores, dos quais três são psicólogos, vinculados à pós-graduação da USP, como discentes do mestrado e doutorado, exercendo a função de supervisores em uma das instituições vinculadas ao Lefe. As outras duas autoras-colaboradoras são discentes da USP, uma do quarto e outra do quinto ano da formação em Psicologia. Os interlocutores da graduação têm experienciado a prática de PP, desde o início da formação. Uma delas teve a oportunidade de transitar em três das quatro instituições; a outra, não menos importante, é plantonista em uma instituição, que é justamente a que a outra graduanda não conheceu. Tal distribuição dos participantes permitiu fortalecer o diálogo entre os espaços.

Os contatos iniciais com os próprios interlocutores se deram, pessoalmente, momento em que pude, de antemão, informar sobre a questão da pesquisa e sobre os objetivos. Antes da realização das entrevistas, receberam explicações claras, com linguagem acessível sobre a pesquisa, ratificando o que havia sido informado no contato inicial. Após as informações devidamente esclarecidas, todos foram solicitados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A respeito da escolha dos colaboradores, utilizamos como critério de inclusão o fato de ter experiência com a modalidade de prática do PP, há no mínimo dois anos, com a finalidade de enfatizar a experiência destes profissionais, além de estarem vinculados a um dos projetos do LEFE. Foram marcados dias, horários e locais, de acordo com a disponibilidade de cada ator-colaborador.

A trajetória da pesquisa fenomenológica se inicia com a pergunta norteadora, que demarca o campo da experiência que se pretende investigar/debruçar (Espósito, 1995). Deste modo, recorremos a Gil (2010, p. 7):

Deve ser elaborada de forma tal que permita dar início ao diálogo entre pesquisador e garanta a liberdade, tanto para a descrição do entrevistado, quanto para que sejam feitas novas formulações no transcorrer da conversa. A pergunta norteadora na pesquisa fenomenológica é muito diferente das que orientam as pesquisas sociais clássicas. Nestas, a pergunta é constituída em termos claros e precisos de forma a permitir que possa ser formulada por qualquer pesquisador “desinteressado.”

O narrar de experiências se deu via entrevista narrativa, através da seguinte pergunta disparadora: “Como é para você ser plantonista/supervisor do Plantão Psicológico no Departamento Jurídico (DJ) / Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico (APP) / Hospital Universitário (HU) / Conjunto Residencial de Estudantes da USP (Crusp)?” Após a narrativa de cada colaborador, gravada e transcrita, a pesquisadora realizou a análise compreensiva dos relatos, intercalando as narrativas colhidas no seu diário de campo.

Ainda como possibilidade de acompanhar a teia significativa institucional, a pesquisadora lançou mão das supervisões não gravadas, registradas através de anotações realizadas após cada supervisão. As supervisões não gravadas sugerem “referência aos fatos significativos e sua discussão clínica, ocorridos na supervisão, acrescidos muitas vezes de observações e comentários que apontam aspecto e pontos para reflexão em momentos de retomada da historicidade dos projetos” (Braga, 2014, p. 102). Braga aponta tais características desse instrumento investigativo:

O registro escrito das supervisões não segue então uma descrição minuciosa das falas, mas o apontamento de unidades de sentido e aspectos significativos do trabalho, que podem orientar temas importantes de pesquisa, desvelar questões com as quais um projeto se defronta, registrar pontos importantes de reflexão do grupo, documentar afetos e percepções significativas da prática que foram compartilhados ou clareados pelo grupo, como um todo. Compondo um mosaico dos principais aspectos da experiência interventiva a cada momento de seu percurso, as supervisões anotadas delineiam um registro material e abrangente dos diversos momentos de um projeto. A visualização gráfica das supervisões consiste numa diretriz para a elaboração de uma narrativa dos participantes que reconstitua a trajetória do projeto nos relatos de pesquisa e intervenção, seja utilizada isoladamente, seja no diálogo com outras modalidades de registro sobre a experiência de campo, como diários de bordo ou supervisões gravadas.

Por este caminho, percebe-se a fonte de (re)união de experiências que se construíram ao longo das narrativas e registros/anotações. Reunião aqui, referente ao que Pompéia & Sapienza (2004, p. 25, aspas dos autores) compreende, quando “no momento em que a obra me toca e me diz algo acontece um fenômeno que poderíamos

chamar de ‘reunião’. É como se eu, o artista e a coisa estivéssemos reunidos.” E, por assim pensar, concordamos com Critelli (2012, p. 12), ao apontar: “Dessa história pessoal e na sua interpretação, é possível redescobrir os nexos, através dos quais interligamos os acontecimentos da existência e o sentido de ser já realizado. De posse dessa descoberta, o realinhamento do nosso destino se torna disponível para nossa ação e autoria.”

4.3.1 Apresentando os atores-colaboradores

Com a intenção de apresentar nossos atores-colaboradores, inicio caracterizando o perfil de cada um com relação a: nome, faixa etária, sexo, função, situação profissional/acadêmica, experiência, instituição.

Tabela 3 – Apresentação sociodemográfica dos atores-colaboradores

Nome	Faixa Etária	Sexo	Função	Situação profissional/acadêmica	Experiência (Início)	Instituição
Mil Cores	> 20	M	Supervisor	Pós-graduando	2016	HU
Mandacaru	>20	F	Plantonista	Graduanda	2015	DJ
Facheiro	> 18	F	Plantonista	Graduanda	2014	Lefe, Crusp e HU
Xique-xique	> 30	F	Supervisora	Pós-graduanda	2008	DJ
Coroa de frade	> 20	F	Supervisora / Plantonista	Pós-graduanda	2013	Lefe e HU

Como segundo momento, faço uma apresentação individual, indicando e justificando a escolha dos nomes fictícios usados, para evitar a identificação de cada autor-colaborador. Também passo a apresentar as minhas afetações, durante o período da pesquisa. A narrativa mostrou-se como bússola para orientação da escolha dos nomes fictícios, escolhidos a partir do modo como se apresentaram na minha experiência. Deste modo, optei por denomina-los como cactos. Nomeei os atores-colaboradores, narradores de histórias, como cactos dos ramos, por compreender que, em cada ramo, há significados e sentido da experiência em ação. Eis as ramificações e os seus

desdobramentos. Desta forma, apresento: Mandacaru, Xique-xique, Facheiro, Coroa de frade e Mil Cores.

Enquanto viagem sentida, abarco e abafio as condições da minha angústia em ser plantonista-pesquisadora. Tenho medo dos meus olhos e minha fala não conseguirem compartilhar o que senti na pele tatuada, no encontro, no caminhar entre ramos. Fico com a sensação que preciso abarcar todas as minhas compreensões e afetações. Me dou conta, que às vezes, irei abafar, no sentido de aquecer e deixar acalantar o que sinto, não compreendo que este abafar, tenha apenas o sentido de silenciar. Falar sobre a minha angústia, sobre os lugares em que passei, me fizeram compreender, que não preciso ter controle de tudo, de todas as minhas afetações e de todos os fenômenos que enxerguei. Fui sendo contagiada pelos ramos e fui descobrindo cactos. Cactos. Atos. Ações. Cactos do sertão, do ser-tão em ação. Em ser tão da terra fértil, me deparo com cactos longos, às vezes suculentos, às vezes espinhosos, às vezes floridos, às vezes... Me deparei com cactos longos e vastos, que em algumas espécies apresentam floração noturna. A floração noturna, compreendo como o momento de recolhimento de cada plantonista em suas casas, no trânsito da cotidianidade, seja do atendimento, supervisão, escrita do diário, ali, elaborando suas compreensões da experiência própria do ser-tão plantonista em seu silenciar noturno. Não imaginava que encontraria beleza em cactos. Fui abraçada por eles, em sua fortaleza. Por hora, pensei que precisaria regá-los todos os dias em que estivesse transitando entre ramos. Logo me dei conta que cactos não precisam ser regados todos os dias, cactos são fortes, assim como eu fui e, às vezes, sou. Trago o início da minha trajetória no Plantão. Foi no sertão, não faria sentido chegar até aqui e não olhar para minha história enquanto plantonista. Assim, me recordo da Bandeira Científica no sertão pernambucano, ali, me deparei com narrativas da seca de longa duração. Me recordo que cactos são resistentes à seca, são originários de regiões desérticas, descobri que todos os cactos florescem, uns com alguns meses vida, outros depois dos 60 anos de existência... Tão simbólico, não? Enquanto pesquisadora, encontrei **Mandacaru** Luiz Gonzaga e Zé Dantas um dia nos disseram, em “O xote das meninas” (1953): “Mandacaru quando fulora na seca, é o sinal que a chuva chega no sertão...”, Mandacaru, se apresentou para mim, e, por ser-tão leve, me lembrou a natalidade e a fertilidade após a chuva em Plantão. Entre ramos, conheci a beleza singular de cada cacto, com suas histórias, seja em tempo de chuva ou estiagem enquanto viagem sentida. Conheci **Xique-Xique**, por sua vasta experiência no Plantão e por trazer em sua narrativa o empenho de fazer busca ativa na sala de espera do D.J, faço alusão à seca do sertão, que de algum modo “busca ativamente” por chuva, água. A água aqui, poderiam ser os clientes, que trazem narrativas que podem ser movimento, típico do curso da água de um rio... Em outro momento, conheci **Facheiro** que se ramifica entre ramos, senti em sua fala a perpetuação não só da vida, mas da história do PP na USP, justamente por transitar entre diversas instituições. Cada vez mais, via beleza no sertão, das histórias ali narradas, compartilhadas, tecidas. Conheci **Coroa de Frade**, nesse encontro agradável, pude ir sentindo a tatuagem da experiência ganhar voz. O amor de Coroa de Frade pelo Plantão, fecundava em minha escuta a vida vivida. No encontro com **Mil Cores**, tinha a sensação de luz, de vida, de cor. Ele se mostrava um profissional iluminado, multifacetado com seu olhar cuidadoso com a formação de psicólogos. Por fim, cactos são para mim beleza. Um dia li, que são “guardiões de vida”, eis a beleza do ser-tão plantonista (Diário da pesquisadora)

4.4 Modalidades de investigação da pesquisa

No trânsito da pesquisa, que se fez na viagem, no movimento de ir ao mundo conhecer o contexto que inspira a pesquisa, a ação cartográfica clínica se mostrou como

um processo fundamental para seu desenvolvimento, em instituições, de modo que a compreensão e as intervenções puderam ser contextualizadas, a partir do caminhar entre espaços. Retomando Morato (2017, p. 35, grifos do autor):

Diz de seguir adiante (*meta*) por este caminho (*hodos*) para per-seguir o ainda não trilhado insinuante da existência humana, embrenhando-se floresta adentro. [...] Ou ainda, uma metodologia clínica encaminhando a ação cartográfica como atenção e cuidado, ouvindo o lamento do acontecer humano trágico, seguindo por onde e como o trânsito acontece pelas passagens na errância do homem.

Ou ainda,

Vale apontar que tomo o método de acordo com seu sentido etimologicamente original, do grego *Méthodos*. Entretanto, fazendo uma torção do sentido tradicional de método (metá-hódos – um caminho para se chegar a um fim), assumo o método como *hódos-metá*, realçando que ao me pôr a caminho (*hódos*) se faz possível ir além, ir adiante (*metá*) – encaminhar-se, compondo uma compreensão que se revela no caminhar (Santos, 2016, p. 38, grifos da autora).

Ao apontar o caminhar como possibilidade de trajetória, compreendo que estamos nos referindo a uma estrada, direção, caminho, pistas para chegar a algum lugar. A estrada, grosso modo, é uma via mais larga, que nos leva a um caminho. Apresenta-se, pois, como o nascedouro de possibilidades, com suas direções e vias. Visualizar a estrada, enquanto viajante, sugere trânsito, mapeamento e cartografia. Assim,

Ainda que o método cartográfico não parta de hipóteses predefinidas, vale-se de pistas que podem, sumariamente, ser assim caracterizadas: pista 1: conhecimento e transformação são indissociáveis; pista 2: atenção do cartógrafo (pesquisador) abrange rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento; pista 3. Cartografar é acompanhar processos; pista 4. Os movimentos-funções do método são: referência, explicitação e produção/transformação da realidade; pista 5: o plano da experiência cartográfica é o coletivo de forças; pista 6: deve-se considerar a dissolução do ponto de vista do pesquisador; pista 7: cartografar é habitar um território existencial (imersão no território e em seus signos); pista 8: o texto da pesquisa deve considerar a política da narratividade (tomada de posição) (Francisco, 2016, p. 144-145).

A cartografia acompanha processos, ressoa no espaço para a ação, revelada no caminhar, transcrito e refletido no acontecimento plural, coexistencial, da pesquisa de campo. Sendo assim, o cotidiano se manifesta no trânsito da ação cartográfica, realça o *hódos-metá*, próprio do fazer-saber. Morato (2017, p. 34) compreende que “pelo plantão como ação cartográfica clínica não se busca transmitir conhecimentos e conteúdos, mas

sim oportunizar condições de caminhada junto em trilhas florestais ainda não exploradas, embora cada uma siga seu próprio caminho pela mesma floresta.”

Feita tal ressalva, passamos agora a apresentar as modalidades de investigação para produção dos dados da pesquisa. Nessa direção, indicamos que foram usados a entrevista narrativa e o diário de campo. Segundo Flick (2009), a entrevista narrativa caracteriza-se por ferramentas não estruturadas, rompendo com a tradição de entrevistas baseadas em perguntas e respostas; seu início se dá através de uma pergunta disparadora. Dispõe-se a aprofundar aspectos específicos, a partir das questões que emergem na história de vida dos colaboradores, diante de um contexto situacional. Sendo assim:

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles. [...] As narrativas, dessa forma, são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico. Não se tem acesso direto às experiências dos outros, se lida com representações dessas experiências ao interpretá-las a partir da interação estabelecida (Muylaert, 2014, p. 194-195).

Narrativa, nesta pesquisa, está em consonância com a compreensão de Benjamin (1985) na qual, para o autor, a verdadeira fonte de elaboração e transmissão da experiência se dá através da narrativa. A possibilidade de lidar com as transformações impostas pelo viver apenas se realiza quando se faz uso das palavras, ou melhor, quando existe a perspectiva de se atribuir significados ao que foi experienciado. Benjamin (1985, p.198) sinaliza que a narrativa vem se tornando cada vez mais escassa em nosso meio. Isto porque as pessoas não estão mais se importando em contar experiências e “quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza.”

Pode-se fazer alusão ao que Benjamin (1985) compreende, ao dizer que “quem escuta, está em companhia do narrador,” quem se dispõe a estar com o outro na tessitura do narrar da sua experiência está em abertura à linguagem do sentido. Nesta direção, ser-pesquisadora é, impreterivelmente, ser-narradora:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito que contar," diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe (Benjamin, 1985, p. 198).

Os relatos de experiências da pesquisadora foram registrados nos diários de campo, instrumentos que se constituem como narrativas escritas pelo próprio punho da pesquisadora, a partir das suas impressões pelo vivenciado, como forma de tecer a sua experiência com a experiência do pesquisado. Segundo Aun (2005 citado por Biselli & Barreto, 2013, p. 246, grifos das autoras):

“Diários de Bordo” são narrativas em forma de escrita, feitas por um protagonista, a próprio punho, disposto a compartilhar uma experiência. Ao comunicar algo vivido e sentido, “*um Diário é como o tecer de várias estórias interligadas. Estórias essas também tecidas por entre outras narrativas.*”

Os diários foram construídos após as entrevistas e ao longo dos trinta dias em que transitei nas instituições acima citadas, como um modo de significar a experiência vivida. Foram construídos diários e cartografias, escritos a próprio punho, em que foram narradas as afetações da pesquisadora. Utilizar os diários de bordo como uma narrativa em forma de escrita tem possibilitado à pesquisadora também ser narradora da sua própria experiência.

O diário de campo possibilitou à pesquisadora realizar um registro inicial da experiência, sem buscar diretamente interpretações, ou, até mesmo, conclusões. Tornou-se um espaço-afetivo sobre o compartilhar da pesquisa em seu acontecimento, trilhando percursos que possibilitaram maior elaboração e tessitura, desta experiência.

Posteriormente, foram feitas leituras de modo reflexivo e interpretativo, com o objetivo de aglutinar as *constelações centrais* (Szymanski, 2004) comuns, incluindo os fenômenos narrados pelos coparticipantes em unidades de sentido. As constelações agrupadas em diversas narrativas, organizadas em torno de significados e aproximações comuns às constelações centrais, foram submetidas ao processo hermenêutico, interpretativo-investigativo com o objetivo de tematização da análise desta pesquisa.

Posterior à identificação das constelações, foi percorrido um caminho nascedouro para articulações entre a experiência vivida com o arcabouço teórico, disposto na literatura. Neste contexto, segundo Critelli (2012, p. 38):

Ser narrador de si é um árduo aprendizado [...] Ser agente dos próprios atos e falar deles é apenas o primeiro nível em que transcorre nosso existir. O segundo nível é poder ser expectador de si mesmo, de seu agir. O terceiro é narrar-se. O quarto é aquele para onde a narração nos conduz; podemos julgar a nós mesmos, mediante análise e reflexão sobre o alcance e consequências de nosso agir sobre os outros e sobre o mundo em que vivemos.

O delineamento desta pesquisa visa justamente conduzir um diálogo, a partir das narrativas da experiência de psicólogos, plantonistas e supervisores, em formação há mais de dois anos. A compreensão da experiência, daquilo que foi vivido, aproxima os contornos por meio do testemunho, do narrado, sendo a linguagem a voz polissêmica sobre a experiência. Assim, “a linguagem é, então, a *conversação do aparecer* e a possibilidade de se cuidar dele” (Critelli, 1996, p. 75). Deste modo, “dizer o que se passou no campo de pesquisa é uma prática performativa que liga, de modo inexorável, política e epistemologia. Assim, conhecer não é senão um modo de engajar-se, de performar realidades também através do que se narra” (Moraes, 2011, p. 178). Debruçar-se no campo da pesquisa fenomenológica hermenêutica é uma ação atenta e cuidadosa, explícita no movimento fenomênico interrogativo e investigativo. E, neste sentido, recorro a Moraes (2011, p. 178):

O pesquisador é um ator neste cenário – suas práticas produzem realidades. Cabe ao pesquisador, de algum modo, puxar certos fios do campo, trazê-los à cena, torná-los visíveis, enquanto outros serão deixados de fora, ficarão ausentes daquilo que se narra. E é aí, neste jogo do que se mostra e do que se deixa de fora, que uma realidade é performada.

O diário, neste sentido, portanto, descreve a “*inclina-ção*” da pesquisadora, produtora de realidades, junto aos cactos colaboradores, ao narrar suas experiências. Traz à tona os fios das minhas falas que transbordam, através da linguagem, o desvelamento do sentido da minha experiência, enquanto pesquisadora-com. O sentido que transborda e chega a bordo no meio de um navegar nas ramificações dos indicativos das possibilidades compreensivas.

4.5 A análise das narrativas da pesquisa

A análise das narrativas é o momento propício para o pesquisador sair do lugar da descrição e caminhar pelo fio condutor da narrativa da experiência. É o momento real da apresentação dos fenômenos que emergiram no campo da pesquisa, desvelados através da linguagem, pela comunic(a)ção; estes, colhidos nas entrevistas narrativas, diários de campo e cartografia. Tomo como orientação para a análise a *Analítica do Sentido*, por meio do *Movimento de realização* (Critelli, 1996) e a *Constelações centrais* (Szymanski, 2004).

É necessário, então, apresentar o caminho percorrido, em relação à investigação e interpretação compreensiva do movimento fenomênico. Deste modo, “para a fenomenologia, a misteriosidade do ente e do pensar é dado constitutivo do próprio conhecimento. Além do que, todo mostrar-se é sempre um mostrar-se do próprio entrelaçamento em que se amalgamam a coisa e o olhar” (Critelli, 1996, p. 62). Performar entre os fios do campo sugere transmitir atentamente os registros e os acontecimentos, no entrelaçamento constitutivo para o conhecimento. O olhar do pesquisador, agora, distante fisicamente dos cenários sociais, busca um olhar retrospectivo e reflexivo, naquilo que se mostra e se esconde, próprios do pesquisar. Este, enquanto um movimento de realização, indica que:

O aparecer dos entes em seu ser é um movimento fenomênico, que consiste nos entes mostrarem-se e ocultarem-se para um olhar, segundo aquilo que eles são e segundo aquilo que eles não são. Fenômeno é o ente mesmo trazendo-se à luz de uma iluminação. [...] O aparecer dos entes depende dessa condição ontológica dos homens perceberem o ser e corresponderem a ele (Critelli, 1996, p. 67).

Interessante notar que o aparecimento é o movimento fenomênico. Possibilita conduzir e tematizar a caracterização da investigação ontológica proposta por Heidegger (2015, p. 304): “A investigação ontológica é um modo possível de interpretação. Esta foi caracterizada como elaboração e apropriação de uma compreensão. Toda interpretação possui sua posição prévia, visão prévia e concepção prévia.” Pesquisar é trazer à luz, as compreensões prévias, porém, o já conhecido, também pode fundar

mundos e se apresentar de outros modos, possibilitando a abertura ao novo para aquilo que se busca, enquanto pesquisa. Sendo assim, complementa:

No momento em que, enquanto interpretação, se torna tarefa explícita de uma pesquisa, então o conjunto dessas “pressuposições,” que denominamos de *situação hermenêutica*, necessita de um esclarecimento prévio que, numa experiência fundamental, assegure para si o “objeto” a ser explicitado. [...] Para isso, vê-se obrigada, numa primeira caracterização fenomenal, a conduzir o ente tematizado a uma posição prévia pela qual se deverão ajustar todos os demais passos da análise (Heidegger, 2015, p. 304, grifos do autor).

Nesse contexto, o pesquisador, ao se inserir no cenário social, tem acesso à caracterização fenomenal, ao aparecimento das concepções prévias da tematização da pesquisa, o que para Heidegger (2015) seria este movimento, a via de acesso, para a caracterização, do aparecimento e acontecimento, como possibilidade de desenvolvimento da análise, para a investigação ontológica da pesquisa. Sendo assim, segundo Critelli (1996), “pois é desde o que acontece que a possibilidade ontológica pode ser compreendida como *possibilidade* e, portanto, como fundamento desse acontecimento.” Aqui, percebe-se a importância de compreender o cenário e forças que produziu e compôs o campo da pesquisa.

Considerando tal contexto, o *Movimento de realização*, proposto por Critelli (1996), se constitui através de cinco etapas: *desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação*. Apesar de ser apresentados em cinco etapas, são considerados em “caráter demonstrativo, seu desdobramento não é linear, mas necessariamente simultâneo” (p. 69). Segundo Critelli (1996, p. 69), seus elementos indicam:

- quando é tirado de seu ocultamento por alguém, desocultado – DESVELAMENTO;
- quando desocultado, esse algo é *acolhido e expresso através de uma linguagem* – REVELAÇÃO;
- quando languageado, algo é *visto e ouvido por outros* – TESTEMUNHO;
- quando testemunhado, algo é *referendado como verdadeiro por sua relevância pública* – VERACIZAÇÃO;
- quando publicamente veracizado, algo é, por fim, efetivado em sua *consistência, através da vivência afetiva* e singular dos indivíduos – AUTENTICAÇÃO.

Ciente de que o *movimento de realização* foi brevemente apresentado, faz-se necessário conduzir o leitor para uma maior aproximação, com estas etapas, visando o diálogo, com a tematização da pesquisa desenvolvida.

Ainda segundo Critelli (1996, p. 74), “O *desvelamento* significa a saída de algo de seu ocultamento – em uma das suas facetas (possibilidades) e por uma época. [...] Este movimento, reafirmamos, é existencial, temporal.” No momento em que a pesquisa foi desenvolvida, foi possível compreender os fenômenos que serão apresentados a seguir. Minhas afetações, estas, temporais, assim como os fenômenos que apareceram são possibilidades de círculos compreensivos que, em outros momentos, poderão desvelar-se de outros modos. A *revelação*, para Critelli (1996, p. 75), seria a “tangibilidade do que é descoberto é dada pela linguagem. O desocultado precisa ser expresso em alguma linguagem para chegar à mais primária forma de aparecimento ou manifestação.” Assim, pode-se compreender duas das etapas, do *movimento de realização*, desta pesquisa, sobre estas, apresento: “há uma simultaneidade entre o desvelamento/revelação de algo e de nós mesmos como compreensores. Cada vez que algo é trazido à luz (compreendido) por alguém, este alguém nasce junto (outra vez) com aquilo que compreendeu” (Critelli, 1996, p. 79).

Sigo no trânsito da apresentação analítica, referindo agora o *testemunho* que manifesta a comunicabilidade entre os homens, a fala, licitamente apresentando a pluralidade da coexistência. Deste modo, o testemunho “mostra-nos que, no ser-no-mundo, nada é para a individualidade, mas para a pluralidade. Não há possibilidade de alguma percepção individual, se ela previamente não for uma percepção plural” (Critelli, 1996, p. 84). Para tal, “é preciso que a coisa dure como *assunto* entre esses indivíduos. Que ela seja comentada frequentemente para que tenha aparência. Caso contrário, corremos o risco de passar pela praça pública e nem sequer vermos o monumento” (Critelli, 1996, p. 84). Não faria sentido cartografar e pesquisar os cenários sociais, pôr em andamento investigações e interpretações, pelas narrativas colhidas e, simplesmente, engavetar as referências apreendidas nos cenários sociais, sem dispor de devolutivas aos coparticipantes dos cenários sociais pesquisados. O que inviabilizaria o exercício de comunicar a ação em coautoria, manifestando-se em isolamento e mutismo, indo de encontro à pluralidade da rede de relações significativas, inferidas no pesquisar.

Destarte, a *veracização*, segundo Critelli (1996, p. 86), indica a “relevância pública de algo como critério para sua veracização, como critério de verdade, é tocar

num ponto crucial de toda a questão do conhecimento para nossa civilização de tradição metafísica.” Não há como pensar em uma pesquisa científica, sem atribuir referência à relevância acadêmica e social dela, bem como sem considerar os aspectos de adequação metodológica da pesquisa. Sendo um espaço criativo para o diálogo entre a teoria e a prática, o que possibilitou o acesso à mostraçõ dos fenômenos a serem apresentados publicamente. Por fim, a *autenticação* (Critelli, 1996, p. 91) é a maneira de apresentar a pesquisa ao público, toda a trajetória encantadora do ser-pesquisadora. Aqui:

Em sua verdade, é uma convicção sentida na solidão da alma, assim como o mel e o sal são gostos saboreados na solidão da língua. Sem esta *autenticação* final, o que foi desvelado, revelado, testemunhado e veracizado não chega à sua plena realização. Ao contrário do *testemunho* e da *veracização*, a *autenticação* não se dá pela presença dos outros homens. A autenticação é obra do indivíduo. Só o indivíduo, e não o público que constitui o mundo, pode dar às coisas sua consistência. Daí que todas as coisas de que falamos, com que temos contato, de que ouvimos falar ou compreendemos só chegam a ser consistentes pela experiência individual. Experiência que não está embasada pelo raciocínio ou pelo entendimento intelectual, mas passa pelo crivo da emoção (Critelli, 1996, p. 91, grifos da autora).

Assim, apresento a trajetória percorrida, por mim, enquanto pesquisadora, para a analítica do sentido dos fenômenos desvelados. Assim, a correlação da experiência plural e da individual sugere recolhimento e afastamento do pesquisador no campo da pesquisa. Só assim poderemos ter acesso à pluralidade do *movimento fenomênico*.

Ainda como via de acesso a esta pluralidade, não poderíamos, contudo, deixar de considerar a constelação de sentido, proposta por Szymanski (2004). Deste modo, construímos e acessamos as unidades de significado, agrupadas como constelações, com o objetivo de compreender a mostraçõ fenomênica desvelada, através das entrevistas narrativas. As constelações foram arranjadas de modo a possibilitar uma síntese em torno do que Szymanski (2004) denomina de constelações centrais e foram submetidas a uma análise do sentido, como proposta por Critelli (1996).

Sendo assim, foram construídas cinco constelações no capítulo “Plantão Psicológico: a árvore da vida”: 1) As singularidades do Plantão Psicológico e seus diversos ramos; 2) A narrativa, como possibilidade de descoberta dos ramos no PP; 3) A form(a)ção no Plantão Psicológico: à margem do rio; 4) Sombra: o modo singular de fazer Plantão Psicológico e 5) Transitando *entre* instituições: o modo como o corpo é percebido no Plantão Psicológico. Investigou-se o sentido, a partir da grande questão:

“Como é para você ser plantonista no DJ/HU/APP/Crusp?” Surgiram diversos questionamentos transformadores no processo criativo de diálogo na pesquisa, e que serão apresentados no capítulo seguinte.

5 Plantão Psicológico: A Árvore da Vida

E sei que esta árvore me espera. Conheço-a, esta árvore desconhecida, desde que comecei a ver mundo, é um imenso solo em que árvores crescem para ninhos de pássaros cantores e descanso de homens inquietos e gratuita beleza de paisagens sem dono. Conheço esta árvore sem tempo, esta árvore sem nome e que ninguém plantou. Ela é minha muito antes de ser árvore e de eu ser este homem. Sinto-a nascida em mim, no rude e primitivo solo do meu ser. Conheço esta árvore que nunca vi antes, que nem talvez vejo agora nem verei depois (Lima, 2014, p. 122).

Considerando a possibilidade de compreender/tecer as entrevistas narrativas e as narrativas registradas no diário de campo da pesquisadora, trabalhamos com constelações, que foram se formando à medida que a leitura das transcrições ia acontecendo. Concomitantemente, as experiências narradas foram compreendidas como uma costura tecida pelos fios teóricos que fecundaram a dissertação.

A partir de agora, como modo de entrelaçamento das experiências (com)partilhadas, a análise será escrita em primeira pessoa do singular para fazer referência às compreensões, que são as minhas elaborações, enquanto pesquisadora.

5.1 As singularidades do Plantão Psicológico e seus diversos ramos

Após apresentar o percurso metodológico e as instituições visitadas (ramos da árvore do PP), inicio a construção de uma narrativa que apresenta a experiência da pesquisadora, intercalada aos relatos colhidos, na tentativa de responder à questão norteadora da presente pesquisa: compreender as diversas possibilidades de Plantão Psicológico em instituições.

Inicio essa tarefa preocupada em como compor a narrativa com os diversos fragmentos de meu diário e das narrativas colhidas, apesar de já ter conseguido vislumbrar um fio condutor configurado pela metáfora utilizada: PP compreendido como árvore onde as raízes indicam os pressupostos assumidos para o acontecer da ação clínica. O tronco representa a própria prática psicológica do PP e os diversos ramos configuram as diversas ou instituições onde o PP acontece, visitados pela pesquisadora. Os ramos/instituições são habitados por cactos, nossos interlocutores.

Seguindo esta trilha, começo revisitando o DJ, com o objetivo de continuar com a mesma lógica assumida na metodologia: apresentação dos serviços, considerando os

dias da semana em que são ofertados. Na tentativa de apresentar a dinâmica do serviço, compartilho um fragmento do meu diário, em que possibilita compreender o modo como o PP se apresenta nesta instituição. Apresentar descritivamente como o serviço era composto, naquele momento, mostra-se como um modo de possibilitar a comunicação e a relação entre as nomenclaturas usadas pelos autores-colaboradores do DJ, no sentido de quem são e o que fazem os diversos componentes do serviço:

Diário da Pesquisadora: Os calouros são os que estão no primeiro ano da graduação, fazem o primeiro atendimento com os assistidos, preenchendo dados socioeconômicos, é a triagem. Após esse encontro, eles encaminham os assistidos para os plantonistas do Direito. Já os vareiros cursam o segundo ano da graduação, e podem ir até as varas judiciais acompanhar os processos em andamento. Os plantonistas do Direito são alunos, a partir do terceiro ano, podem ficar responsável pela orientação jurídica e acompanhamento, também, dos processos judiciais, bem como acompanhar, ainda, a supervisão dos advogados. Os advogados do DJ são os orientadores que também fazem plantão, ficam responsáveis pelos casos e assinam as petições nos processos; os advogados são os colaboradores – realizam audiências nos fóruns.

Importa apresentar, que o plantonista do Direito, é de outra ordem, não se caracteriza como o plantonista na Psicologia, na modalidade de prática do Plantão Psicológico. Se considerarmos o DJ, somente a partir das práticas oferecidas pelo serviço do Direito, teremos nomenclaturas que se assemelham com a modalidade de prática do PP, porém representam significados e ações distintas, o que torna necessário apresentar como a equipe do PP nomeia os membros que compõem a equipe do serviço de Direito. Nesta perspectiva, Nunes e Morato (2013, p. 260) elucidam as categorias dos discentes de Direito no DJ, nomeadas pela equipe do PP:

Os primeiros são alunos do primeiro ano encarregados da recepção dos clientes, triagem socioeconômica, triagem jurídica e encaminhamento ao estagiário plantonista. Os estagiários de campo são alunos do segundo ano, incumbidos do acompanhamento dos processos junto aos fóruns da capital. Após quatro meses nessa função, têm a opção de se submeter a uma avaliação para se tornarem estagiários plantonistas. Estes são alunos do terceiro ano em diante, que ainda não obtiveram sua colação de grau, cuja função é prestar assistência jurídica, orientando o cliente sobre seus direitos, esclarecendo dúvidas, participando de audiências e encaminhando o cliente para serviços de Psicologia e Assistência Social, caso este deseje.

Após esta breve apresentação, ainda como caracterização do serviço, continuo minha caminhada, tentando compreender o que motivou os alunos plantonistas de Psicologia a procurar estágio, através do Projeto de Extensão, coordenado pelo Lefe, em

parceria com o DJ, e, de início, me deparo com um relato que aponta para um modo singular de apresentação e de vinculação ao serviço. “É a ideia de uma árvore grande, tipo um plantão, quando a pessoa está no deserto há muito tempo e de repente a pessoa acha uma árvore e senta embaixo, dá uma paradinha, uma respirada e toma fôlego para sair” (Facheiro). Compreendo o estar há muito tempo no deserto “como um processo difícil, sou afetada pela narrativa de Facheiro, como se esse caminhar, pelo deserto, fosse solitário” (Diário da Pesquisadora). Ao ouvir o testemunho de Facheiro, pude fazer uma conexão entre narrativas. Era o meu encontro com a minha experiência, através da narrativa de Facheiro.

O deserto me parece como um território a ser explorado e compreendido. Possivelmente, estar no deserto possibilita entrar em contato com pouca vegetação e solo rachado, “lembro das minhas raízes no PP, lembrei da minha primeira experiência, que não foi no deserto, mas foi no sertão, pernambucano” (Diário da Pesquisadora). No sertão, muitas vezes, é difícil pensar em possibilidade de vida quando há seca. É a dureza da vida em sua concretude. O vazio da não possibilidade de plantação nos impede de cultivar a terra, me dá a sensação de que fomos impedidos de cultivar a terra. Afasta-nos do cuidado. O sol do sertão ressoa, em alguns momentos, como cansaço. Este pode se apresentar, até mesmo com a impossibilidade de perceber o sol, e como o nosso próprio corpo também reflete sombra. Neste sentido, “ao levantar-se o sol, faz-se luz; o ser nascente emite por si mesmo um raio pelo qual se deixa ver. É esse breve instante do clarear do ser, em que este se desvela na sua verdade originária, que Heidegger denomina <<beleza>>” (Borges, 2019, p. 70).

As ressonâncias desse caminhar fazem sombra, “como acontecimento desafiador, requerendo hospedagens para, em primeira atenção, pousar um pouco para, em seguida, ser passível de um esclarecimento cuidadoso, visando tomadas de decisões em sua peregrinação pela vida, plantonistas se inquietam para compreender o sentido de sua prática” (Morato, 2009, p. 36). Pousa um pouco no deserto, no sertão se mostra como possibilidade de peregrinação. O PP para Facheiro é encontro. “Você encontra pessoas que não estão esperando esse encontro e você tenta ali suscitar uma nova possibilidade de encontrar o seu viver...” (Facheiro). O Plantão, em seu cultivo, me possibilita pensar como um espaço de escuta e cuidado, que conduz nossos clientes,

através de suas próprias narrativas, ao descobrimento de suas sombras, como um cultivo frutífero. “Ao falar de espaço, Heidegger não se refere tanto à localização em lugares (que é um empobrecimento <<objectualizante>> do sentido originário)” (Borges, 2019, p. 68).

Retomo a narrativa de Mandacaru, quando relata como chegou no serviço de PP no DJ, “Foi uma questão de bolsa [...] a primeira que saiu foi justamente uma vaga pro DJ, eu queria o APP no início [...] e aí acabei indo por isso, mas, na verdade, eu não sabia muito do que se tratava.” Sua participação no serviço não partiu de uma escolha, foi motivada pela necessidade de apoio financeiro. Ela é de outra ordem, sou afetada pelo enviesamento de uma realidade brasileira universitária, me remete ao contexto socioeconômico dos universitários brasileiros que, em muitas situações, não conseguem ter a oportunidade de escolher, por se tratar de uma questão de sobrevivência, para dar continuidade à própria formação e/ou permanência estudantil. Tal situação pode impossibilitar o processo de escolha do lugar onde gostaria de desenvolver o projeto de pesquisa e/ou extensão.

“Às vezes, fico muito confusa, mas foi muito assim, caí lá de paraquedas e meu primeiro contato foi tipo assim, esse... Não foi muito escolha!” (Mandacaru). A não escolha, compreendo, nesse momento, como *decadência*, enquanto movimento impessoal. Cotidianamente, tendemos à *impessoalidade*, própria do viver no mundo das ocupações. Entretanto, “essa escolha feita por ninguém, através da qual a presença se enreda na impropriedade, só pode refazer-se quando a própria presença passa da perdição do impessoal para si mesma” (Heidegger, 2015, p. 346). Como será que poderíamos interceder no processo de “sobrevivência” em um contexto universitário, com a oportunidade de demonstrar apropriação das escolhas no meio acadêmico? A “duração repentina é especialmente apropriada para compreender o cintilar do súbito e descontínuo *aí* do ser >> (Sinn, 1967, 136), que é afinal *Ereignis* - o propiciar-se da apropriação pela qual o ser se dá ao seu *aí* e este, acolhendo-o, lhe dá forma” (Borges, 2019, p. 67).

“Perguntaram-me: “E aquele pessoal da Psicologia que vinha pra cá? Tem como voltar, não?”[...] falei com Henriette, já que estava no Lefê. Foi quando ela disse: “então, nesse caso, você já entra como supervisora de campo” (Xique-xique). Vou me

dando conta de mais dois outros modos possíveis de contato inicial com o serviço de PP. Nesta situação, o inesperado se apresentou: em tal caso, convocou, não para a apresentação do serviço, mas para a implantação dele e a implicação da colaboradora como supervisora, convocação realizada pela coordenadora do Lefe.

A experiência de Xique-xique se apresenta como um acontecimento clínico, através da supervisão de campo. O acontecimento clínico “surge (ir)rompendo inesperadamente a trama cotidiana. Diz de uma experiência de (des)abrigo de ruptura e transição, destruindo e fundando mundo ao mesmo tempo: pela fenda que abre na realidade, possibilita a passibilidade ao inesperado possível – o real” (Morato, 2017, p. 32). Assim, “o acontecer do espaço, se revela, por sua vez, como <<retorno ao lar>>, ou como <<ausência de lar para aonde voltar>> (Borges, 2019, p. 68).

“E na hora, eu pensei ‘Como faz esse negócio?’ [...] Perguntei, e vocês não têm nada escrito, sobre como faz isso? E ela falou: Não, não tem, vai lá...” (Xique-xique). O que, inicialmente, se mostrou como uma tentativa de buscar na literatura o passo a passo de saber-fazer supervisão no DJ, transforma-se num fazer-saber apropriado no modo de estar e compreender o espaço que passou a ocupar no departamento.

Nesse momento, sou tomada também pela minha experiência no Projeto Bandeira Científica, que se apresentou de modo um pouco diferente: desejava conhecer Plantão Psicológico. “[...] Se eu sabia do que eu ia encontrar? Não, não sabia! Mas me lancei na experiência de descobrir como era ser-plantonista, e percebo que ainda estou descobrindo...” (Diário da Pesquisadora). Já na minha experiência, a curiosidade em conhecer o PP abriu para a possibilidade de escolha, por tal modalidade de prática.

“E eu fiquei meio assustada com essa questão da pessoa estar dentro de uma instituição, de como lidar... Isso ainda é meio difícil pra mim, [...] lidar com pessoas do Direito, com questões que eu meio que ainda não entendo” (Mandacaru). Mandacaru, em seu testemunho, aponta para uma experiência vivida, inicialmente, de modo assustador, chegando a se manifestar como angústia diante do estranho desalojador. “Sua linguagem fala daquilo que, ao mesmo tempo, é familiar e estrangeiro; o que urge ao cliente é ambíguo. Nem sempre ele sabe nomear o que sente, permanecendo imerso em sua angústia” (Morato, 2017, p. 20). Morato faz referência à urgência do cliente no Plantão. Aqui, faço alusão à urgência do plantonista em campo, compreendendo

“questões que eu ainda não entendo” como estrangeirismos, que distanciam do que é familiar.

Ainda neste sentido, o não saber lidar, a estranheza expressa no “é muito corredor” sugere o não se sentir em casa, havendo o rompimento da familiaridade, e por ter sido uma instituição completamente nova, possibilitou a angústia de se “mostrar,” mobilizando outras possibilidades para se apropriar desta instituição. Concomitantemente, a angústia pelo não se sentir em casa me afeta como um possível rompimento com a possibilidade de pertença. Assim, “é essa disposição afetiva que o coloca em movimento por um sentido para o que sente, revelando que a angústia mesma é possibilidade de abertura para buscar outros rumos pertinentes à existência” (Morato, 2017, p. 20). Neste sentido, o PP em instituições me remete ao novo, à ação, enquanto via de acesso à natalidade (Correia, 2010, p.813). Ainda,

A natalidade não é idêntica ao nascimento, que consiste na condição inaugural fundamental da natalidade. Enquanto o nascimento é um acontecimento, um evento por meio do qual somos recebidos na Terra em condições em geral adequadas ao nosso crescimento enquanto membros da espécie, a natalidade é uma possibilidade sempre presente de atualizarmos, por meio da ação, a singularidade da qual o nascimento de cada indivíduo é uma promessa; a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por termos nascido e de nascermos, assim também, para o mundo; de que sejamos acolhidos no mundo por meio da revelação de quem somos mediante palavras e atos; de que nasçamos sempre de novo e nos afirmemos natais, não mortais; a possibilidade, enfim, de que nos tornemos mundanos, amantes do mundo.

É a revelação das possibilidades do novo, compreendo que não é possível retomar/voltar a uma ação iniciada, enquanto continuidade. A ação é o acontecimento, por se apresentar, para mim, como um rompimento de linearidade. A ação clínica, assim, pode ser compreendida pela acontecência em campo, ou melhor, em ramos.

Aquilo que nós iniciamos, enquanto plantonistas, é comunicado ao outro. O início se dá entre os homens; assim, a ação se dá entre plantonistas, supervisores, clientes/atores sociais e pesquisadores. O PP é “abertura que cria um modo de se apropriar, habitar e conceber o espaço social, calcado em suas transformações no momento presente. No território, cujo tempo vivido é o *acontecendo*, desvela-se para o plantonista o desalojamento como condição própria do plantão psicológico” (Braga, 2014, p. 80).

Em outras palavras, apesar de a sua participação não ter sido inicialmente escolhida e desejada, a experiência vivida no serviço de PP, em instituição, refina a criatividade para o novo, sendo possibilidade de conhecimento de uma possível tematização da sua Ação Clínica. “Embora o Plantão Psicológico possa se revelar como serviço à instituição, o que fundamentalmente o constitui é uma ação clínica que configura um espaço clínico na relação com os sujeitos dentro da instituição” (Nunes & Morato, 2013, p. 278).

Em outra perspectiva, apresento outro modo de compreender a participação de plantonistas no serviço entre o HU e o APP: “eu vinha um dia na semana para o HU, no outro para o APP, outro dia para aula e supervisão....Então, boa parte da minha semana, eu me dedicava ao plantão. Não sei, acho que, também, tem muita afinidade pessoal” (Coroa de frade). A participação de Coroa de frade nos dois serviços, bem como a sua presença em sala de aula e na supervisão possibilitaram uma construção de sentido contextualizada, através do trânsito cotidiano entre estes espaços. Sua narrativa constituiu um meio para compreender a sua implicação, enquanto cuidado e dedicação, desvelando o modo como se sentiu afetada pela situação. “É a disposição afetiva que nos volta, não para o mundo, mas para a nossa própria condição existencial, rompendo os significados sedimentados na trama existencial cotidiana e nos abrindo para a condição de pura possibilidade” (Braga & Farinha, 2017, p. 69).

“O que configura o plantão não é necessariamente a frequência com que o paciente vem ou volta, sabe? Mas como esses atendimentos são feitos mesmo” (Coroa de frade). Enveredando na singularidade compreensiva do plantão no APP, Coroa de frade sinaliza um movimento comum ao serviço: o retorno frequente dos clientes ao serviço de plantão. Compreendo, a partir da narrativa de Coroa de frade, que o modo em que o atendimento é feito, é muito mais considerado do que a quantidade de vezes em que ele já foi ou não atendido no plantão. “Quando você está no plantão, independentemente se seu paciente vai voltar, ou se ele já veio antes, você tem uma preocupação em dizer para ele tudo aquilo que você acha que deve ser dito para ele naquele momento” (Coroa de frade). Trata-se de vestígios que comunicam a valorização do encontro, revelando-se em uma prática em seu constante disponibilizar-se para o acontecimento clínico. A Ação Clínica do plantonista privilegia o encontro em sua

unicidade. Caso haja o retorno do cliente ao serviço, não será o mesmo encontro, será um novo atendimento.

Ainda que sinalize a importância da Ação Clínica no encontro em sua singularidade, há questionamentos sobre os possíveis retornos dos clientes. “A gente, enquanto plantonista, nosso interesse é questionar, também, com essa pessoa, como está sendo para ela voltar aqui, independentemente da gente achar que ela deve voltar ou não” (Coroa de frade). Compreendo este movimento como uma ação ético-política, respeitada pela Ação Clínica e construída junto com o cliente.

“Por vezes, conversei com outros colegas plantonistas sobre o sentido que atribuímos ao retorno do cliente ao plantão. Lembro de ter ouvido como uma possível semelhança com a psicoterapia, o que discordo e me deixa preocupada” (Diário da Pesquisadora). “Acho que é uma coisa a dois/três se aquele atendimento vai virar uma psicoterapia, alguém vai estar em um movimento de uma outra proposta de Psicologia, então o fato da pessoa voltar não diz sobre isso. Não entendo dessa forma” (Coroa de frade). Assim como Coroa de frade, compreendo que a volta ao serviço não diz exatamente sobre uma outra modalidade de prática psicológica, mas diz da Ação Clínica do plantonista e de que modo o cliente está compreendendo o serviço. Parece-me que essa é muito mais uma preocupação nossa, do que necessariamente do cliente. Destarte, “Plantão Psicológico não é uma técnica e não é para ser uma técnica. A experiência de questionar ‘é ou não é plantão,’ é o desalojamento necessário para dar-se conta de que Plantão acontece no não esperado, implicando estar disponível ao inesperado necessário” (Morato, 2017, p. 21, grifos da autora).

“Estou com a sensação de que, por conta de algumas questões institucionais, as defasagens de atendimento em outros espaços, modelos, têm feito isso... esse retorno constante” (Coroa de frade). Aliado a isto, surge um apontamento para o atual e triste cenário político e econômico brasileiro. Em tese, ergue-se um desmonte de políticas públicas e desfinanciamento às universidades públicas, o que inviabiliza a manutenção de espaços de cuidado à saúde de uma população. Compreendo os projetos de pesquisa e extensão como um dos pilares das universidades que, sem financiamentos, comprometam os serviços de atendimento psicológico à população, o que implica descontinuidade na formação e descompromisso social.

De modo mais generalizado, o PP pode ser compreendido apenas como serviço, um espaço de cuidado à saúde mental. Pensar, deste modo, sugere naturalizar a ação dos plantonistas no campo. Mandacaru diz um pouco mais sobre ser plantonista no DJ, “nunca sei o que é, nem dizer exatamente o que é, é sempre [...] encontro, [...] sinto que não estou oferecendo um serviço, [...] chego e encontro uma pessoa e ali a gente constrói uma relação, [...] muito dinâmica, inesperada.” Não saber como vai ser o encontro, qual história vamos conhecer, de que modo o cliente vai chegar e como nós plantonistas/supervisores estaremos, desvela o mistério de cada encontro. O PP vai se constituindo, por meio do acontecimento, inesperado e não planejado.

“Tem muito de mim no plantão [...], penso muito nisso, porque, sai um pouco de uma Psicologia [...] de você prestar um serviço, [...] de estar indo realizar um procedimento, [...] não estou indo realizar um procedimento... é um encontro” (Mandacaru). Em outro encaminhamento, temos o encontro de Mandacaru com o próprio fazer em suas (des)cobertas, possibilitando, assim, reconhecer a própria Psicologia de outro modo e também o modo de cultivar a sua Ação Clínica, no que, para muitos, pode ser “só” uma oferta de serviços. “É um emaranhado, é algo que não se explica” (Mandacaru). Ser plantonista, para Mandacaru, tem muito do modo-de-ser dela.

Por meio do diálogo que desaloja, Mandacaru vai reconhecendo a prática como um espaço para uma conversa real: “... é mais algo de uma pessoa que te ouça de verdade. Acho que o plantão é meio que este lugar, um lugar de uma conversa real, real de corpo presente assim.” Assim, “aquele que procura por cuidado psicológico, apresenta-se por sua própria história, tecida na trama de significados do mundo no qual se constituiu” (Morato, 2009, p. 34). A conversa real seria o encontro com a trama significativa no mundo no qual se constituiu? O corpo presente me possibilita pensar em corpo engajado, corpo vivo, atento, em ação com o outro. O plantonista, sendo corpo presente, tece junto com o cliente as histórias multifacetadas, historiobiográficas emergentes naquele encontro. Resvala em territórios existenciais da viva vivida, compartilhada em Plantão.

Assim, seria o Plantão uma possibilidade de encontro com o demorar-se naquilo que solicita um resguardar? Compreende que o lugar de conversa real pespassa a

compreensibilidade da palavra resguardar. Res-guardar “não é simplesmente não fazer nada com aquilo que se resguarda”. Resguardar é, em sentido próprio algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor e essência, quando devolvemos de maneira própria, alguma coisa ao abrigo da sua essência.

Tal disponibilidade pode também ser revelada na *práxis* de Xique-xique no DJ: “eu gosto de trabalhar com humanos, sabe? Com as coisas que importam mesmo na vida das pessoas. E aqui, na verdade, eu me vejo, fazendo exatamente isso. Desde quando eu entrei enquanto estagiária do Direito lá trás... até os dias de hoje, até agora enquanto psicóloga” (Xique-xique). A conversa real vai ganhando contorno, também, através “das coisas que importam mesmo na vida” do assistido ou do estagiário, como Xique-xique falou. A narrativa de Xique-xique, sobre as coisas que importam mesmo, na vida das pessoas, me permite recorrer a Boff (2014, p. 115), “o *pathos*, o sentimento[...] a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está a nossa volta. [...] É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas.”

“Aqui especificamente no DJ, eles falam muito que aqui eles veem mesmo a realidade, quando o calouro começa logo a atender as pessoas, eles veem que o mundo real não é bem o que eles estão acostumados a ver” (Xique-xique). Além de uma conversa real, o PP, no DJ, se mostra como um espaço possível para enxergar a realidade, pulsante, da afetação, da sensibilidade na vida vivida, “atentar a afetações possibilita ao plantonista comunicar interpretações que aproximem o que emerge daquilo que é urgente” (Morato, 2017, p. 20).

No PP, percebo que não há a instrumentalização de uma prática, enquanto atividade produtiva. Não se trata de produção em massa, enquanto fábrica de experiências, por meio de uma produção em larga escala de psicólogos-plantonistas-supervisores em contato com a *práxis*. Trata-se da ação, em seu feito, em seu modo, não enquanto efeito, mas enquanto Ação Clínica. “Acho que é aí que a Psicologia entra, acho que muitas vezes a pessoa precisa processar alguém, a pessoa muitas vezes está em processo... isso é fonte [...] nesses casos de família, [...] criminal [...] então... é muito sofrimento” (Xique-xique). Assim, caracteriza-se uma modalidade de prática que acessa a fragilidade humana dos assuntos humanos. “Olhar a

Ação Clínica em Plantão diz respeito a atentar ao sofrimento, ou aquilo que é de fato urgente; ou seja, sofrer circula muitas vezes no humano de modo muito sutil e pouco nítido” (Morato, 2017, p. 20).

Deste modo, sendo este um espaço de cuidado, recorro a Boff (2014, p. 117), “o cuidado se encontra antes, é um *a priori* ontológico, está na origem da existência do ser humano. E essa origem não é apenas um começo temporal. [...] Cuidado é aquela força originante que continuamente faz surgir o ser humano.” É por assim pensar que “o começo é sempre uma ruptura, um salto (*Ur-sprung*). O tempo do início do tempo é, pois, o <<temporalizar-se>> do tempo, o fazer-se tempo - *sich zeitigen*” (Borges, 2019, p. 67).

“A gente está aqui, mesmo não tendo atendimento, eu sempre acho que estamos fazendo alguma coisa; quando nada acontece, é sinal de que algo a gente não está vendo” (Xique-xique). Genuinamente, compreendo o nada acontecer como um acontecimento, como um dar-se tempo. “Tem sempre alguma coisa acontecendo, mesmo quando não há atendimento” (Xique-xique). “Recordo de algumas situações, enquanto plantonista. Quando não havia atendimento, conversávamos em supervisão, sobre possíveis compreensões da não procura... Possibilitou amenizar minha angústia, pela busca ativa e pela frustração, por não ter atendimento, na época” (Diário da pesquisadora). A supervisão se desvela para mim, como *espaço originário*, “o espaço originário é igualmente o fazer-se espaço, o abrir(-se) espaço ao ser” (Borges, 2019, p. 67). Sendo espaço originário de comunic(a)ção, experiências tecidas, compartilhadas, inclusive, do não atendimento.

Sigo o caminho e sou atravessada pelas narrativas com desdobramentos em grupos sociais universitários (Crusp), caminho pelas trilhas, e tenho um encontro com a Cactos Facheiro. Facheiro apresenta um aspecto de configuração do PP no Crusp, ancorada na tentativa de “criar uma rede de apoio para as pessoas que recebem auxílio em geral, não só exclusivamente as que moram no Crusp... então, é interessante como essa teia vai se construindo, né?”. No Crusp, a cartografia clínica apresentou a construção de uma rede que demanda por atendimento individual: “hoje, eu não atendo tanto em dupla [...] é porque o plantão que a gente estava fazendo no Crusp, eram atendimentos que a gente fazia mais individualmente. Mas, assim, a cartografia que a

gente fez no começo foi em dupla.” Ser cartógrafo é também perceber a importância das significações que emergem no relevo da instituição. Inicialmente, cartografia em dupla; hoje, atendimentos individuais. Descortinam-se especificidades das demandas que foram arrematadas no processo de escuta, oriundas das identificações do emaranhado de significações dos plantonistas no campo.

O projeto de PP no Crusp tem o caráter de “ir se moldando, através do que a gente vai percebendo. Se a gente sentir que está se viciando em uma coisa, que não faça sentido, pode mudar, voltar para a cartografia clínica, sair andando, vendo as outras demandas que vão aparecendo” (Facheiro). Encaminha-se através do trânsito no Crusp a disponibilidade para compreender o que emerge no campo, sendo possibilidade do PP e a cartografia clínica acontecerem em dupla, bem como individualmente. Facheiro, por estar imersa no campo com os demais plantonistas, entrou em contato com o território e percebeu essas especificidades.

Atentos às questões emergentes, se disponibilizaram para grupos específicos, por se tratar de queixas relacionadas a suicídio, ao uso abusivo de drogas, aos movimentos autodestrutivos, às mães-solo (mães que são as únicas e/principais responsáveis pelo cuidado com a criança) e à permanência estudantil, entre outras. Facheiro continua: “a gente acaba ficando mais atenta às questões gerais que acontecem na instituição Crusp. [...] Você pode não estar tão aberto, com um olhar tão amplo para poder captar certas coisas que não se encaixam exatamente no que a gente está estudando/pesquisando” (Facheiro).

Compreende a importância da delimitação temática, devido ao investimento teórico no caráter da pesquisa. Enquanto produção coletiva, percebe que, mesmo se disponibilizando ao cuidado e às intervenções, há possibilidade de cair em um enrijecimento de um olhar cristalizado para as especificidades que estão se debruçando. Assim, “enquanto grupo, se constitui como uma floresta muito mais habilidosa para atentar para o cuidado com o mundo dos homens, na medida em que trabalha coletivamente” (Morato, 2015, p. 201).

Sigo trilhar caminhos entre os ramos, aproximando-me do modo de o plantonista transitar no HU: “Então, eles têm muito disso: às vezes, eles dizem que estão chutando pedrinhas, que é tipo andando pelos corredores, tentando encontrar alguma coisa para

que esse encontro aconteça. Muitas vezes, esse encontro não acontece... muitas vezes, isso é muito angustiante” (Mil Cores). A paisagem é fantástica e encantadora, pelas construções dos ramos em solo fértil. Conhecer a floresta, os ramos e trilhar percursos é, de certo modo, ter acesso à natureza. No testemunho de Mil Cores, sou afetada de outro modo pelo “chutando pedrinhas.” Compreendo as pedras no meio do caminho, como possíveis ornamentações da própria natureza. Chutá-las me chega como um modo de se afastar da realidade cotidiana, uma tentativa, talvez, de se distanciar da instituição, que é próprio do contexto hospitalocêntrico, angustiante. Resignificar esta relação com o chutar pedras, como um pôr-se a caminho, várias pedras reunidas podem se tornar pontes, passarelas, via de acesso a uma chegada, ou até mesmo uma partida. Compreendo que “todo reunir implica, no entanto, um processo - um desdobramento no tempo - seja ele imanente às coisas elas mesmas ou um resultado da acção humana” (Borges, 2019, p. 157).

Mil Cores não apresenta como são essas pedrinhas, mas sou atravessada pela pluralidade dos diversos formatos, texturas e cores. Juntas, se mostram como possibilidade de ressignificar a relação do Homem com a Terra. Por que encontrar pedras no meio do caminho precisa necessariamente ser angustiante? Por que não as recolhemos para nos proteger e criar novos caminhos? Na natureza, pedras são possibilidades, são transformações de ciclos, seja elas pontiagudas ou arredondadas. O tempo as transforma, assim como uma pedra transforma a outra. A angústia, neste caso, se mostra como via de acesso à transformação do plantonista no HU. Pedras no meio do caminho transformam a nossa relação com o HU. “A angústia sobre chutar pedrinhas me possibilita pensar no temor que temos quando nos depararmos com pedras maiores, que possam vir a limitar nossa condição de ir e vir. Pensando nesta magnitude me chegam como bloqueadores de passagem.” (Diário da Pesquisadora). Chutar pedrinhas seria uma ressonância sobre o tédio ao lidar, inclusive, com a expectativa criada ao ir ao ramos, às instituições em que os plantões acontecem? Seria o tédio em lidar com à espera de que algo aconteça, ainda que, esteja a poucos minutos a espera de um grande acontecimento clínico? Seria a dificuldade em esperar própria do modo de vida contemporâneo?

Percorrer caminhos entre ramos no PP “é sempre diferente, nunca é igual, pode ser muito intenso, pode ser nada intenso, podem acontecer coisas no meio que vão mexer com você, vão desviar aquilo, vão transformar aquilo em uma outra coisa que não é necessariamente um atendimento” (Facheiro). A transformação se constitui por meio do acontecimento clínico, no modo de abertura e por meio do “estar disposto a ter múltiplas experiências e... estar livre para viver elas não é estar fixa no modelo, não é estar fixa em uma caixinha. Porque, sei lá, as pessoas que chegam no plantão querem saber como funciona” (Facheiro). A tentativa de saber sobre o funcionamento pode indicar uma tentativa de familiarização com o serviço.

O plantonista, por estar disponível às múltiplas experiências, me afeta como um processo inacabado, em constante construção. O PP nos ramos é construído a cada novo encontro. Pode haver uma expectativa sobre a prática clínica, no sentido de pensar, por exemplo “a que horas eu anoto o que estão me dizendo, o que eu falo, quando paro... o plantão é justamente você não estar preso a isso, é você estar aberto e ver o que você consegue fazer, naquilo que está acontecendo no momento” (Facheiro). O *setting* no PP é o se disponibilizar, é a abertura para o encontro. Em seu (acon)tecendo.

“No HU, eu me sentia com suporte, eu sempre me senti com suporte, porque eu nunca me senti sozinha, tanto atendendo em dupla, quanto sabendo que havia a presença dos supervisores, a disponibilidade deles, assim, fez total diferença” (Coroa de frade). A disponibilidade dos supervisores propiciou a Coroa de frade a sensação de amparo para os atendimentos no HU.

“Eu gosto bastante... acho que levei isso depois, para a psicoterapia que estou atendendo [...] essa minha experiência de plantão, desde sempre, desde o começo da minha graduação, me ajudou, me ajudou a não estar fechada a uma coisa, sabe?” (Facheiro). Este modo de Facheiro se posicionar, sobre o PP, em diversas instituições, possibilitou que não só ela pudesse cuidar do espaço do PP em seus diversos contextos, bem como a mobilizou a estar de outro modo, como psicoterapeuta. Compreendo que a experiência clínica em plantão é uma escola para a vida clínica. “Iniciei minha experiência clínica no plantão. A profissional, que sou, está completamente atravessada pelos diversos atendimentos e supervisões. Um encontro po-ético, pulsante de narrativas... Carinhosamente, chamo de árvore da vida” (Diário da pesquisadora).

“O plantão me ajudou a estar mais aberta, de não estar fechada a uma teoria ou a um jeito de atender convencional, porque, é claro, com o passar do tempo, você vai se prendendo num jeito seu de atender” (Facheiro). Estar no plantão é estar disponível à descoberta do modo de estar com o outro. Percebo que é na pluralidade dos atendimentos que o plantonista acessa a sua inventividade e plasticidade, (des)coabrindo o que emerge em sua Ação Clínica. “O plantão ajuda você a criar isso também, ajuda você a se perceber nas situações” (Facheiro).

A vinculação de Facheiro no PP, desde o começo da graduação, retrata um sentimento de apropriação do seu fazer, apesar de não estar presente na sua narrativa. Tal apropriação se apresenta como um diferencial, com relação aos colegas que não tiveram esta experiência como plantonista.

Há um indicativo de que o PP permitiu a Facheiro compreender a sua Ação Clínica, tornando o momento de criação como algo singular da sua *práxis*, enquanto psicóloga em formação. Possibilitando, assim, perceber que os projetos vinculados ao centro universitário levaram Facheiro a ter uma experiência diferenciada em sua formação.

“O plantão acaba se estendendo, não é a simples existência de um plantão ou de plantonistas presentes, disponíveis para o que vem a aparecer... é um jeito de estar na relação com o outro, que é mais horizontal” (Facheiro). Compreendo que o plantão, por se tratar de uma relação horizontal, é uma relação entre iguais, de coautores, coexistindo em um encontro clínico.

A experiência de plantão “possibilita mais coisas acontecerem, ela é mais aberta... é menos rígida. Ela tem menos um formato do que deve vir a ser um atendimento psicológico, outras formas de ser psicólogo, então ser plantonista é algo mais próximo” (Facheiro). A proximidade na narrativa de Facheiro me convida a pensar no acesso à realidade das histórias de vida dos nossos clientes. Ser plantonista é entrar em contato com as diversas manifestações clínicas. É ter acesso ao privilégio da descoberta da Ação Clínica, po-eticamente. “É como Henriette acaba trazendo, que ser plantonista é mais próximo de uma obra de arte, de alguma coisa que vai sendo criada ali, de uma forma mais poética, sabe? Não é uma técnica, sabe?” (Facheiro). Não é reprodução de um roteiro para a técnica de uma ação engessada. Ser plantonista é ter

acesso a uma fonte ilimitada de possibilidades, tecidas pelas narrativas nos atendimentos, supervisões e diários.

A narrativa de Facheiro sobre a sua experiência enquanto plantonista ressoa no fenômeno da criação. Percebo que vai sendo constituído um entrelaçamento de compreensões, em sua tentativa de ir tematizando a instituição.

O seu modo de compreender a horizontalidade nas relações que se constituem no PP se dá através da obra de arte, que é um processo altamente criativo e próprio de Facheiro. O movimento de compreender o PP em instituições estaria, então, atravessado pelo afeto? O modo que Facheiro habita os ramos e sua narrativa vai se entrelaçando com a fabricação da transitividade criativa entre um ramo e outro?

5.2 A narrativa como possibilidade de descoberta dos ramos no PP

Desde quando fui me reconhecendo, enquanto psicóloga em formação, tenho compreendido a linguagem como um dos existenciais que norteiam a formação, em que as manifestações da angústia, de se reconhecer enquanto profissional, têm dialogado com o processo de elaboração da experiência. Apresento “a linguagem, porque é a casa do ser, é também o Perigo. E, porque é o Perigo, nela brota a salvação: o dizer que resgata do silêncio e do esquecimento o que há-de ser dito” (Borges, 2019, p. 123). A linguagem, neste sentido, pode ser a escrita do diário de bordo, o diálogo com outros plantonistas, a supervisão: é a narrativa propriamente dita e entrelaçada. “Ah, eu amo fazer diário. A partir do momento em que você conversa, muita coisa aparece, faz sentido, você se percebe e fica: o que influenciou, o que tem influenciado o meu jeito de...estar no plantão, de estar na instituição?” (Mandacaru).

Reconhecendo a narrativa, enquanto possibilidade constitutiva da experiência, a narrativa de Mandacaru indica que o diário de bordo é uma conversa com ela mesma. Uma conversa interativa com sua experiência, conversação. Conversar em e sobre uma ação. A experiência vai se tecendo ao longo das narrativas, não é algo instantâneo, precisa de um tempo, de um demorar-se, é permitir espaço para a germinação da experiência. E o diário, para Mandacaru, é a conversa dela com ela mesma.

Compreendo a importância da narrativa para a formação, para o acontecimento clínico. O falar também perpassa o aparecimento de fenômenos e elaboração da experiência clínica, não como rotina ou obrigação, mas é algo que está relacionado com a *práxis* em que a plantonista faz menção à importância da linguagem neste processo de reconhecimento. Ainda, aponto que “a permanência na origem na linguagem poética serve-lhe, aliás, para destacar a relação de *Wesen* com a duração, com o transcorrer próprio do que está a ser” (Borges, 2019, p. 150).

Xique-xique me aproxima da sua experiência: “a gente sempre precisa tá meio que junto. Como era cartografia, a gente se dividia e vinha em horários e dias diferentes, para conhecer mesmo a proposta da instituição. Mesmo eu já conhecendo, reconheci, foi um novo conhecer, um novo olhar.” Xique-xique indica a relevância do cultivo entre estar junto-a, é possibilidade de acessar o tocante compreensivo. O estar-junto acontece em meio à cartografia clínica. Xique-xique e suas plantonistas foram construindo trilhas sobre o modo como foram afetadas, tendo como ressonância a novidade. Surge uma nova proposta de PP, no DJ, a partir daquilo que ganhava forma e sentido, a partir dos olhares plurais-singulares das suas narrativas compartilhadas. Na última narrativa de Xique-xique, tive acesso a dois possíveis modos de fazer plantão: o estar como plantonista e outro como cartógrafa. Modos que configuram uma ação, ao serem trabalhados na supervisão. A supervisão vai se entrelaçando na narrativa, quando ela testemunha: “a gente precisa tá meio que junto...;” evidenciando a importância da sua ação de ser acompanhante, enquanto supervisora.

Ao narrar, Xique-xique consegue ir recordando sobre os caminhos percorridos por ela e com as demais plantonistas, sobre as elaborações em grupo, sobre os possíveis modos que a Psicologia poderia ser vista e reconhecida em um Departamento Jurídico. Tal possibilidade ressoa no modo de estar-junto, aberta às possibilidades que aparecem no acontecimento clínico. “Até mesmo para pensar na nossa inserção aqui, e aí foi quando a gente pensou no PP e, além disso, tínhamos um grupo, um grupo de apoio aos estagiários, para quem quisesse mesmo aparecer, sabe?” (Xique-xique).

A equipe de plantonistas do DJ formou um grupo de apoio para os estagiários do Direito, para atender a um pedido da instituição que, de certa forma, também emerge na cartografia clínica realizada. Foi ofertado um grupo interventivo para trabalhar as

dificuldades relatadas. No entanto, o grupo foi interrompido pelos participantes. Este não engajamento na proposta pode ressoar na narrativa de Mandacaru, quando indica como ela compreende o modo como os estagiários do Direito não solicitam a participação dos estagiários da Psicologia no atendimento aos casos assistidos.

Concomitante, “ando pensando que eu preciso fazer diário, eu só anoto um pouco o que aconteceu, mas acho que eu precisava escrever diários, porque também estou em plantão, também estou aqui...O diário é registro, né? É viagem. É registro da viagem” (Xique-xique). Xique-xique indica, em sua narrativa, a importância do se disponibilizar a tecer compreensões sobre o acontecimento, por meio da escrita. Registro aqui, não indica roteiro de viagem, enquanto passo a passo explicativo, mas como espaço criativo de comunicar ações, elaborar e tecer experiências. “Tenho a sensação de que, quando viajamos e não escrevemos sobre a viagem, não registramos sobre a experiência de ser viajante em cartografia, a sensação que fica é que as coisas se perdem e não se demoram em nossa existência” (Diário da Pesquisadora).

Há um certo tempo, já vinha me questionando sobre os diários também serem instrumentos para os supervisores compreenderem a sua experiência e dos supervisionandos. Espaço tão familiar para os plantonistas e que diz muito do movimento de descoberta neste fazer. “Semestre passado, eu não gostava muito. Me sentia muito perdida, foi justamente nesse processo de fazer diário toda semana que foi dando sentido pra mim. Até de perceber que eu estava perdida... minha primeira experiência como psicóloga foi no plantão” (Mandacaru).

E se a experiência não fosse no PP, onde seria? E como? Parece-me que o diário é tido, inicialmente, como um espaço de obrigação do plantonista, como relato de atendimento; para muitos, parece uma prática meramente descritiva, quando o sentido singular do diário de bordo é possibilitar, através da linguagem, não só, mas também as manifestações da angústia, no momento em que ela se apresenta.

O diário, para mim, é um instrumento muito genuíno, um momento de desprendimento e também, de escuta clínica. Espaço de acolhimento sobre o acontecimento clínico, poético da experiência de ser-plantonista. É um espaço para a escuta do fazer em silêncio, ressoa na temporalidade da importância em pausar, momento em que a ação está aparentemente distante, silenciosa recordada pelo não

pronunciamento coletivo em supervisão clínica. O diário, reúne e recolhe esse mútuo pertencimento do plantonista em ação, transforma e convida o plantonista a repousar e se aproximar do que aparentemente “já foi”, mas que ainda repercute e ressoa, ainda que ora transborde em quietude, ora em polissemia ao acolher o vivido. Um dia-rio diz do dia e se assemelha ao curso natural das águas de um rio, em sua liquidez, sai desaguando em outros espaços, o curso do rio simplesmente flui.

A angústia se manifesta após um atendimento e/ou supervisão. Escrever diário é “estar ali, se conhecendo, se fazendo companhia... ele é um registro, sabe? É um momento pra você pensar” (Xique-xique). O pensamento resvala no vigor da história que aconteceu em um passado, tecido em presente que ressoa, possivelmente em um futuro, comumente chamado de agora. O diário representa a referência à experiência face a face de um e de outro; é via de acesso ao encontro daquele que procura o plantão, dos plantonistas e dos supervisores. Poderíamos chamar de diário-espelho? É preciso ter coragem ao estar em plantão. É estar disponível ao ir e vir que desagua no recolhimento afetivo da experiência.

“Gosto de ler os diários das meninas. [...] Sempre leio e, às vezes, tem coisas que elas falaram no diário que não falaram pra mim... E fico: ‘Poxa, mas por que você não conversou isso comigo e só está falando agora...?’” (Xique-xique). Ao estar com Xique-xique pensei: “a travessia do estar-em-plantão, em muitas situações, se assemelha a obscuridade, nos deixando com a sensação de estar em vereda, devido a dificuldade em nomear o sentido da experiência. Reconheço que há o esgotamento que se constitui pelo encontro, a presença do outro, em muitas situações, é tão presente que turva a minha percepção de estar com outro, ainda que o plantão tenha encerrado”. (Diário da Pesquisadora). “O que é digno de se pensar, para aquilo que de há muito mesmo que de modo velado, motiva o pensamento”. (Heidegger, 2015, p. 151).

O diário, talvez, esteja nos convidando a percepção do caminho do que ainda está sendo. Se mostra como um dos espaços em que o PP ainda está acontecimento clínico, conotando na perspectiva de seu não encerramento pelo tempo cronológico. Para muitos, é simplesmente como um instrumento para perceber e falar sobre o que não foi possível trazer à luz no encontro da supervisão, algo que me remete ao tempo e ao espaço. Xique-xique nos mostra quão rica pode ser a tessitura do acolhimento do

diário de bordo em seus desdobramentos. Quanto tempo dura um plantão? Quando se constitui a perspectiva de que ele de fato encerrou?

Compreendo que “a fala configura o que está sendo deste ou daquele modo, dá-lhe nome e voz, situa-se no espaço-tempo do acontecido, do ente facticamente presente. É poesia e poema, composição e composto, fazer e facto” (Borges, 2019, p. 132). Mobilizada pela poesia convidativa em seu acontecimento clínico, inspiro-me em Heidegger, quando: “poetizar significa: dizer seguindo a proclamada harmonia do espírito do desprendimento. Antes de tornar-se um dizer, ou seja, um pronunciamento, poesia é na maior parte de seu tempo escuta” (Heidegger, 2015, p. 59). O diário se mostra para nós, como poesia, em que o plantonista está em companhia consigo mesmo, podendo se apropriar do modo como está sendo afetado (disposição afetiva), para aquilo que lhe salta aos olhos e que pede atenção. Seria um meio de testemunhar o que está sendo experienciado? O diário de bordo em PP ressoa em nosso próprio de fazer plantão: seria o diário do PP ou do modo de ser-Plantão?

O diário se mostra, como espaço “nu e cru” narrativa-viva, enquanto elaboração da experiência de estar em campo. É algo que está em transformação e pode ser apreendido em outros momentos, a partir dos registros e tematizações, que emergem na elaboração da experiência. É a possibilidade de se deixar tatuar e ganhar as roupagens do Arlequim. Não se demorar naquilo que afeta e solicita zelo, cuidado, escuta e pré-ocupação é um modo de não considerar a dimensão temporal da experiência. “É, pois, língua e fala, e não como um código pré-estabelecido a que o falar dá vida, mas como um jogo em que sons e silêncios se articulam por si mesmos, segundo uma lei íntima e misteriosa que mais que lei é *ritmo*” (Borges, 2019, p. 132).

O tempo que o plantonista se debruça, sobre aquilo que lhe inquieta, sinaliza um processo historiográfico da elaboração da experiência, mas é algo que não é mensurável e legitimado pelo controle, do tempo cronológico. Sinaliza um demorar-se numa fala, que nos convida a olhar para a Ação Clínica de cada plantonista em sua *práxis*. E, especificamente, para a nossa própria ação clínica.

São questões, que, de certo modo, remetem ao espaço físico em que a modalidade de prática é desenvolvida. O contexto em que ela acontece reverbera no modo como o plantonista vai se reconhecer em ação, sendo algo pontuado por

Xique-xique e Mandacaru.

A partir do que ressoa no PP, é possível pensar no tempo *Kronos*, tratando-se da duração de um atendimento de PP, como também é possível pensar no tempo, enquanto *Kairós*, tempo necessário para o acontecer da experiência.

De que modo temos olhado para essas dimensões? De que modo o espaço, enquanto instituição, nos diz dessa temporalidade? Estas questões surgem, a partir do que Mandacaru pontua em relação a não gostar muito do PP no semestre passado, e que foi a partir da elaboração dos diários de bordo que ela pôde compreender que estava perdida em seu fazer, bem como pôde se reconhecer, enquanto psicóloga. Que dimensão de tempo e espaço é essa que nos sinaliza sobre a Ação Clínica de Mandacaru? Contudo, é algo que Xique-xique também sinaliza, ao dizer que, nos diários, novos questionamentos surgem que não foram anteriormente pontuados durante a supervisão. Fenômeno que sinaliza a importância da elaboração dos diários no processo de apropriação deste fazer. Este é um convite para compreendermos o lugar que este instrumento ocupa no PP, enquanto modo de testemunho e elaboração, via narrativa, das experiências vividas.

5.3 A forma(a)ção no Plantão Psicológico: à margem do rio

A constelação continua em construção, as narrativas se apresentaram como guia para o encontro com a formação que, a todo momento, atravessava as experiências narradas. Por meio da minha experiência com o Plantão, compreendi que se apresentava como espaço “privilegiado” para um olhar sobre formação de psicólogos.

Por narrativa, compreendo como espaço da palavra em ação, do narrar, cri(a)ção, elabor(a)ção inesperada de sentido. Não se pode prever o compreendido, o PP é inesperado, não se prevê a futura experiência, o que virá da experiência, a narrativa é obra de arte. A obra não se planeja, ela é criada e sentida em seu momento. Assim, “ao inverter a concepção tradicional substantivizante ou subjetivizante dos dois fenômenos originários, Heidegger busca o carácter *verbal* da acção primigênea, o

verbalizar-se (*poiesis, Dichtung*), o dar forma ou figura (*bilden, gestalten*), o fazer-se obra (*sich-ins-Werk-setzen*) espaço-temporal” (Borges, 2019, p. 67).

“A minha formação [...] foi uma formação que se dedicou muito mais à comunidade em geral, foi uma formação que me fez olhar justamente para o sub do submundo” (Mil Cores). A narrativa de Mil Cores, sobre o “sub do submundo,” me afeta como possibilidade de mergulhar em uma realidade, que não se manifesta cotidianamente. Ainda me ponho a questionar: o “sub do submundo” seria as questões sociais (in)visíveis? Seria o que não é comum? Seria o que não está tão acessível? “Minha formação foi se voltar para outras questões que precisam ser ouvidas, escutadas” (Mil Cores).

A formação de Mandacaru indica um outro caminho. “não sei bibliografia sobre isso [...] essa graduação que não me fala nada! Em relação ao Plantão, fez e faz muito sentido, pra mim, ter chegado sem saber... ir descobrindo ao longo dos encontros” (Mandacaru). Tocada pelo processo de descoberta, encontro-me em estado de contemplação.

“Eu gosto do Lefe e gosto, enquanto disciplina também, porque ele não te dá esse apoio teórico, é mais aquela coisa de você ter que se virar, se descobrir. Mas ao mesmo tempo, acho que era bom, sabe?” (Mandacaru). Parece-me que a prática é o lugar do des-cobrir no caminhar, mas algo falta para sustentar o caminhar, mostrando-se como uma necessidade de compreender o que se faz, não é só uma questão de teorização, mas uma interface entre o fazer e o saber. Percebo o quanto faz sentido a narrativa de Mandacaru para mim, o quanto a formação não acolhe as práticas que vão emergindo e que não se enquadram no modelo preestabelecido de clínica.

“Percebi, quando terminei a faculdade, que a questão que mais me preocupava era a formação, não era... outra questão, eu amo o corpo, amo pesquisar o corpo, é justamente aí que pesquiso o corpo, por perceber o furo na formação...” (Mil Cores). Algo similar se apresenta na narrativa de Mil Cores sobre as brechas vividas na formação.

A academia, de certo modo, convida-nos o tempo inteiro a olhar para a prática psicológica enviesada pelas produções teóricas, não priorizando uma articulação entre teoria e prática, como um saber-fazer.

“E esse semestre começou meio complicado, porque eu já estava mais tranquila, mas entraram dois tutorandos, que são pessoas do primeiro ano, mas que agora estão no segundo, mas é aquela coisa, eles não podem atender sozinhos, só podem entrar se for comigo!” (Mandacaru). Mandacaru questiona o atendimento realizado sempre com um plantonista que está iniciando agora, demonstrando incômodo, por ocupar este lugar de “suposto saber” atrelado à sua experiência de plantonista.

“Aconteceu por um incidente [...], um calouro atender sozinho não era nem a intenção, era só para ele acompanhar o atendimento... para entender mais o funcionamento institucional... e, no fim, era uma pessoa com muita demanda meio que o engoliu” (Mandacaru). A partir do diálogo dos plantonistas com a supervisora, foi decidido que os plantonistas tutorandos não poderiam atender sozinhos no Departamento Jurídico. Tal decisão mostrou uma atitude cuidadosa para com o garoto, que se sentiu engolido pelo cliente e também com o cliente. “É tarefa do ser plantonista cuidar do cuidar de ser” (Morato, 2017, p. 20). Em tal experiência, me questiono se os mais experientes também não se sentem desalojados?

Atravessada pelo cuidado emergente nessa experiência no DJ, recorro de um sentimento singelo, nutrido durante minha permanência nas instituições, principalmente no APP: “Parece não haver uma hierarquia, enquanto relação de poder, há respeito pelo outro, mas que não advém da formação e do título que ele venha a ter... ou qual ano da graduação esteja... todo mundo aqui tem espaço e voz!” (Diário da Pesquisadora). Atravessada pelos afetos que se mostram, compreendo que “é pela atenção e cuidado daqueles que se aventuram como clínicos, estribando-se pela afetabilidade, que se abrem possibilidades de ser clínico ancorado na própria existência” (Morato, 2017, p. 20). “Achei isso incrivelmente bonito, o Lefe tem algo de muito singular. É um espaço muito rico, que, sem dúvida, vou sentir falta daqui...de narrar sobre a colcha de retalhos do ser-plantonista, que em mim tanto habita” (Diário da Pesquisadora).

Privilegiar a experiência e não esperar um roteiro para a intervenção é um modo de cuidar e dar voz à Ação Clínica. Neste sentido, aponto que “em todo o fazer humano, em todo o dar voz e palavra ao ser, está dada a máxima inquietude e aberta a via não andada da salvação: recuperar recordando e, assim, repetindo a origem, dar origem a outras possibilidades de ser” (Borges, 2019, p. 123), possibilidade de ser-Plantão. A

sistematização de uma determinada prática psicológica em seu rigor respalda-se pelo diálogo entre o saber e o fazer. São meios que autenticam o nosso fazer na Psicologia. Há algo, porém, que singulariza cada ação profissional. Há algo que direciona uma possível diferenciação daquilo que é próprio da Psicologia, enquanto ciência e profissão. Tal diferenciação precisa ser superada na prática psicológica. Poderia então compreender que o plantonista abriga-se na palavra? Proporcionado pelo encontro com o dar-voz a si pela sua descoberta da Ação clínica? “Pensando de maneira mais precisa, nunca se deve dizer da palavra que ela é. Deve-se dizer que ela se dá – não no sentido de que as palavras ‘estão’ dadas, mas de que a palavra ela mesma dá e concede. A palavra: a doadora”. (Heidegger, 2015, p. 151).

Mandacaru, através da palavra de desamparo e da estranheza no DJ, conseguiu compreender sobre a dimensão da sua formação e fecundação da Ação Clínica neste processo. Todavia, continuo me pondo a pensar sobre este fazer, sobre a ação do psicólogo no PP e os desdobramentos do contexto em que ele está inserido. As inquietações se desdobraram em questionamentos: o que singulariza o sofrimento psíquico na era da técnica? Em tal perspectiva, o que constitui a Ação Clínica de um psicólogo em formação? Há diferença entre o psicólogo em formação e o profissional em ação no Plantão Psicológico? De que modo esses profissionais cuidam da sua Ação Clínica? E como é possível o diálogo da dupla que atende no PP e o encontro no qual se desvela a Ação Clínica? Ação Clínica é a mesma quando o contexto muda? Parece legítimo, neste sentido, apontar as possibilidades de compreensão sobre a Ação Clínica do psicólogo em ação.

Partindo da minha inquietação sobre a Ação Clínica nos diversos contextos em que pude ser plantonista, lanço mão, não só do questionamento da minha ação, como me ponho a pensar sobre os demais colegas que atuam com esta prática, possibilitando, assim, uma articulação entre o Plantão e a Ação Clínica. É neste sentido que Barreto (2008 citado por Morato, 2017, p. 28) diz que “na Ação Clínica, o encontro se dá pelo falar e escutar a quem busca por sentido de sofrimento vivido em vários contextos: consultório psicoterápico, instituições de saúde e/ou de educação ou de um hospital; supervisões.” Segundo Cimino e Barreto (2013, p. 447), a “Ação Clínica implica uma afetação por parte do psicólogo, uma disponibilização para acolher, compreender e

responder à solicitação do cliente, como ser singular atravessado por diversas dimensões, demandando uma abertura, que possibilite abertura a um encontro rico de possibilidades.” Compreendo latentemente a importância da palavra para a compreensibilidade da Ação Clínica, ressoando no questionamento: aqui, o que seria então, a palavra? “Segundo a experiência poética e de acordo com a tradição mais antiga do pensamento, a palavra se dá: o ser. Assim pensando esse “se” do dá-se, temos de buscar a palavra como doadora e nunca como um dado”. (Heidegger, 2015, p. 151). O que nos aproxima do questionamento: o que é digno de pensar permanece e assim começa a aparecer por meio da palavra?

Através das ressonâncias da Ação Clínica no PP, recorro a Figueiredo (2007, p. 16), aspas e grifos do autor) para pensar as ressonâncias da afetação do plantonista em ação como abertura de possibilidade para o encontro com “o outro,” que assim se apresenta, “é um outro englobante, o *ambiente* (social e físico) ou um objeto que desempenha as funções de *acolher, hospedar, agasalhar, sustentar.*” Deste modo, é possível indicar que “se ser afetado é a matéria-prima *da ação clínica*, ser plantonista exige uma disponibilidade para a “dimensão das afetações,” para legitimar as compreensões que têm origem na experiência da escuta do outro” (Morato, 2017, p. 20, grifos da autora).

Volto à narrativa de Coroa de frade: “desde que eu estava na graduação, eu tinha muito interesse pelo modo como o Lefe formava os alunos. Assim, além da parte do plantão, do usuário...é uma área que me interessa muito, porque eu acho que o plantão não é só para o usuário, ele é para o aluno também.” Seria o Lefe um espaço que acolhe, hospeda, agasalha e sustenta a permanência de plantonistas e atores sociais? Coroa de frade complementa: “agora estou como colaboradora, como aluna especial da pós. [...], eu fico muito satisfeita em poder fazer parte disso, em poder levar isso para frente assim.” O PP no Lefe se mostra como um modo de habitar o mundo, através da trama de significados associados às dimensões dos modos de cuidado, não só do serviço, bem como da sua formação, antes na graduação e agora na pós.

Foi por meio deste diálogo, que uma nova constelação se apresentou nesta analítica de sentido. Deste modo, apresento “a singularidade dos modos de fazer Plantão.”

5.4 Sombra: o modo singular de fazer e estar em Plantão ou de Ser-plantão?

O enredamento de uma modalidade de prática psicológica contempla experiências plurais e singulares, dimensões possíveis, no trânsito entre plantões. Desde as inquietações embrionárias da minha experiência, enquanto plantonista, percebia que cada contexto/instituição indicava ações e modos distintos de estar em campo. Até então não nomeava o PP, enquanto acontecimento clínico.

Assim, percebo a importância de tecer reflexões acerca das narrativas dos atores-colaboradores, tematizando o modo singular de habitar cada ramo. Para além dessa dimensão, fica evidente que novos modos de compreender a prática do PP vão sendo transformados pelo pronunciamento da palavra das experiências dos plantonistas, sejam elas embrionárias ou gestadas. O modo como cada plantonista habita este mundo diz, sobretudo, da sua relação enquanto construção singular de significado e cuidado com o PP.

Importa apresentar que na tematização das “singularidades do Plantão Psicológico e seus diversos ramos”, direcionei para possibilidades compreensivas que caracterizassem o serviço, a instituição, a dinâmica, o espaço, o lugar em que o PP acontece. Nesta tematização sobre “Sombra: o modo singular de fazer e estar em Plantão ou de Ser-plantão?” enfoquei na ação clínica, no modo de fazer e estar na *práxis*, próprio de cada plantonista em sua ação, considerando a singularidade de cada instituição. Apesar da semelhança são tematizações distintas, fazendo-se necessária a diferenciação, neste momento, como guia ao leitor.

“No APP, eu já estava atendendo e me sentindo um pouco mais segura para lidar com as coisas inesperadas. [...] No HU, eu sempre achava que estava um passinho atrás” (Coroa de frade). Compreendo que o modo como o serviço se organiza, se manifesta na relação de segurança do plantonista para estar em campo. “É... toda a organização que a gente tem no APP, quando todo mundo se junta, decide quem vai atender com quem... O paciente que chega à procura de... tudo isso acaba trazendo menos angústia para o plantonista” (Coroa de frade). Enquanto que “no HU não tem

nada disso, vai todo mundo junto, coloca as coisas na sala, o supervisor de campo fica na sala e os plantonistas vão... eu acho que todo esse funcionamento é bem mais angustiante” (Coroa de frade). Compreendo que o lugar/espço com o plantão se dá pelo modo como nos constituímos na e pela relação com o cenário que estamos inseridos, aqui, os ramos.

Tal narrativa aponta para o fato de que o modo como o serviço está organizado interfere no modo como os plantonistas singularizam suas intervenções, ainda, não nomeadas como Ação Clínica. Para Coroa de Frade: “as barreiras do HU são mais difíceis de transpassar; assim...acho que... tem muito mais a ver com a instituição e com o modo que acontece, por ser mais solto assim...”. Ainda, no HU, “a gente sente, de certa forma, acha que está incomodando o paciente, eu acho que isso a gente vai construindo com o tempo e vai ficando mais seguro...” (Coroa de frade). A experiência de Coroa de frade no HU sugere um espaço construído por constantes desafios que precisam ser considerados. Já o APP se apresenta como um espaço mais fluido, já que os direcionamentos para o atendimento já estão “postos”. Seria o espaço ou Coroa de frade se disponibiliza de modos distintos aos ramos em que o PP acontece?

Em outra direção, Coroa de frade relata que às vezes tem a sensação de dar passinhos para trás quando está transitando no HU, em busca de atendimento. Estes passinhos para trás estariam, então, relacionados com o sentimento de não se sentir habitando, enquanto plantonista no HU? O que remete ao fato de achar que está incomodando o paciente quando se disponibiliza, por exemplo, a ir a um leito e se apresenta enquanto plantonista?

Experiências multifacetadas e pluralizadas indicam modos singulares de estar em ramos. “Me sinto saindo da formação e tendo propriedade para encarar outras formas de estar em instituição, talvez se eu não tivesse tido essa experiência, [...] estaria mais encanada, do tipo, pra onde eu vou... o que faço da minha vida...” (Facheiro). Percebo uma desconstrução multifacetada no sentido de que a experiência em Plantão a “deixa, pelo menos, mais tranquila, para encarar o que aparecer pela frente, desde onde vou trabalhar, com quem eu vou trabalhar se é uma equipe multidisciplinar, se é clínica... eu acho que fico bem mais tranquila para estar junto com o outro assim” (Facheiro). A experiência narrada ressoa em possibilidades de ações, abrindo caminhos

para outros modos de estar no cenário da prática clínica. Neste sentido, a desconstrução “diz de um novo espaço criado para outras construções possíveis, uma nova paisagem reconfigurando o ambiente que, embora vazio, deixa ver possibilidades para outras situações” (Morato, 2006, p. 01).

A experiência vivida parece lhe dar uma certa tranquilidade, além de possibilitar outro modo de habitar os espaços: “eu não fico preocupada, eu acho que tenho consciência da minha atuação, e acho que eu consigo exercer bem o meu lugar, a minha escuta... o meu lugar, enquanto psicóloga!” (Facheiro). A experiência, enquanto plantonista, fomentou apropriação da sua Ação Clínica, para o viver cotidiano clínico que não é só no Plantão mas em outros espaços em que exerce a sua *práxis*. Neste sentido, “este acto do espaço é compreendido ex-staticamente: espacializar-se é fazer um vazio, enchendo-o e arrumando-o” (Borges, 2019, p. 68). O modo de Facheiro estar em Plantão, sugere um processo apropriativo de construção e desconstrução da sua ação clínica tornando a linguagem presente, quando refere-se a escuta, como uma ancoragem para o acontecimento clínico do seu modo de ser plantonista e psicóloga em instituições.

Teria o PP contribuído para o processo de reconhecimento de Facheiro, enquanto psicóloga, em seus diversos contextos de ação? Poderia considerar que o “sair” da formação, mais apropriada da sua Ação Clínica, tenha a ver com a percepção de ter experienciado o PP em instituições, antes do estágio supervisionado obrigatório do último ano da graduação? Seu modo de pensar, em relação a sua “segurança” para encarar outras formas de instituições, me dá oportunidade para tecer considerações a partir do pensamento arendtiano: “As aparências, têm dupla função de ocultar algum interior e revelar alguma ‘superfície’ – por exemplo, ocultar o medo e revelar coragem, ou seja, esconder o medo, mostrando coragem” (Arendt, 2017, p. 54).

Não à toa, a experiência no PP, para Facheiro, possibilitou o aparecimento de coragem e segurança. Segurança para adentrar em outras instituições e cartografar o acontecimento, desde o início da sua participação na instituição. O que se apresenta também nas narrativas de Coroa de frade e de Facheiro, em que as duas contemplam e revelam a importância da sensibilidade para apreender a instituição com o PP. A

percepção do incômodo, hoje, pode ser visto como um espaço de (re)criações da compreensão dos conteúdos “específicos” relacionados com a ação.

Surge aqui um novo questionamento. Cada nova geração que tiver como modalidade de prática o PP passará pelo processo de transformação e terá a natalidade como uma condição política da *práxis*?

Mil Cores apresenta, em sua narrativa cartográfica, como pode ser desafiador o espaço do supervisor nesse trânsito. Embora seja um espaço desafiador, retomo a narrativa de Coroa de frade para apresentar a importância da supervisão, enquanto possibilidade de tematização da Ação Clínica no HU: “me sentia sem espaço como se não tivesse espaço para estar ali, diante de tamanha angústia, sofrimento... que aquelas pessoas estavam passando, sabe? Era raro chegar lá e estar tudo calmo. Geralmente tinha alguém gritando, sofrendo muito, chorando” (Coroa de frade). Em supervisão, percebe necessidade de estar atenta ao espaço que incomoda, que parece não lhe caber. Tal experiência foi sentida como algo muito angustiante.

“Até a própria bagunça da disposição das camas que ficam ali... eu me sentia muito sem espaço, lá. E acho que com as supervisões, eu fui percebendo que eu também não me propunha a encontrar um espaço ali e encontrar uma possibilidade de estar ali” (Coroa de frade). O não lugar de Coroa de frade lhe possibilitou, através das supervisões e do próprio “fazer-atendimento,” ressignificar o modo como ela ia sendo afetada no PS. Coroa de Frade tece sobre a luz que se mostra enquanto descoberta em seu modo de intervir no espaço do PS no HU. Compreendendo a Ação Clínica como um espaço de escuta, também de si, ainda que se encontre em um lugar que se apresentou, inicialmente, como barulhento, insuportável, por haver dor. Esta transformação se deu através da disponibilidade de Coroa de frade, para estar no serviço. Assim, “a dor é uma sensação indizível que se inaugura colada à condição corporal. A possibilidade de sentir dor é acompanhada de medo, o medo da dor. A dor não se limita ao corpo, ela pertence à existência. Quando a dor chega, ela surge como algo sem sentido, que não leva a nada” (Pompéia & Sapienza, 2011, p. 85).

Parece-me que o não espaço de Coroa de frade lhe trouxe sensação de vazio, que pode ser compreendida até mesmo como dor. Inicialmente, sua chegada ao PS era algo

sem sentido, que lhe levou à angústia do nada, enquanto pura possibilidade. Na permanência, a sua experiência foi desvelando o sentido da sua Ação Clínica.

Facheiro, pertencente à floresta habilidosa, compreende que “você está ali com aquela pessoa, e que você ali fez aquela intervenção, porque aquela pessoa estava ali naquele momento, tinha um contexto... que se repetir o encontro, não vai ser repetição, vai ser um novo encontro” (Facheiro). O caráter de novidade no PP sugere criatividade. Nunca estamos de um mesmo modo, reproduzindo encontros, reproduzindo compreensões e intervenções. É a singularidade do encontro plural, que possibilita apreender o modo como se está afetado em cada experiência de PP. “Vai ser você e aquela pessoa de uma outra forma, [...] isso ajuda a não criar uma relação [...] de expectativas em relação a você e ao cliente. [...] Tudo isso ajuda [...] Você acaba criando uma relação mais leve” (Facheiro). “Bebo da sensação de leveza que Facheiro testemunha. O que para mim e Facheiro é leveza, para outros plantonistas, a não segurança da repetição pode ser algo perturbador” (Diário da Pesquisadora). Desse modo, “Acho que o caminho vai se abrindo...” (Facheiro).

Compreendo que a plasticidade, narrada por Facheiro, aponta para o caráter apropriativo da sua Ação Clínica, do seu modo de estar inserida nas diversas instituições que transita. Percebo a tonalidade do encontro, que é realçado pelo novo, pela obra de arte criativa em seu reinventar.

É instigante acessar a pluralidade de uma floresta. Aqui, compreendemos os plantonistas como florestas habilidosas. Assim, posso afirmar, agora, com mais clareza, que conhecer um novo ou um mesmo lugar requer muito mais do que ir à literatura ou obter informações sobre ela. Quanto menos souber sobre suas particularidades, sinto-me mais aberta para viver a experiência. Ser plantonista, assim, é cultivar, também, o solo, para que se torne fértil ou para que novas plantações surjam e que o desmatamento, caso ocorra, seja ressignificado pela nova experiência, uma nova árvore, plantonistas, clientes, intervenções. A abertura para o novo captura inventividade, pode nos tocar de modo sutil ou agressivamente desalojador, por escapar sobre as nossas mãos o controle do que emerge no encontro.

Inventivos, plásticos encontros possibilitam “até hoje não sei o que é ser psicólogo... Sei quem é Mil Cores psicólogo, se me perguntarem o que um psicólogo faz, eu posso dizer que sei o que eu faço” (Mil Cores).

Deste modo, mostra-se importante problematizar o modo como estamos, compreendendo o corpo no PP.

5.5 Transitando entre as instituições: o modo como o corpo é percebido no PP

Vou mostrando como sou e vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, jogando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto e passo aos olhos nus ou vestidos de lunetas, passado, presente, participo sendo o mistério do planeta. O tríplice mistério do stop que eu passo por e sendo ele no que fica em cada um, no que sigo o meu caminho e no ar que fez e assistiu, abra um parênteses, não esqueça... (Novos Bahianos, 1973).

É inevitável pensar no PP sem pensar no trânsito de plantonistas, supervisores e atores sociais entre as instituições. O transitar de pessoas nas diversas instituições pode ser compreendido como histórias e experiências tatuadas em um corpo. O corpo no PP sempre se desvelou para mim de algum modo. Retomo aos Novos Bahianos (1973), através da música Mistério do Planeta, por ter sido uma música que significou a minha experiência, durante esta pesquisa. Vou recordando e percebendo o quanto deixei e o quanto recebi nos trinta dias que transitei nas instituições. O corpo se mostrou em todas as narrativas. Assim, não poderia falar sobre o PP sem pensar no corporar, conforme compreensão do que Santos (2003, p. 260) nos diz:

Percepção, pensamento, expressões corporais pertencem ao corpo. Contudo, o movimento, o corresponder e a linguagem pertencem ao corporar. Corporar, portanto, transcende o corpo, pois não se limita à expressão, ao expressar-se. Esta está contida no corporar. Corporar, assim, é condição de possibilidade do corpo. O corporar, em última instância, é a própria comunicação entre homem e o mundo, pois é em sua movimentação em relação aos outros e às coisas que o homem imediatamente admite os significados presentes, sem a necessidade de conceituar.

Assim, compreendo que o corpo comunica a ação entre. O entre percorre os caminhos dos cactos nas trilhas dos ramos, como instrumento de linguagem, de expressão da relação do homem com o mundo, como condição da experiência. Importa mencionar que o corpo muitas vezes foi compreendido, enquanto postura, em diversas

situações, como postura corporal. Sinalizo um outro modo de compreender o corpo, por meio da ação.

Todas as instituições foram apresentadas e cartografadas por corpos em ação, por pessoas, por experiências e encontros. A instituição do HU, porém, me chama atenção, justamente por ter sido a instituição em que o corpo aparece em uma determinada dimensão, dimensão fortemente capturada nas narrativas dos cactos. Assim, gostaria de resgatá-los, principalmente por determinados espaços no HU serem conhecidos como zonas de guerra, em que há gritos de dor. Seriam gritos da dor do existir?

Recorro à narrativa de Coroa de frade, sobre a sua experiência no Pronto Socorro (PS), no HU: “É, eu acho que, para mim, o grito de dor, que é o som ambiente do PS, era muito angustiante. Eu quase que não queria interromper aquele grito de dor, sabe? Não queria interromper, nem queria estar ali no meio...” (Coroa de frade); “me arrepio por compreender o impacto do “nem queria estar ali no meio.” Ainda me pego, pensando, como acessar esta pessoa que grita a insuportável dor de existir de modo literal naquele hospital, naquelas condições de existência? (Diário da Pesquisadora). No HU, há um setor que tem som característico, considerado por Coroa de frade, como “som ambiente do PS.” Este som comunica corpos em transformação, acessando seu estado de dor em acontecimentos indesejáveis para a existência humana, sendo angustiante, para Coroa de frade, transitar neste lugar.

“O PS foi o setor que me impactou pelo desassossego do outro e me desassossega, me angustia... e confesso, me paralisou. Eu só sentia que, ali, eu era um peso” (Diário da Pesquisadora). De outro modo, o supervisor Mil Cores, atravessado pela experiência angustiante de estar no HU, segue perquirindo junto com os plantonistas. “Como que se deu a escolha pela pessoa que vocês foram até o encontro? Porque vocês, de certo modo, escolheram alguém para estar lá. Os meninos me diziam: – Ah, sei lá, era meio por conta de um olhar cabisbaixo” (Mil Cores). Compreendo esse processo clínico-investigativo como uma tentativa, inclusive, de compreender a Ação Clínica de cada plantonista, diante do inesperado. Continua: “Falei: -‘ah, então, se vocês veem uma pessoa que está feliz no hospital, vocês não vão até ela?’[...] Será que somente as pessoas que estão tristes querem comunicar do seu sofrimento? Pessoas

felizes não querem comunicar da sua alegria?” (Mil Cores). Neste momento, “acesso a minha experiência, enquanto plantonista... por vezes, também busquei olhares e corpos que sinalizassem uma possível abertura para a escuta, cristalizados, talvez, no fantasioso sentido de que somente a tristeza pode ser comunicada no PP; minimalista demais, não?” (Diário da pesquisadora).

Quando Mil Cores questiona como se deu a escolha pela pessoa para o atendimento, percebo o transitar dos plantonistas por entre corredores e leitos no HU, como um processo de estar à procura de... Estar à procura de foi se constituindo como uma busca por atendimento, por meio de um corpo que sinaliza um chamado, triste e/ou cabisbaixo. Seria esta uma tentativa de desenvolver uma técnica? Buscar através do corpo uma linguagem que comunique “estou em sofrimento” e/ou “veja através da minha expressão corporal.” Assertivamente, Mil Cores questiona: – “As pessoas que estão felizes não querem comunicar da sua alegria?” Como uma tentativa de controlar o corpo acaba sendo criado um formato de que só pessoas visivelmente tristes buscam o PP. De que modo estamos nos aproximando dos nossos clientes? Na tentativa de compreender esse fenômeno no HU, “comecei a me questionar bastante, se era um olhar demandante que chamava atenção” (Mil Cores).

Um entrelaçamento de compreensões na própria supervisão clínica vai sendo fortalecido: “um dos plantonistas chegou para mim e disse que viu uma perna de uma pessoa, numa enfermaria que estava com a porta aberta e ele disse que viu uma perna, e ele disse que isso chamou a sua atenção e ele foi...” (Mil Cores), o que atravessa o diálogo de Facheiro sobre Merleau Ponty, quando aponta: “ele fala disso né, de não existir um só olhar, das coisas serem construídas, de existir uma obra de arte, mas ela nunca está finalizada, ela sempre vai sendo construída, através de olhares de quem está olhando para ela, né?” (Facheiro).

Será que, dependendo do caso clínico, o “já não posso mais” e/ou “ainda não posso,” por isso, ele procura por olhares tristes e/ou cabisbaixos? Como se a experiência de limitação, por estar no hospital, surgisse e somente ela pudesse ser comunicada.

Mil Cores nos apresenta a importância do diálogo como possibilidade de resignificar a procura do HU. Antes a procura era, de certa forma, orientada pela dimensão limitadora do olhar; hoje, como é compreendida como possibilidade de se

aproximar do paciente, não só pelo olhar que captura o plantonista, mas pela linguagem corporal, que expressa sofrimento. Nesta direção, Facheiro nos apresenta a importância da pluralidade do olhar, como obra de arte, “na arte, o ser *aparece* como belo. Aparecer é levantar-se, iluminar-se de repente a totalidade do que surge” (Borges, 2019, p 70). Sendo assim, o aspecto limitador “pode aparecer como falta de liberdade, como um aprisionamento, pois confundimos muitas vezes liberdade com poder tudo. Mas liberdade não significa poder tudo, pois o poder escolher alguma coisa supõe renunciar a outras” (Pompéia & Sapienza, 2011, p. 83).

De algum modo, o libertar-se do aprisionamento, por determinadas condições do paciente, pode encaminhar outro modo de Ação Clínica. Inicialmente, o atender unicamente ao olhar, que demonstra sofrimento, dificulta liberdade para agir, impedindo outras possibilidades de comunicação com estes corpos no HU, agora compreendidos como modo de comunicação com o mundo. De modo mais apropriado “o que eu vejo, na verdade, não é um olhar demandante, é uma presença inquietante que pede por algo e que solicita da gente que a gente se aproxime. É assim que os meninos fazem hoje lá” (Mil Cores). Atribuir sentido às possibilidades de comunicação é um modo de acessarmos a linguagem, aqui, “que não é necessariamente uma fala verbal – é, antes, um mostrar, um deixar-ser daquilo que vem à abertura, em razão do relacionar-se estar fundamentado na compreensão do ser” (Santos, 2003, p. 261).

Sombras refrescantes: ramific(a)ções entre cactos

Não era à toa que ela entendia os que buscavam caminho. Como buscava arduamente o seu! E como hoje buscava com sofreguidão e aspereza o seu melhor modo de ser, o seu atalho, já que não ousava mais falar em caminho. Agarrava-se ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre árvores, o atalho onde ela fosse finalmente ela, isso só em certo momento indeterminado da prece ela sentira. Mas também sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o outro, estaria salva e pensaria: eis o meu porto de chegada. Mas antes precisava tocar em si própria, antes precisava tocar no mundo (Lispector, 1998, p. 56-57).

Como viajante, narradora de histórias, busco, enquanto pesquisadora, compartilhar possibilidades compreensivas, na tentativa de responder à questão norteadora da presente pesquisa.. Nesta direção, apresentarei algumas compreensões sobre a Ação Clínica de psicólogos que realizam Plantão Psicológico em instituições, tendo os pressupostos fenomenológicos hermenêuticos, presentes na Analítica Existencial de Martin Heidegger, como eixo norteador para as possibilidades compreensivas tecidas.

Considero importante, ainda, retomar a metáfora utilizada no caminhar da pesquisa. Ramo foi o sentido atribuído às instituições onde tive acesso aos serviços de Plantão Psicológico. Os atores-colaboradores foram nomeados de cactos: Mil Cores, Facheiro, Mandacaru, Xique-xique e Coroa de frade, que compartilharam e testemunharam suas experiências, enquanto plantonistas e supervisores. As entrevistas narrativas e o diário de campo foram compreendidos, partindo dos pressupostos da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, aqui metaforizada, enquanto caule.

Início com as “singularidades do PP e seus diversos ramos,” nos quais foram desvelados modos singulares de apresentação e vinculação ao Plantão. Neste sentido, o PP é compreendido como encontro, considerado como acontecimento clínico. Foi também possível tematizar acerca da supervisão de campo, como via de acesso, sobretudo ao acontecimento clínico, subsidiando o fazer-saber, criativo e apropriativo dos diversos atores/cactos.

Cada Plantão, enquanto abertura para o encontro, desvela o encontro com os estrangeirismos próprios da inquietação/curiosidade, por estar em ação. O estrangeiro

inquieta, mobiliza para a busca de compreensão de sentido, como via de acesso, tanto da Ação Clínica desenvolvida, como da instituição na qual cada ator está inserido. Nesta direção, a pesquisa possibilitou também compreender que a Ação Clínica se desvela em ressonâncias com o mistério, próprio da natalidade. Sobretudo, enquanto revelação das possibilidades do novo.

O início da ação em um/uma território/instituição refina a criatividade para o novo, sendo possibilidade de tematização da Ação Clínica, própria de cada plantonista. O trânsito cotidiano dos plantonistas em instituições surgiu como uma construção de sentido singular, que se apresentou como acontecimento clínico. Nesta direção, o encontro foi valorizado enquanto possibilidade de diálogo compartilhado, ressaltando a dimensão ética, estética e política da Ação Clínica.

Os cactos, habitando os ramos, apontaram, nas suas narrativas, diversas trilhas, como via de acesso aos ramos-plurais (diversas instituições), caminho vasto, por nós, percorrido. Ramos-plurais foi uma compreensão possível, através do acontecimento da pesquisa, pois cada experiência testemunhada em ramos, em sua possível singularidade, foi tecida em meio plural, como resultado da coautoria, entre plantonista, ator social, supervisor e pesquisadora. A experiência tatuou em nós novos modos de nos reconhecermos enquanto atores singulares e plurais. Na tentativa de afinar, instante por instante, o meu modo de trilhar caminhos entre as instituições, me surpreendi com o desalojamento da angústia própria do inesperado. Descobri que estava, também, experienciando minha Ação Clínica, ao transitar pelos diversos ramos.

Na tentativa de compreender as diversas possibilidades de fazer PP, deparo-me com a riqueza do acesso à pluralidade-singular das florestas habilidosas; cada Cactos, com sua singularidade, narrou seu modo de fazer, (des)velando o acontecimento da sua Ação Clínica e o seu modo de compreender o PP. Tive acesso, por meio da entrevista narrativa, a diversos modos de tecer reflexões sobre a formação de psicólogos-plantonistas... estes sopraram ventos que transformaram e transmutaram a minha relação com o PP. Retomo a trilha entre ramos, por meio das descobertas da minha peregrinação com os cactos.

Trilhando pelos caminhos apontados, vai se desvelando o PP, como acontecimento clínico, e a Ação Clínica vai se apresentando como modo de ser

cuidadoso no encontro com os outros. O encontro que acontece na relação dialógica entre psicólogo e usuários do PP não se apresenta como uma técnica aplicada, mas, enquanto dimensão própria e característica da prática psicológica, possibilita uma apropriação compreensiva do acontecimento da experiência. As ressonâncias do atendimento clínico se desvelam, também, por meio da supervisão, ao possibilitar outros modos de compreender a experiência e, nesta direção, é um espaço de mostraçã e emergência de sentido.

Por se tratar de acontecimento clínico, cada instituição demandou, dos atores-colaboradores, diferentes modos de compreender os serviços, bem como o seu modo de estar em cada ramo. Assim, a experiência narrada aponta para diversos desdobramentos relacionados ao atendimento individual, em grupo e domiciliar no PP, caracterizando os serviços ofertados, enquanto atividades de pesquisa e extensão.

A Ação Clínica também pôde ser tematizada, por meio da produção de diários, que, enquanto experiência escrita, foi fonte poética e criativa para a elaboração da Ação Clínica. Nesta direção, o diário se apresenta como um espaço rico para narrar a experiência do pesquisador, com suas diversas nuances afetivas e diversidades, dimensões que foram se apresentando ao transitar nos diversos ramos/instituições.

Enquanto experiência falada e compartilhada, a supervisão de campo, seja a coletiva ou a individual, se apresentou também como um espaço frutífero, para a tematização da sua experiência, enquanto árvore habilidosa. Ser plantonista é ser um clínico-pesquisador ou um pesquisador-clínico?

Angústias, limitações e estranhezas mostraram-se como modos possíveis para o amparo e acolhimento da experiência com-partilhada. O vigor do tempo no plantão em instituições não é compreendido como uma sucessão de agoras. Os diferentes modos de existir são apreendidos como modos singulares de existir no mundo com os outros. Assim, a temporalidade se mostra presente nesta troca da experiência plural e singular. Compreendi que a experiência de ser plantonista é tecida em coautoria. Mesmo que o atendimento seja em dupla, me foi apresentado que a experiência nos ramos.. Estar entre ramos possibilitou alinhar o fio condutor da elaboração da experiência que se mostra nos diversos modos de fazer PP, como acontecimento clínico, como compartilhamento que acessa o cuidado.

Importa ressaltar: diante de tal contexto, é possível indicar que a intenção natural de tender a cristalizar se mostra para nós, dificulta a abertura, para compreender o novo. Na tentativa de não sucumbir diante de tal tendência, posso anunciar que o PP, nos diversos ramos, se mostrou, para mim, em diversos aspectos, com o caráter de novidade. Como abertura à nova experiência, em que não é possível retomar/dar continuidade aos encontros no plantão, é sempre o novo que se mostra e se coloca como desafio! Compreendo, então, que a elaboração da experiência é sempre inacabada, a ação clínica está em constante transformação, sendo via de acesso à natalidade de novas compreensões.

Outro aspecto a destacar, desvelado na pesquisa, é que toda narrativa, expressa linguagem, nos orienta no mundo, é próprio da condição humana. A linguagem nos apresenta uma realidade de *práxis* em instituições, falamos e expressamos uma narrativa que nos orienta. A realidade é sempre – entre, com o outro. A linguagem recolhe possibilidades compreensivas, enquanto abertura de caminho e de fala (com)partilhada. O plantonista é a própria narrativa, fundando mundos, descobrindo ramos. O que se mostra é o próprio contexto em que o Plantão acontece. Os plantonistas são novidades transformadoras. Acessamos a própria narrativa-viva.

A Ação Clínica se mostra como possibilidade de cuidado, não só para os atores-sociais/clientes, bem como para os plantonistas e supervisores nos ramos. O vigor do ser-sido ressoa na tematização da elaboração da Ação Clínica. Percebi a importância impulsionada pela fala, como possibilidade de apropriação da experiência de ser plantonista-supervisor-pesquisador. Possibilidade que desvela as tonalidades afetivas, que se apresentam onticamente na experiência clínica, que acontece na modalidade de prática psicológica do PP.

Por fim, a Ação Clínica dos plantonistas e supervisores no PP se mostrou como via de acesso à obra de arte poética, que se ramifica no acontecimento clínico. Perceber como cada Cactus “habitou” os diversos ramos possibilitou apontar a cartografia clínica, como possibilidade de configurar a trama significativa desenvolvida no cotidiano da instituição. Assim, meu corpo tatuado se transformou em caleidoscópio, completamente diversificado, pela convers(a)ção entre o discurso, cuidado, troca,

amparo e desamparo. Hoje, encontro-me mestiçada pelas relações tecidas em cada ramo.

Você se dispor a ser surpreendido no Plantão é uma construção genuína, que nunca se sabe exatamente qual é, é sempre possibilidade – haja fôlego!

Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Amaral, A. E. V., Luca, L., Rodrigues, T. C., Leite, C. A. Lopes, F. L., Silva, M. A. (2012). Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 37-52. Recuperado em jan de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Andrade, A. N. (1996). *A angústia frente ao Caos: um estudo genealógico da formação do psicólogo clínico*. Tese de doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Andrade, A. N., Morato, H. T. P., Schmidt, M. L. S. (2007). Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia.. In Rodrigues, M. M. P. & Menandro, O, P. R. M.. (Org.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*.. 1 ed. Vitória: Editora GM, v. 1, p. 193-206.
- Arendt, H. (2000). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, H. (2017). *A vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para jovens infratores*. Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-28072007-170628/>.
- Aun, H. A., & Morato, H. T. P. (2009). Atenção Psicológica em Instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In H. T. P. Morato, C. L. B. T. Barreto, & A. P. Nunes (Eds.), *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 121-138). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Aun, H. A., Morato, H. T. P., Noguchi, N. F. C., & Nunes, A. P. (2006). Transgressão e juventude encarcerada: outras versões a partir do plantão psicológico em unidades de internação da FEBEM/SP. *Imaginário*, 12(12), 35-53. Recuperado em 09 de jan

de 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100003&lng=pt&tlng=pt.

- Barreto, C. L. B. T. (2006). *Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, 215 p.
- Barreto, C. L. B. T. (2009). Modalidades de Prática Psicológica Clínica: Atenção Psicológica e Atitude Hermenêutica. In *IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção Psicológica: fundamentos, pesquisa e prática*, pp. 15-23.
Disponível em:
<https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-carmem1.pdf>. Acesso em: Abril, 2016.
- Barreto, C. L. B. T., Leite, D. F. C. C. S. (2016). Prática psicológica na perspectiva fenomenológica. In Evangelista, P. E. R. A.; Morato, H. T. P. (org). *Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia*. (Colóquios LEFE) 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P. M. (2008). A dispersão do pensamento psicológico. *Bol. psicol*, São Paulo, v. 58, n. 129, p. 147-160, dez. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em dez. 2017.
- Benjamin, W. (1985). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.
- Biselli, A. C. T., Barreto, C. L. B. T. (2013). O Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo e Formação do Psicólogo: Relato de uma Experiência. In Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P., Caldas, M. T. (orgs.). *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá. (pp. 231-258).
- Bock, A. M. B. (2009). *Psicologia e o compromisso social*. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez.
- Boff, L. (2017). *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes.
- Boff, L. (2014). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 20 ed. Petrópolis: Vozes.

- Borges-Duarte, I. (2019). *Arte e técnica em Heidegger*. 1ª e.d, Rio de Janeiro: Via Verita.
- Braga, T. B. M. (2010). *Supervisão de supervisão: grande angular fenomenológica na cartografia de práticas clínicas em contextos institucionais e comunitários*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Braga, T. B. M. (2014). *Atenção Psicológica e Cenários Sociais - Ação Clínica, instituições e Políticas Públicas na Promoção da Cidadania*. Curitiba: Juruá Editora.
- Braga, T. B. M., Farinha, M. G. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia , v. 23, n. 1, p. 65-73. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: dez, 2018.
- Braga, T. B. M., Farinha, M. G., Souza, F. C. & Oliveira, K. (2019). Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto , v. 20, n. 1, p. 99-112. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: mai, 2019.
- Braga, T. B. M., Ferreira, B. L., Takeshita, M. H., Delavia, F. S. (2013). Solicitude como modo de cuidar: atenção psicológica como cartografia clínica e plantão psicológico em hospital geral. In *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. (pp. 285-316) Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P., Caldas, M. T. (orgs). Curitiba: Juruá.
- Braga, T. B. M., Mosqueira, S. M., & Morato, H. T. P. (2012). *Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial*. *Temas em Psicologia*, 20(2), 555-570.
<https://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-20>.
- Braga, T. B. M., Nunes, A. P., Morato, H.T.P. e cols. (2002). *Espelho Mágico: Transformações num Serviço de Plantão Psicológico na Polícia Militar do Estado de São Paulo Relatório*. Técnico Científico São Paulo, IPUSP.

- Breschigliari, J. O., Jafelice, G. T. (2015). Plantão Psicológico: Ficções e Reflexões. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, 35(1), 225-237.
Disponível em:
<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000100225&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: abril, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000112014>.
- Buys, R. C. (2013). Psicologia Humanista. In *História da Psicologia*, Rumos e percursos. p. 383-392.
- Cabral, B. E. B.; Morato, H. T. P. (2013). A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. In Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P., Caldas, M. T. (org.) *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá, pp. 159-181.
- Cabral, B. E. B.; Morato, H. T. P. (2019). Redimensionando o valor da questão-bússola no horizonte da produção de conhecimento: para onde uma pesquisa pode apontar?. In Cabral, B. E. B., Szymanski, L., Moreira, M. I. B., Schmidt, M. L. S. (org.) *Práticas em Pesquisa e pesquisa como prática experimentações em Psicologia*. Curitiba: CRV, pp. 85-104.
- Camasmie, A. T. (2014). *Psicoterapia de grupo na abordagem fenomenológico-existencial: contribuições heideggerianas*. Rio de Janeiro: Via Verita Editora.
- Casanova, M. A. (2006). *Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cautella Junior, W., & Morato, H. T. P. (2016). O plantão psicológico como utensílio para metaforização da crise no hospital geral universitário da Universidade de São Paulo. In Fenomenologia existencial e prática em psicologia: alguns estudos. Rio de Janeiro: Via Verita.
- CFP - Conselho Federal de Psicologia. *Lei 4.119 de 27 de Agosto de 1962*. Brasília, Df. Disponível em:
https://site.cfp.org.br/leis_e_normas/lei-n-4-119-de-27-08-1962/. Acesso em: Julho, 2017.
- Cimino, A. P. N., Barreto, C. L. B. T. (2013). Prática Psicológica em Saúde Pública: a Dimensão Ético-Política do Cuidado nas policlínicas. In Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P., Caldas, M. T. (orgs).

Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica. Curitiba: Juruá.(pp. 231-258).

- Coin-Carvalho, J. E., & Ostronoff, V. H. (2014). Cuidado e transformação social: avaliação da implantação do plantão comunitário no Complexo da Funerária. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(2), 138-144. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2014000200006>.
- Correia, Adriano Natalidade e amor mundi: sobre a relação entre educação e política em Hannah Arendt. *Educação e Pesquisa* [online]. 2010, v. 36, n. 3 [Acesso em 18 Janeiro 2019] , pp. 811-822. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000300011>>. Epub 16 Maio 2011. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000300011>.
- Critelli, D. (1996). O movimento de realização e a realidade. In Critelli, M. D. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC/Brasiliense, p. 67-103.
- Critelli, D. M. (2012). *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC: FAPESP.
- Dantas, J. B., Dutra, A. B., Alves, A. C., Benigno, G. G. F., Brito, L. de S., & Barreto, R. E. M. (2016). Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. *Revista De Psicologia*, 7(1), 232-241. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/5597>
- Denzin, N., Lincoln, Y. (2006). *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In _____ e col. *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.
- Duarte, A. & César, M. R. A. (2011). Estética da existência como política da vida em comum: Foucault e o conceito de comunidades plurais. *O que nos faz pensar*, 31,(?), 153-173. Recuperado em nov, 2019, de, http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_31_10_andre_duarte_e_maria_rita_de_assis_cesar.pdf.
- Duarte, A. (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Duarte, L. F. (2008). Um serviço de atenção psicológica à terceira idade: à procura da demanda. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Doi:

10.116D6/D.47.2008.tde-13072009-144204. Recuperado em jul. 2017.

- Espósito, V. H. C. (1995). *Selecionando uma modalidade de pesquisa: implicações metodológicas*. São Paulo: PUC.
- Estés, C. P. (1996). *O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Farinha, M. G., & Souza, T. M. C. (2016). Plantão psicológico na delegacia da mulher: experiência de atendimento sócio-clínico. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 65-79. Recuperado em jan, 2017, de, http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Ferreira, R. S. (2006). Possíveis implicações da experiência com plantão psicológico para a ação do psicólogo clínico. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Figueiredo, L. C. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Psychê*, 11(21), 13-30. Recuperado em nov. 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Figueiredo, L. C. M. (2008). Matrizes compreensivas: o historicismo idiográfico e seus impasses. In *Matrizes do pensamento psicológico*. (pp.140-157). 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- Flick, U. (2002). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. São Paulo: ARTMED.
- Francisco, A. L. (2012). *Psicologia clínica: prática em construção e desafios para a formação*. 1ª ed. Curitiba: CRV.
- Francisco, A. L. (2016). Abordagem psicossocial como possibilidade de Ação Clínica em instituições. In Barreto, C. L. B. T. (coord.), Francisco, A. L., Walckoff, S. D. B. (org.) *Prática Psicologia em Instituição: diversas perspectivas*. Curitiba: CRV, 2016. (pp.139-148).
- Francisco, A. L. (2017). *Instituições e dispositivos institucionais*. Curitiba: Appris.

- Fujisaka, A. P., Kovács, M. J., Breschigliari, J. O., Rocha, M. C., Eisenlohr, M. G. V., & Schmidt, M. L. S. (2013). Plantão psicológico em centro-escola: tradição, reinvenções e rupturas. In *Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa*. Rio de Janeiro: Editora CRV.
- Gil, A. C. (2010). *O projeto na pesquisa fenomenológica*. In Anais IV SIPEQ, Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, pesquisa qualitativa: rigor em questão. USCS. Disponível em: <<http://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/44.pdf>>. Acesso em: set, 2016.
- Goffman, E. (2008). *Manicômios, prisões e conventos*. [tradução Dante Moreira Leite]. – 8ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Gomes, F. M. D. (2012). Plantão psicológico: atendimentos em situações de crise. *Vínculo*, 9(2), 18-26. Recuperado em 01 de maro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Guedes, C. F., M., Clarissa, G. da, S., Fernanda, G. S., Ianni, R., Sanches, P. R. P. (2009). Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação em Psicologia: a experiência na Bandeira Científica. *TransFormações em Psicologia* (Online) , 2(2), 32-50. Recuperado em dez, 2018. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Hegenberg, M. (2004). *Psicoterapia Breve*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Heidegger, M. (2015). O testemunho, segundo o modo de ser da presença, de um poder-ser próprio e a decisão. In *Ser e Tempo*. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Editora Universitária São Francisco, p. 268-372.
- Houaiss, A., Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª e.d. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kastrup, V.; Barros, R. B. (2009). *Cartografar é acompanhar processos*. In Virgínia Kastrup; Eduardo Passos; Liliana da Escóssia. (Org.). *Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. 2 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009, v. 1, p. 76-91.

- Lima, D. (2012). *Sonetos quase sidos*. Recife: Cepe.
- Lima, D. (2014). *Poemas 2*. Recife: Cepe.
- Lispector, C. (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1998). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1999). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Mahfoud, M. (org). (2012). *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. 2ª ed. Revista e Ampliada. Companhia Ilimitada: São Paulo.
- Mahfoud, M. (1987). *A Vivência de um Desafio: plantão psicológico*. In R. L. Rosenberg (Org.), *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa* (p. 75-83). São Paulo: EPU.
- Mahfoud, M. (2012). A vivência de um desafio: Plantão Psicológico. In Mahfoud, M. (org). *Plantão Psicológico: Novos Horizontes*. 2ª ed. Revista e Ampliada. Companhia Ilimitada: São Paulo.
- Minayo, M. C. S. (org.) (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Moraes, M. (2011). Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. *Pesquisas e práticas psicossociais*. v. 8, n. 2, p. 174-181.
Disponível em: <
https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume6_n2/Moraes.pdf> Acesso em: Mai, 2019.
- Morato, H. T. P. (2017). Por entre Plantão Psicológico e ação cartográfica clínica pelos “caminhos de floresta”. In Cabral, B. E. B.; Barreto, C. L. B. T., Kovács, M. J., SCHMIDT, M. L. S. *Prática Psicológica em instituições: clínica, saúde e educação*. Curitiba: CRV, p. 19-38.
- Morato, H. T. P. (1997). Experiências do serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP: Aprendizagem significativa em ação. *Boletim de Psicologia*, 47(106).
- Morato, H. T. P. (1999). Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinaridade. In H. T. P. Morato (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios* (pp. 61-89). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 61-89.

- Morato, H. T. P. (1999). Serviço de aconselhamento psicológico do IPUSP: aprendizagem significativa em ação. In *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morato, H. T. P. (2006). *Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar?* VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas. Vitória: UFES.
- Morato, H. T. P. (2009). Plantão Psicológico: Inventividade e Plasticidade. In *IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção Psicológica: fundamentos, pesquisa e prática*. p. 31-45. Disponível em: <<https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>>. Acesso em: Junho, 2016.
- Morato, H. T. P. (2015). *Por entre Plantão Psicológico e Ação Cartográfica Clínica pelos "Caminhos de Floresta"*. Livre-Docência – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mosqueira, S. M., Morato, H. T. P. & Noguchi, N. F. C. (2006). *Atenção psicológica: de plantão a acompanhamento na FEBEM/SP* [texto completo]. In Laboratório de Estudos e Prática em Psicologia Fenomenológica Existencial (Org.), Anais da I Jornada Plantão Psicológico em Aconselhamento Psicológico (p.194-203). São Paulo: Autor.
- Mozena, H. (2009). *Plantão Psicológico: estudo fenomenológico em um Serviço de Assistência Judiciária*. 169 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/232/1/Helen%20Mozena.pdf>>. Acesso em: Set, 2017.
- Muylaerf, J., Camila, J. (2014) . Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo , v. 48, n. spe2, p. 184-189. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342014000800184&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: maio, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>.

- Nunes, A. P, Morato, H. T. P. (2013). Plantão psicológico no Departamento Jurídico do "XI de agosto": relato de plantonistas. In Barreto, C. L. B. T. (Org.); Morato, H. T. P. (Org.), Caldas, M. T. (Org.) *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. 1ª ed. Curitiba: Juruá Editora, pp. 259-281.
- Oliveira, R. G. (2005). *Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do Estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, SP. Disponível em: <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-25092006-150414/pt-br.php>>. Acesso em: Dezembro, 2017.
- Oliveira, R. G., & Morato, H. T. P. (2009). Uma experiência de Plantão Psicológico à Polícia Militar do Estado de São Paulo: articulando compreensões. In H. T. P. Morato, C. L. B. T. Barreto, & A. P. Nunes (Eds.), *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução* (pp. 139-45). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Palmieri, T. H., Cury, V. E. (2007). Plantão psicológico em Hospital Geral: um estudo fenomenológico. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre , 20, 3, 472-479, 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: setembro, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000300015>.
- Paulon, S. M. (2004). Clínica Ampliada: Que(m) demanda ampliações? In T.G Fonseca & S. Engelman (Orgs.), *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: UFRGS, p. 259-274.
- Perches, T. H. P. (2009). *Plantão psicológico: o processo de mudança psicológica sob a perspectiva da psicologia humanista*. (Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro da Vida, Pós-Graduação em Psicologia). Campinas: PUC-Campinas.
- Pompéia, J. A., Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; ABD.
- Pompéia, J. A., Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita.

- Ramos, M. T. (2012). Plantão psicológico em instituição de longa permanência para idosos: um estudo fenomenológico. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Rebouças, M. S. S., Dutra, E. (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, 16, 1, 19-28. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: junho, 2016.
- Ribeiro, V. M. L. (2019). O paradigma estético de Félix Guattari. *Griot: Revista de Filosofia*, Amargosa, BA, v.19, n.1, p.1-24.
- Rosenberg, R. L. (Org.) (1987). *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*. São Paulo: EPU.
- Sá, R. N., Barreto, C. L. B. T. B. (2011). A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos de Psicologia* [en linea], Campinas, 28, 3, 389-394, julho-setembro. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3953/395335659011.pdf>>. Acesso em: Set, 2016.
- Safra, G. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Safra, G. (2005). A face estética do ser. In *A face estética do self: teoria e clínica*. (pp. 33-55). 8ª ed. Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Santos, B. S. (2011). *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 3ª ed. São Paulo: Cortez.
- Santos, S. E. de B. (2016). “Olha!... Arru(A)ção!?!...” A Ação Clínica no Viver Cotidiano: Conversação com a Fenomenologia Existencial. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco.
- Schmidt, M. L. S. (1999). Aconselhamento Psicológico e Instituição: Algumas Considerações sobre o Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP, In Morato, H.T.P. (org.) *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa - Novos Desafios*, São Paulo, Casa do Psicólogo.

- Schmidt, M. L. S. (2009). O nome, a taxonomia, e o campo do Aconselhamento Psicológico. In Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T., & Aun, P. N. (Eds.), *Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1-21.
- Schmidt, M. L. S. (2015). Aconselhamento psicológico como área de fronteira. *Psicol. USP*, São Paulo, 26, 3, 407-413. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642015000300407&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: março, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140033>.
- Schultz, D. P.; Schultz, S. E. (2011). *Teorias da Personalidade*. 2ª ed. São Paulo, Cengage Learning.
- Scorsolini-Comin, Fabio. (2014). Plantão psicológico centrado na pessoa: intervenção etnopsicológica em terreiro de Umbanda. *Temas em Psicologia*, 22(4), 885-899. Recuperado em jan. 2017. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-16>.
- Serres, M. (1993). *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Serres, M. (2005). *O incandescente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Silva, M. S., Campos, E. E. O. P. (2011). O sofrimento (pathos) enquanto condição para a existência: uma leitura em Kierkegaard. *Griot - Revista de Filosofia, Brasil*, 3, 1, 94- 108. Disponível em:
<<http://www.ufrb.edu.br/griot>>. Acesso em: Janeiro, 2018.
- Szymanski, H. (2004). Plantão psicoeducativo: novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. *Psicologia da Educação*, (19), 169-182. Acesso em jun de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Tassinari, M. A. A. (2010). Abordagem Centrada na Pessoa e suas dimensões. In Carrenho, E., Pinto, M. A. S. & Tassinari, M. *Praticando a Abordagem Centrada na Pessoa: dúvidas e perguntas mais frequentes*. São Paulo, SP: Carrenho Editorial, 95-105.
- Tassinari, M. A., Durange, W. (2011). Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. *Rev. NUFEN*, São Paulo, 3, 1, 41-64. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S21

75-25912011000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2017.

Thiollent, M. (1986). *Metodologia da pesquisa - ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.

Yehia, Gohara Yvette. (2004). Interlocuções entre o plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 21(1), 65-72. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2004000100006>.

Anexos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa sobre o “Plantão Psicológico em instituições: uma compreensão Fenomenológica Existencial”.
2. Você foi selecionado através da Amostragem Intencional e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
5. Os objetivos deste estudo são:

Objetivo Geral:

Compreender a ação clínica de psicólogos no Plantão Psicológico em instituições, a partir de pressupostos fenomenológicos existenciais.

Objetivos Específicos:

- Apresentar o percurso histórico do Plantão Psicológico.
- Problematizar as singularidades dos modos de fazer o Plantão Psicológico em instituições.
- Compreender as diversas possibilidades de Plantão Psicológico em instituições.

Meta:

- Aprofundar as discussões sobre a prática do Plantão Psicológico, para a formação de Psicólogos;

6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em: narrar sua experiência profissional a partir de uma pergunta disparadora.

7. Os riscos relacionados com sua participação são: Há a possibilidade de surgir, um possível desconforto, a partir da narrativa da experiência dos coparticipantes ao realizarem as entrevistas. Por compreendermos que, conteúdos subjetivos, especialmente do caráter emocional, que necessitam de escuta e intervenções específicas, podem surgir, os mesmos poderão ser encaminhados ao Serviço de Aconselhamento Psicológico da Universidade de São Paulo, afim de que possam ser atendidos pelos psicólogos da clínica, se necessário, me disponibilizo para acolher o colaborador.

8. Os benefícios relacionados com a sua participação são para o próprio coparticipante, na medida em que a narrativa possa possibilitar elaboração e reflexões pertinentes a atuação. Para as instituições participantes, os resultados obtidos serão divulgados para a equipe do serviço de Plantão Psicológico, podendo contribuir para modos de intervenções eficazes e pensar em possibilidades de atuação de estágios nas clínicas-escola. Para a comunidade acadêmica, possibilitará reflexões sobre a temática, bem como métodos possíveis para o aprimoramento da produção científica; e para a sociedade em geral, acesso aos resultados finais, poderão ser amplamente divulgados e compartilhados.

9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade).

11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto
Rua Almeida Cunha, 245 – Bloco G4 – 3º andar, sala 304. Boa Vista, Recife – PE
– CEP: 50.050-480.
Fones: (81) 2119-4134
(81) 2119-4406

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81) 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, _____ de _____ de 2017

Colaborador da pesquisa (*)

OBSERVAÇÃO: Incluir informação sobre patrocinador (se pertinente); incluir informação sobre destino e guarda de materiais (se pertinente); incluir informação sobre estudo multicêntrico (se pertinente); utilizar linguagem compreensível para população alvo. No caso de pesquisas relacionadas com ações terapêuticas ou diagnósticas, explicitar os métodos alternativos, os riscos e benefícios de não utilizá-los.